

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP**

Liza Iole da Silva Caetano

**A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO  
E ESTÍMULO AO PERTENCIMENTO ÀS CIDADES ESTIGMATIZADAS**

**Belo Horizonte**

**2021**

Liza Iole Da Silva Caetano

**A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO  
E ESTÍMULO AO PERTENCIMENTO ÀS CIDADES ESTIGMATIZADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência - Mestrado Profissional do Departamento de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Linha de Pesquisa: Educação em Museus e Divulgação Científica

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Rachel de Sousa Vianna

**Belo Horizonte**

**2021**

C128e  
T

Caetano, Liza Iole da Silva, 1986-

A educação patrimonial como instrumento de (re)significação e estímulo ao pertencimento às cidades estigmatizadas [manuscrito] / Liza Iole da Silva Caetano. - Belo Horizonte, 2021.  
116 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Bernardo Jefferson de Oliveira.

Coorientadora: Rachel de Sousa Vianna.

Bibliografia: f. 90-95.

Anexos: f. 96-116.

1. Educação -- Teses. 2. Educação patrimonial -- Estudo e ensino -- Teses. 3. Educação patrimonial -- Métodos de ensino -- Teses. 4. Patrimônio cultural -- Estudo e ensino -- Teses. 5. Cultura -- Estudo e ensino -- Teses. 6. Comunidade e escola -- Ribeirão das Neves (MG) -- Teses. 7. Ribeirão das Neves (MG) -- Educação -- Teses. 8. Ribeirão das Neves (MG) -- Patrimônio cultural -- Teses.

I. Título. II. Oliveira, Bernardo Jefferson de, 1961-. III. Vianna, Rachel de Sousa, 1965-. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 351.807

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP



## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA LIZA IOLE DA SILVA CAETANO

Realizou-se no dia 24 de fevereiro de 2021, às 14:00 horas, por Webconferência, pela plataforma Zoom, a 273ª Defesa de dissertação, intitulada **A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO E ESTÍMULO AO PERTENCIMENTO ÀS CIDADES ESTIGMATIZADAS**, apresentada por LIZA IOLE DA SILVA CAETANO, número de registro 2019653731, graduada no curso de PEDAGOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Bernardo Jefferson de Oliveira - Orientador (UFMG), Profa. Adriana Mortara Almeida (UFMG), Profa. Rachel de Sousa Vianna (Escola Guignard), Profa. Verona Campos Segantini (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Aprovada com indicações de correções

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

---

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.  
Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 2021.

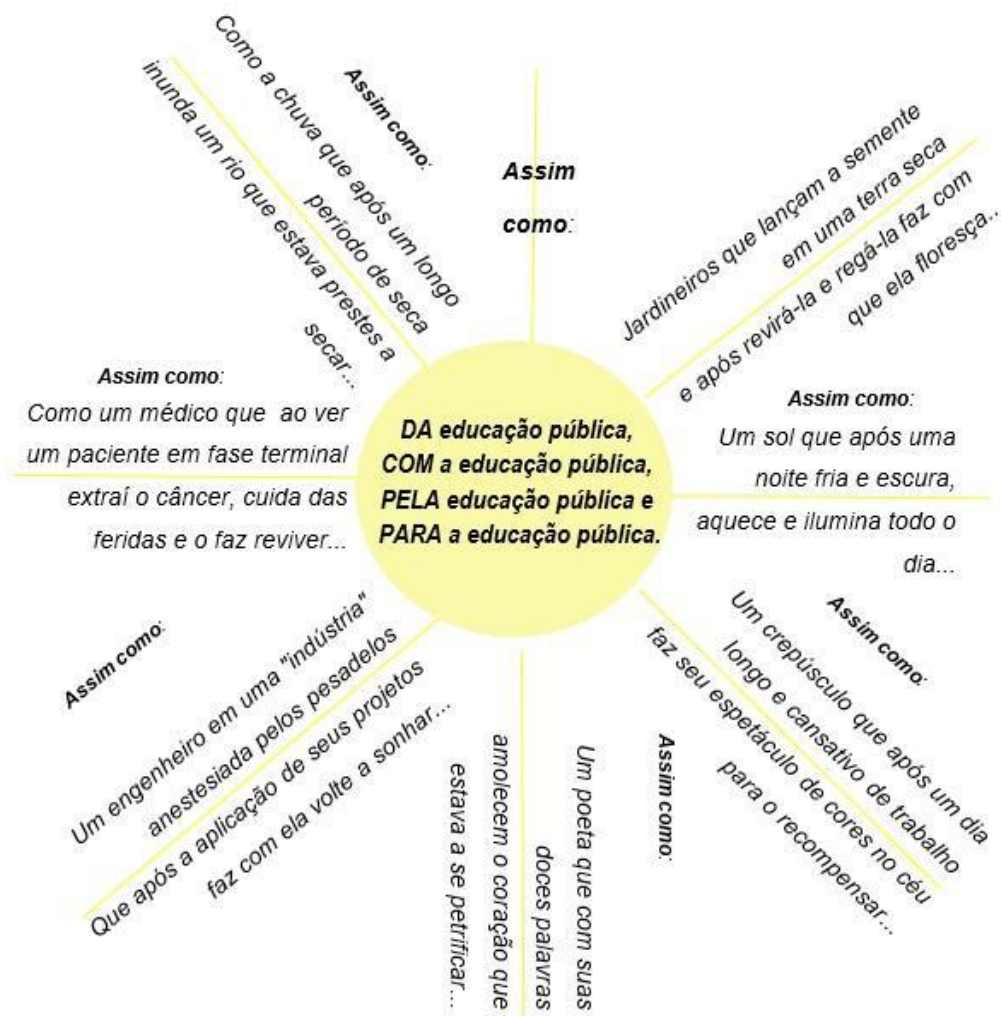
Prof. Bernardo Jefferson de Oliveira (Doutor)

Profa. Adriana Mortara Almeida (Doutora)

Profa. Rachel de Sousa Vianna (Doutora)

Profa. Verona Campos Segantini (Doutora)

*Dedico essa dissertação aos meus alunos, ex-alunos  
e futuros alunos;  
aos profissionais da educação, da cultura;  
aos diversos coletivos e cidadãos nevensenses;  
aos cidadãos de cidades, bairros, comunidades  
estigmatizadas;  
aos que escolheram a docência, não pelo título,  
mas pela função social e pela possibilidade de  
plantar esperanças nos corações.*



*Liza Iole da Silva Caetano (2020)*

## AGRADECIMENTOS

Fazer uma lista de agradecimentos não é uma tarefa fácil, os agradecimentos são infundáveis. Mas queria explicitar alguns nomes que contribuíram diretamente neste processo.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e por permitir minha chegada até aqui. À minha família, em especial ao meu marido Charles e aos meus filhos Victor e Miguel, pela paciência, por tolerar minhas ausências, pelo incentivo e acalento nos momentos em que eu mais precisava. Aos meus pais, irmãos, tias, primas e avó que se alegraram e comemoraram cada conquista, que cuidaram da minha família quando estive fora e me deram segurança, carinho em todo o percurso. À minha “irmã” branca, Andreza Ferreira Noia, que me apresentou esse mundo incrível da educação e foi uma força propulsora para que pudesse mergulhar na profissão docente.

Ao orientador desta pesquisa, Bernardo Jefferson de Oliveira, que foi para mim uma grande inspiração, contribuiu com sua vasta experiência, apontando caminhos precisos para as inúmeras ideias que foram surgindo, instigando-me às diversas reflexões, sem retirar minha autonomia. À coorientadora, Rachel Sousa Vianna, pelo carinho, leitura cuidadosa e compartilhamento de conhecimento. Às convidadas que compuseram a banca de qualificação e a banca examinadora, professoras Lanna Mara Castro, Verona Sagatini e Adriana Mortara, por compartilharem experiências e contribuírem com novos apontamentos e reflexões. Aos professores do Programa de Mestrado Profissional Ensino e Docência da Faculdade de Educação da UFMG por contribuírem para meu crescimento acadêmico e profissional, em especial ao professor Jezulino Lúcio que me acompanhou desde a banca de seleção e esteve presente em todo processo do mestrado, à professora Licínia Correa que me acolheu, incentivou e vibrou com cada realização. Aos meus parceiros mestrados, pelos compartilhamentos e união em todo processo, ao Moacir, que foi meu parceiro de pesquisa e trocamos muitas figurinhas, à Akemi, pelo carinho sempre. À equipe do programa Afirmção na Pós da UFMG e parceiros de luta, em especial a coordenadora Shirley Miranda, à Silvia Regina e à Deise Kinsk, minha tutora do coração, que me acolheu, auxiliou-me, aconselhou-me, ouviu meus desabafos e contribuiu de maneira imensurável para meu pensamento científico, desde quando o projeto era só hipóteses.

À toda equipe da Escola Municipal Analito Pinto Monteiro, em especial à diretora Michele Eloína, à pedagoga Nanci Ramos, às professoras Cláudia Cassini, Cláudia Catisani, Dilma Helena, Hélia Meira, Márcia de Cássia, Michele Rosa, Sheila Fabiente, Tânia Prates, Viviane Simões, à estagiária Anaely Meira e a secretária Camila Katyucia, por contribuírem

em todo processo e me incentivarem nesta busca. Aos estudantes, mães e munícipes que contribuíram e estiveram presentes no desenvolvimento do projeto.

À Prefeitura Municipal de Ribeirão das Neves, em especial ao prefeito Junynho Martins pelo reconhecimento e apoio na liberação para capacitação de professores no Canadá. Ao secretário Túlio Raposo, ex-secretário de governo Tharsis Bastos e a Genice Figueiredo que se mobilizaram e articularam em prol desta liberação. Às Secretarias Municipais de Educação, Esporte e Cultura de Ribeirão das Neves, em especial a secretária Dolores Kícila pelo apoio, reconhecimento, contribuição para ampliar o projeto, pela confiança em mim depositada e por me possibilitar contribuir para a educação pública e cultura nevensense. À superintendente, Paula Peixoto, pela acolhida, apoio e parceria, desde o início do projeto, em 2019. Ao secretário Erick Fonseca pelo reconhecimento do projeto e incentivo para distribuição dos livros nas escolas, quando ele ainda era um esboço, ao Eduardo Rodrigues pela parceria e auxílio.

Ao professor Edison Antônio, pela disponibilidade em ler meus textos e sempre contribuir com boas ideias. Às intérpretes de libras Andrea Pereira, Ana Amélia Gonçalves e Isabella Machado pela parceria e cuidadosa interpretação do livro que integra esta dissertação. Ao diretor Antônio Cleber Miranda que contribuiu para a validação da audiodescrição do livro possibilitando maior acessibilidade ao livro. Aos designers Rubens Rangel, Deborah Coelho e Fernanda Gabriela pela parceria para ilustração, design, editoração e diagramação do livro, ao aluno Rafael Filipe pela criação e ilustração dos personagens do livro.

À PROEX/CAPES pelo apoio financeiro para a reprodução dos recursos didáticos desta pesquisa, à CAPES pela bolsa de estudos pelo Programa de Desenvolvimento de Professores da educação básica no Canadá. Aos professores de todo o Brasil que compartilharam e compartilham experiências, angústias e desafios.

Gratidão aos que contribuíram diretamente e indiretamente para o desenvolvimento desta pesquisa, ao Sr. Dirceu, Rodolfo Ataíde, a galera do rap, e a todos que compartilharam experiências, fotos ou mesmo uma simples conversa, meu MUITO obrigada

**Resumo:** Como a incorporação da educação patrimonial nas escolas pode contribuir para a (re)construção da identidade cultural em cidades estigmatizadas? Esta é a questão que orienta nossa pesquisa, que tem como objetivo desenvolver estratégias e materiais educativos para a (re)construção da identidade cultural de cidades estigmatizadas. Nosso foco foram escolas municipais de Ribeirão das Neves, mas esperamos que os resultados desta pesquisa possam servir também a educadores de outros municípios com características e desafios semelhantes. Usamos a metodologia de inventário participativo, que busca estimular a comunidade a atuar como protagonista na identificação e valorização de suas referências culturais. Como resultado da pesquisa foi desenvolvido um kit de Educação Patrimonial composto por um livro infantil acessível, jogos e site com versões em libras, audiodescrição e material complementar para o professor. O material didático foi desenvolvido com a participação dos estudantes, por meio do projeto interdisciplinar “Redescobrir e valorizar o lugar onde eu vivo” e com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG foi distribuído em todas as escolas municipais de Ribeirão das Neves. O texto apresenta reflexões sobre a Educação Patrimonial e aponta um caminho para auxiliar no pensamento crítico e na (re)construção da identidade cultural de cidades estigmatizadas, com oportuna ressignificação dos espaços e das memórias. O estudo parte do pressuposto de que é importante ampliar o conhecimento e valorizar o patrimônio local em municípios que têm uma imagem pública negativa, como lugar de violência e de pobreza. Esses fatores fazem com que seus próprios moradores evitem identificação e pertencimento. Assim, encontramos na Educação Patrimonial, em concomitância com a aprendizagem centrada no discente, a possibilidade da recriação de novas narrativas e novos significados. A história não é única e outras histórias devem ser contadas. Esse foi o nosso maior desafio, lançamos uma pequena “semente” de contribuição, que requer preparação, energia, cultivo e tempo para germinação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Patrimonial, escola, metodologia de ensino, material didático, cidades estigmatizadas, Ribeirão das Neves



**Abstract:** How can the incorporation of heritage education in schools contribute to the (re) construction of cultural identity in stigmatized cities? This is the question that guides our research, which aims to develop educational strategies and materials for the (re) construction of the cultural identity of stigmatized cities. Our focus was on municipal schools in Ribeirão das Neves, but we hope that the results of this research can also serve educators from other municipalities with similar characteristics and challenges. We use the participatory inventory methodology, which seeks to encourage the community to act as a protagonist in identifying and valuing their cultural references. As a result of the research, a Heritage Education kit was developed, consisting of an accessible children's book, games and a website with versions in Braille, audio description and complementary material for the teacher. The didactic material was developed with the participation of students, through the interdisciplinary project "Rediscovering and valuing the place where I live" and with the support of the Dean of Extension of UFMG was distributed in all municipal schools in Ribeirão das Neves. The text presents reflections on Patrimonial Education and points out a way to assist in critical thinking and in the (re) construction of the cultural identity of stigmatized cities, with timely redefinition of spaces and memories. The study is based on the assumption that it is important to expand knowledge and value local heritage in municipalities that have a negative public image, as a place of violence and poverty. These factors make their own residents avoid identification and belonging. Thus, we find in Heritage Education, in conjunction with student-centered learning, the possibility of recreating new narratives and new meanings. The story is not unique and other stories must be told. This was our biggest challenge, we launched a small contribution "seed", which requires preparation, energy, cultivation and time for germination.

**Key words:** Heritage Education, School, Active Methodology, Didactic Material, stigmatized cities, Ribeirão das Neves

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tríade conhecer, refletir e transformar .....	18
Figura 2 - Cachoeira Lajinha .....	21
Figura 3 - - Primeiro Mascote de Ribeirão das Neves.....	43
Figura 4 - Festa “Boi da Manta” .....	44
Figura 5 - Paineis de grafite, bairro Neviana.....	49
Figura 6 - Pórticos e Portais de Ribeirão das Neves .....	52
Figura 7 - Síntese do <i>Design Thinking</i> .....	54
Figura 8 - Visita à Igrejinha da Colina .....	61
Figura 3 - Releitura da Igrejinha e registro fotográfico.....	62
Figura 4 - Visita à horta .....	62
Figura 5 - Construção da maquete.....	63
Figura 6 - Atividades de valorização da diversidade étnico-racial .....	63
Figura 7 - Escultura com Fita adesiva .....	64
Figura 8 - Visita a comunidade Irmã Dulce.....	65
Figura 9 - Visita dos “Patrimônios vivos” .....	66
Figura 10 - Espaços da escola .....	67
Figura 11 - Paineis “Neveswood”.....	67
Figura 12 - Bairro Vereda em 2009 e 2019 .....	68
Figura 13 - Paineis com registro dos passeios.....	68
Figura 14 - Mesa central com a maquete, bonecas e bonecos de pano .....	68
Figura 15 - Ilustração da visita à horta .....	69
Figura 16 -Esboço Igrejinha da Colina e Campanário .....	80
Figura 17 - Rascunho dos personagens “Bela” e “Bob Bil” .....	81
Figura 18 - Protótipo sem intervenção profissional .....	82
Figura 19 - Releitura profissional dos personagens Bella e Bob Bill .....	82
Figura 20 - Protótipo com intervenção profissional.....	83
Figura 21 - Jogo da Memória .....	87
Figura 22 - Jogo quebra-cabeça .....	88
Figura 23 - Kit de Educação Patrimonial .....	88

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Pontuação de ICMS Patrimônio Cultural de Ribeirão das Neves .....	31
Gráfico 2 - Pontuação ICMS Patrimônio Cultural de cidades da RMBH.....	32
Gráfico 3 - Crescimento Populacional de RN .....	35
Gráfico 4 - O que considera importante no município? .....	58
Gráfico 5 - Avaliação do evento.....	74
Gráfico 6 - Pertencimento.....	75
Infográfico 1 - Representações nos desenhos.....	70

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bens culturais protegidos do Município de Ribeirão das Neves.....	37
Quadro 2 - Memorial Fotográfico - Capacitação no Canadá.....	59
Quadro 3 - Registros sobre os “Patrimônios vivos” .....	71
Quadro 4 - Registro de avaliação do projeto pelos estudantes .....	72

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ICMS	Imposto sobre circulação de mercadoria e prestação de serviços
ICOM	Conselho Internacional de Museus
IEPHA	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
SMED	Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão das Neves
SMPC	Sistema Municipal do Patrimônio Cultural
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
PNSM	Plano Nacional Setorial de Museus
RN	Ribeirão das Neves

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>Justificativa</b> .....	<b>13</b>
<b>Proposta metodológica</b> .....	<b>14</b>
<b>1 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: RESSIGNIFICAÇÕES, REFLEXÃO E NARRATIVAS</b> .....	<b>16</b>
<b>1.2 Educação Patrimonial na perspectiva reflexiva</b> .....	<b>17</b>
<b>1.3 Educação Patrimonial e a experiência por meio da história oral</b> .....	<b>22</b>
<b>1.4 Educação Patrimonial como instrumento de ressignificação</b> .....	<b>24</b>
<b>1.5 Educação Patrimonial e a Formação continuada</b> .....	<b>27</b>
<b>1.6 Educação Patrimonial e os desafios enfrentados pelas cidades periféricas</b> .....	<b>29</b>
<b>2 RIBEIRÃO DAS NEVES: HISTÓRIA LOCAL NA PERSPECTIVA CULTURAL</b> .....	<b>34</b>
<b>2.1 Origem do nome</b> .....	<b>35</b>
<b>2.2 Patrimônio cultural do município</b> .....	<b>36</b>
<b>2.3 Complexo arquitetônico da penitenciária José Maria Alkimin (PAN)</b> .....	<b>39</b>
<b>2.4 Bens protegidos e inventariados</b> .....	<b>41</b>
2.4.1 Festa “Ribeirando”.....	42
2.4.2 Festa tradicional “Boi da Manta”.....	43
2.4.3 A cultura Hip-Hop como patrimônio cultural da juventude nevensense.....	44
2.4.4 Quilombo Irmandade Nossa Senhora do Rosário.....	51
<b>3 REDESCOBRIR E VALORIZAR O LUGAR ONDE EU VIVO</b> .....	<b>53</b>
<b>3.1 Idealização do projeto</b> .....	<b>55</b>
3.1.1 Metodologia adotada.....	56
3.1.2 Visita à Igrejinha da Colina.....	61
3.1.3 Visita à horta.....	62
3.1.4 Construindo a Maquete da Igrejinha.....	62
3.1.5 Igualdade Etnico-Racial e diversidade.....	63
3.1.6 Visita à Comunidade.....	65
3.1.7 Participação da comunidade (Patrimônios Vivos).....	65
3.1.8 Exposição dos trabalhos.....	67
<b>3.2 Análise dos resultados</b> .....	<b>69</b>
<b>4 RECURSOS DIDÁTICOS</b> .....	<b>77</b>
<b>4.1 O livro “Ribeirão das Neves em Rimas”</b> .....	<b>77</b>
4.1.1 Escolha do título.....	80

4.1.2	Ilustrações.....	80
4.1.3	Escolhas para publicação .....	80
4.1.4	Intervenção Profissional.....	82
4.2	Acessibilidade .....	83
4.2.1	Versão final do texto .....	85
4.2.2	Jogo da memória .....	87
4.2.3	Jogo Quebra-cabeça .....	87
4.2.4	Site com material complementar.....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>		<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>		<b>90</b>
<b>ANEXOS.....</b>		<b>94</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos. A memória bravia lança o leme: Recordar é preciso.” (Evaristo, 2006)

Ao iniciar essa dissertação com um verso do poema *Recordar é Viver*, de Conceição Evaristo, que representa tantas mulheres no Brasil e no mundo, trago à memória lembranças que se entrelaçaram às subjetividades dessa pesquisa. Sou professora da educação básica há onze anos, destes, nove anos na educação pública. Graduada em pedagogia e letras, sou uma sonhadora que acredita na força transformadora da educação. Não diferente da grande maioria de brasileiros autodeclarados negros, cresci em uma família com poucos recursos financeiros e baixa escolaridade. Aos dez anos de idade tive uma experiência traumática, que por muitos anos tentei apagar. Hoje, após ler, reler, descobrir, redescobrir, escrever e reescrever essa dissertação percebo que tal vivência foi um marco decisório que impulsionou desde a escolha do tema às ações promovidas.

Em 1997, vivia com meus pais e irmãos em uma ocupação no bairro Zilah Spósito em Belo Horizonte, estava voltando da escola quando, em um bairro vizinho, ainda dentro do ônibus escolar, avistei uma enorme nuvem de fumaça na mesma direção do acampamento em que morava. Ao chegar no local de desembarque fui surpreendida com um cenário desesperador: pessoas sendo socorridas, outras chorando, bombeiros, polícia, reportagens, helicópteros e meus pais me aguardando, algo extremamente incomum e confuso. Era como se estivesse em um filme de guerra<sup>1</sup>. Assustada e perplexa com toda aquela movimentação recebi a notícia de que o pouco que tínhamos fora dizimado pelo fogo. Não estava em um filme, mas vimos de perto o “bombardeio” de nossa dignidade, nossa identidade, nossa moradia, nossa segurança. Não havia mais: fotos de infância, roupas, documentos, cadernos, livros, o aconchego do lar, mas sim um mar de incertezas sobre o que o futuro nos reservava.

Como ex-moradora de uma ocupação, vivenciei a experiência de morar em uma região totalmente estigmatizada, nomeada muitas vezes como a região dos “sem tetos”, “favelados”. O olhar de descrédito e a falta de perspectivas eram corriqueiros em nosso cotidiano. Assim, inicio a dissertação não com a voz emudecida, silenciada pelas

---

<sup>1</sup> Reportagens veiculadas entre os dias 19 e 22 de fevereiro de 1997 no jornal Estado de Minas afirmava: “Pobreza é exposta ao fogo”, “A assustadora meia hora do inferno”, “cenário desolador que simboliza sofrimento e miséria”, “Fogo desabriga 58 famílias”.

circunstâncias, mas como uma combatente de guerra disposta a lutar com ações pedagógicas. Vejo essa pesquisa como um "alistamento voluntário" para somar aos diversos cidadãos que vivem em um "campo de batalha" social, racial e cultural em busca da ressignificação do olhar sobre sua cidade e a legitimação de sua cultura.

Nessa perspectiva, trago em evidência a cidade de Ribeirão das Neves, onde leciono desde 2015 para turmas de alfabetização do 1º e 2º ano na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro. Como diversas outras cidades, Ribeirão das Neves enfrenta o dilema: como mudar a visão negativa sobre si? Seus moradores enfrentam inúmeros obstáculos, entre os quais destacam-se os aspectos sociais salientados por Osmar e Stephan (2015), e visões preconceituosas, que se manifestam em referências como "cidade presídio", "Ribeirão das trevas", "cidade dormitório". Conforme observa Coelho e Fernandes (2009), a exclusão social da população se reflete nos aspectos tanto econômicos quanto sociais representados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de aproximadamente 0,684 (IBGE 2016)<sup>2</sup>.

Em diversos debates, reuniões e rodas de conversas realizadas ao longo de quatro anos na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro, localizada no bairro Vereda, regional Veneza de Ribeirão das Neves, percebi em grande parte das crianças, mães e responsáveis o desinteresse e a ausência de perspectivas de mudanças na cidade onde moram. Muitos moradores prefeririam morar em outro lugar. Nos registros de local de moradia em redes sociais, muitos preferem omitir ser de Ribeirão das Neves, e declaram morar nas cidades circunvizinhas, em Belo Horizonte ou Contagem. A escola atende um público, em sua maioria, pertencente a ocupações das redondezas, trata-se de uma comunidade de baixa renda, maioria afrodescendentes, filhos de pais com baixa escolaridade e profissões informais. Com carências diversas, não só econômicas, como o de acesso a bens culturais. É prejudicial para a identidade, o pertencimento e o comprometimento na história da população a visão negativa e o prejulgamento de que a cidade é formada de apenas presídios, violência e pobreza.

O desejo em realizar a pesquisa surgiu a partir de falas e questionamentos de estudantes - tais como: "Ribeirão das Neves não tem patrimônio, só buracos", "escolas de Belo Horizonte são melhores"- que provocam inquietações. Em face desses desafios, essa pesquisa envolve a busca por formas de desenvolver ações de Educação Patrimonial nas escolas municipais com intuito de ampliar o conhecimento e valorização da história

---

<sup>2</sup> IDH de Nova Lima 0,813; Belo Horizonte 0,810; Pedro Leopoldo 0,757; Contagem 0,756; Betim 0,749; Sabará 0,731; Média IDH de Minas Gerais 0,731.

do município de Ribeirão das Neves. A expectativa é que essas ações poderão vir a servir também a educadores de outros municípios com características e desafios semelhantes.

Em pesquisa com estudantes adolescentes em uma escola estadual de Ribeirão das Neves, os professores BARBOZA e CRUZ (2019) ratificaram a percepção de uma lacuna a ser preenchida quanto ao reconhecimento dos bens culturais do município. Segundo esses pesquisadores, em muitos casos, o sentimento em relação ao local onde se vive é de repulsa e de negação. Eles enfatizam a Educação Patrimonial como importante instrumento para a superação da expressão: “neste lugar não tem nada” (2019, p.107).

Em Ribeirão das Neves, assim como em diversas cidades de regiões limítrofes de áreas metropolitanas, percebemos também que grande parte do corpo docente reside em outras cidades e dispõe de poucos recursos pedagógicos que viabilizem um trabalho sobre o patrimônio local que seja atrativo para os estudantes.

Em vista desses pressupostos, busquei, por meio dessa pesquisa, aproximar comunidades estigmatizadas ao campo histórico-cultural e investigar a seguinte problemática: **Como a incorporação da educação patrimonial nas escolas pode contribuir para a (re)construção da identidade cultural em cidades estigmatizadas?**

As diretrizes do Plano Nacional Setorial de Museus - PNSM atestam como é imprescindível a universalização do acesso dos brasileiros ao uso e à produção cultural. Tal acesso constitui um direito constitucional e primordial para o exercício da cidadania. Dessa forma, há que se incentivar ações de educação patrimonial, oferecendo condições para que as comunidades reconheçam os bens culturais materiais e imateriais de sua região, visando disseminar noções de identidade e zelo (PNSM 2010, p. 11-13).

Em concordância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que trata das competências gerais a importância da valorização de saberes e vivências culturais, é necessário que, por meio de experiências significativas, se possibilite a apropriação do conhecimento e aplicação desse conhecimento por meio do protagonismo social, pessoal e ambiental no exercício da cidadania. Ao viabilizar ações de educação patrimonial para estudantes e professores, propicia-se a valorização do patrimônio cultural material e imaterial, além de instigar estudantes e professores a reconhecerem e fortalecerem o sentimento de pertença.

O desenvolvimento desta pesquisa me possibilitou um mergulho no campo cultural e me propiciou novas reflexões pessoais, acadêmicas e profissionais. Por meio do projeto da pesquisa obtive uma bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que me permitiu fazer uma imersão na experiência



educacional canadense, vivenciando na prática as metodologias ativas por dois meses com outros 52 docentes brasileiros e canadenses. No decorrer do desenvolvimento do trabalho fui convidada a compor a assessoria pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão das Neves e a integrar os Conselhos Municipais de Políticas Culturais e da Juventude e o Comitê Gestor de Acompanhamento e Fiscalização da Lei Aldir Blanc no mesmo município.

As ações relatadas neste estudo ocorreram em 2019, em seis turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro, região do Veneza em Ribeirão das Neves, onde leciono desde 2015. Com a reprodução dos materiais didáticos para distribuição nas escolas foi possível ampliar o alcance territorial da pesquisa, atingindo a área total de 155,454 km<sup>2</sup> por meio de 66 escolas municipais. O número estimado de beneficiados no Sistema de Ensino municipal foi de aproximadamente 22.852 estudantes e 1.227 educadores(as).

#### OBJETIVO GERAL:

Buscamos nesta pesquisa desenvolver ações educativas e materiais educativos que contribuam para a ressignificação dos espaços da cidade a partir da educação patrimonial. Uma educação pautada no diálogo e nas experiências dos sujeitos, de forma a construir uma nova visão e aproximação entre educadores, educandos e munícipes de forma interativa, reflexiva e participativa.

#### Objetivos Específicos

- Motivar os integrantes da comunidade da Escola Municipal Analito Pinto Monteiro a se tornarem multiplicadores de experiências formadoras que buscam reverter representações depreciativas sobre o município.
- Contribuir para a construção de um olhar crítico sobre as condições locais da comunidade da E. M. Analito Pinto Monteiro e de envolvimento em sua transformação.
- Com base na experiência desenvolvida e testada na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro, propor um roteiro de educação patrimonial que possa ser adaptado por educadores de municípios com condições semelhantes à Ribeirão das Neves.

## JUSTIFICATIVA

Como observam Osmar e Stephan (2015), Campos (2010) e Salgado (2020), Ribeirão das Neves é estigmatizada como “cidade dormitório, cidade presídio”, sendo vista como uma extensão segregada de Belo Horizonte. Esta tendência pode ser percebida até mesmo no Diário Oficial de Minas Gerais<sup>3</sup> que, no dia sete de setembro de 2013, trata da cidade como “Ribeirão das Trevas”. Na época o “ato falho” foi noticiado em vários jornais e redes sociais. A Prefeitura de Ribeirão das Neves se manifestou postando um comunicado de repúdio a forma pejorativa a qual a cidade foi taxada. O mesmo se repetiu em 2018, dessa vez no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais<sup>4</sup> na primeira vara criminal. Certa vez, em sala de aula, ao falarmos sobre o nome da cidade, um estudante de seis anos se expressou conforme transcrição do diálogo:

**E:** Parece Ribeirão das Trevas"

**P:** Mas por quê!?"

**E:** "Porque... olha Ri-bei-rão das ... Porque tem a primeira palavra das Trevas e depois das Neves"

**P:** Mas quem falou com você sobre Ribeirão das Trevas? Não é Ribeirão das Trevas é Ribeirão das Ne-ves?"

**E:** "Eu num tô falando que alguém, Ninguém falou! É porque... é porque parece a mesma coisa... É Ribeirão das Tre-vas a primeira palavra". (Fonte: Acervo da autora, ano?)

No diálogo, a forma fragmentada com que se expressa “*Ri-bei-rão e Tre-vas*” percebemos a associação da sonoridade da família silábica da letra “v”, “*é porque parece a mesma coisa*”, com as palavras “Trevas e Neves”. De forma espontânea e desintencional o estudante troca o nome “sílabas” por “palavras”, “*a primeira palavra das Trevas e depois das Neves*”. Como o estudante está em fase de alfabetização, inferimos que algum adulto ao ensiná-lo pode ter usado o termo “Ribeirão das Trevas” como exemplo. Essa associação evidencia a naturalização e familiarização do termo “Trevas” com a cidade.

É necessário romper com estas representações pejorativas não só de Ribeirão das Neves, mas também de todas as cidades e bairros marcados pelas desigualdades e condições precárias, a maioria atrelada ao passado escravocrata de exploração e ao longo de mais de um século, outras dinâmicas contribuíram para as desigualdades existentes no Brasil do século XXI. Acreditamos que essas representações podem ser minimizadas ao propiciar a reflexão e a ressignificação do olhar sobre a cidade, bem como evidenciar

<sup>3</sup> Disponível em: <http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/handle/123456789/102163> acesso dia 05 de maio de 2020

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/processo-no-site-do-tjmg-chama-neves-de-ribeirao-das-trevas-1.2019058> acesso dia 05 de maio de 2020

seus bens culturais e seus talentos. Avulta-se a importância da intervenção da comunidade, docentes e munícipes para apropriação dos sujeitos como atores sociais e sujeitos de experiências capazes de transformarem essa realidade.

Como prescreve a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é necessário promover aprendizagens sintonizadas com os desafios, as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes da sociedade contemporânea. Como observa CURY (2012), as pessoas constroem e desconstróem valores e significados conforme o tempo e lugar nas relações culturais e sociais em que estão envolvidas. Em referência às últimas contribuições do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) a Educação Patrimonial é uma ação coletiva que busca construir e compartilhar conhecimentos, investigar, entender, refletir para transformar a realidade local.

## PROPOSTA METODOLÓGICA

Definir uma única metodologia foi um grande desafio, entretanto a do inventário participativo apresentou maior proximidade aos estudos propostos, pois busca estimular a comunidade a atuar como protagonista na identificação e valorização de suas referências culturais, conforme Rampim

Inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local. Por fim, cabe enfatizar que esta iniciativa não tem a pretensão de servir de instrumento de identificação e reconhecimento oficial de patrimônio, nem substituir as atuais ferramentas utilizadas nos processos de proteção dos órgãos de preservação do patrimônio de qualquer esfera de governo. Apresenta-se, de preferência, como um exercício de cidadania e participação social, onde os seus resultados possam contribuir para o aprimoramento do papel do Estado na preservação e valorização das referências culturais brasileiras, assim como servir de fonte de estudos e experiências no contínuo processo de aprendizado. (RAMPIM, 2016, p.13).

Nesse propósito, a imersão no cotidiano dos sujeitos se tornou primordial para o desenvolvimento deste estudo, tal como a preocupação com a devolutiva da pesquisa para a sociedade.

Garcia (2003 afirma que pesquisas acadêmicas que têm por função contribuir para o diálogo entre universidade e escola devem conduzir os pesquisadores a promover tanto as ações quanto a escrita de forma acessível a todos os envolvidos. Conforme Holanda, “De que adianta escrever para o outro sem se revelar, sem se descobrir? [...] uma escrita mais próxima permanece na memória mais tempo” (2018, p.11,15). A expectativa é que o entrelaçamento entre escrita científica e escrita sensível possa ser notado neste estudo.

A pesquisa foi dividida em quatro etapas, as quais foram estruturadas em quatro capítulos. A primeira etapa envolveu a pesquisa bibliográfica, por meio de consulta a documentos, internet, músicas, fotografias, vídeos e ilustrações. Os resultados desse estudo aparecem no primeiro capítulo, *Educação patrimonial: ressignificações, reflexão e narrativas*, no qual apresentamos um levantamento de produções científicas nos últimos anos no Brasil, com reflexões, conceitos, perspectivas e desafios da Educação Patrimonial.

A segunda etapa compreende a pesquisa de campo, por meio de uma série de ações: visitas à comunidade; participação em eventos da cidade; observações realizadas como integrante do Conselho Escolar, Conselhos Municipais de Políticas Culturais e da Juventude; entrevistas com moradores e lideranças comunitárias. Esse percurso possibilitou uma compreensão mais aprofundada da relação dos munícipes com o patrimônio cultural da cidade. No segundo capítulo, *Ribeirão das Neves: história local na perspectiva cultural*, apresentamos reflexões sobre a história do município, patrimônios materiais e imateriais protegidos e inventariados, assim como o debate acerca da patrimonialização da cultura popular no município.

A terceira etapa abrangeu o desenvolvimento de ações educativas por meio do projeto interdisciplinar realizado na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro. Nessa fase, iniciamos a construção do recurso educativo com a participação dos estudantes, composto por um livro infantil acessível, jogos e site. No terceiro capítulo, *Redescobrir e valorizar o local onde eu vivo*, descrevemos as ações realizadas na escola durante o ano letivo de 2019. Encerramos o capítulo com a análise das ilustrações, fotografias, vídeos e outros registros.

Na quarta etapa, que trata do desenvolvimento dos recursos didáticos, criamos um Kit de Educação Patrimonial para distribuição nas escolas municipais. No quarto capítulo, *Recursos didáticos: Kit de Educação Patrimonial*, relatamos os caminhos percorridos para a confecção do livro “Ribeirão das Neves em rimas” e dos jogos, a busca por parcerias e estratégias para ampliar a acessibilidade com tecnologias assistivas.

Por último, apresentamos reflexões e considerações finais sobre o processo e desafios da pesquisa.

## 1 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: RESSIGNIFICAÇÕES, REFLEXÃO E NARRATIVAS

O termo Patrimônio tem significados polissêmicos e vem passando por diversas ressignificações nos últimos anos. Sobretudo com o acréscimo de adjetivos que detalham o seu significado, tais como: cultural, ambiental, material, imaterial, territorial, tangível, intangível, histórico, municipal, estadual, nacional, mundial, arquivístico, dentre outros.

CURY observa que as discussões sobre o patrimônio estão sempre premidas pelos jogos de poder e disputas de representação. Como pode-se perceber ao longo das conversas e pesquisas de campo, a cada diálogo se notava a valorização de valores e costumes próprios conforme o ponto de vista do entrevistado, a necessidade de se autoafirmar e em muitas vezes, até elevar seu posicionamento como o “verdadeiro”, comparado ao posicionamento de outrem, esteve presente nos diversos discursos. Percebeu-se em todo o percurso o quão controverso e complexo é o tema abordado. O conceito de patrimônio se expande com o reconhecimento da diversidade cultural e evidencia a correlação entre afetividade, memória e identidade. (CURY, 2012, p. 185).

O termo “Educação Patrimonial” foi introduzido no Brasil na década de 1980, pela museóloga Maria de Lourdes Parreira Horta. Todavia, diversos pesquisadores citam Mário de Andrade e Alúcio Magalhães como pioneiros “a lançarem as sementes do que viria a se tornar o campo institucionalizado da Educação Patrimonial no país” (CURY, 2012, p.52). A Educação Patrimonial se refere às ações educativas promovidas por instituições que visam a valorização e a preservação de patrimônios. Essas ações educativas se tornam uma área de conhecimento, com fundamentos teóricos próprios, podendo ser vista também como disciplina e metodologia (CALIL, 2011;<sup>5</sup>HORTA, et al., 1999). Já outros estudiosos enfatizam sua dimensão interdisciplinar (CALIL, 2011).

Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial, a Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia. (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999, p.6). Tal como observa Florêncio, espera-se na Educação Patrimonial o uso de múltiplas abordagens, metodologias, performances em diálogo com a realidade, em um processo de construção coletiva. (FLORÊNCIO, 2019)

---

<sup>5</sup> Ferreira (2004 apud CALIL, 2011 p.44) conceitua disciplina como qualquer ramo do conhecimento; e metodologia como um conjunto de métodos e regras utilizado em determinada disciplina.

Cléo Oliveira (2019) salienta que o conceito “alfabetização cultural” tem recebido diversas críticas, já que, entende-se que os sujeitos são detentores e produtores de cultura e não devem ser considerados analfabetos culturais. Segundo o Núcleo de Educação Patrimonial (NEP) da Universidade Federal de Santa Maria:

Nenhuma pessoa pode ser considerada ‘analfabeta cultural’, mas detentora de códigos de leitura do mundo que nem sempre estão em consonância com os saberes dominantes. Podemos estar correndo um sério risco de desprezar, dessa maneira, os conhecimentos socioculturais que cada ser humano tem em contato com outros seres e com o meio circundante (SOARES; KLAMT, 2010 apud OLIVEIRA, 2019, p. 37).

Assim o debate sobre a Educação Patrimonial vem reelaborando conceitos e detalhando orientações como a Coordenação de Educação Patrimonial (Ceduc/IPHAN) afirmam que

Os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções do Patrimônio Cultural (FLORÊNCIO, et. al., 2014, p.19).

É importante lembrar a teorização de Paulo Freire: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1996). Tal teoria se baseia na percepção de que o aprendente é um sujeito dotado de experiências. Esse é também possuidor, produtor e reproduzidor da própria cultura, assim, reflete a relevância da associação entre a alfabetização e a reflexão contextual das vivências dos (as) estudantes. É o diálogo do homem sobre seus desafios e seu contorno que o faz histórico (FREIRE, 2015. p. 3). Nas palavras do jovem nevensense Andrew Freitas,<sup>6</sup> “Cultura é uma porta que leva à reflexão e incentiva a mudança” (2020).

### **1.1 Educação Patrimonial na perspectiva reflexiva**

É necessário conhecer para preservar? Esta questão, que chegou a ser tomada como um pilar da educação patrimonial vem sendo problematizada: “É necessário apenas conhecer para preservar?” Em um contexto como o brasileiro, em que há pouca valorização da própria história, importa transformar a concepção de patrimônio e dos sentimentos que se tinha em relação a ele. Até pouco tempo atrás, optar pela preservação era sinônimo de civilidade e de cultura. De acordo com a concepção difundida,

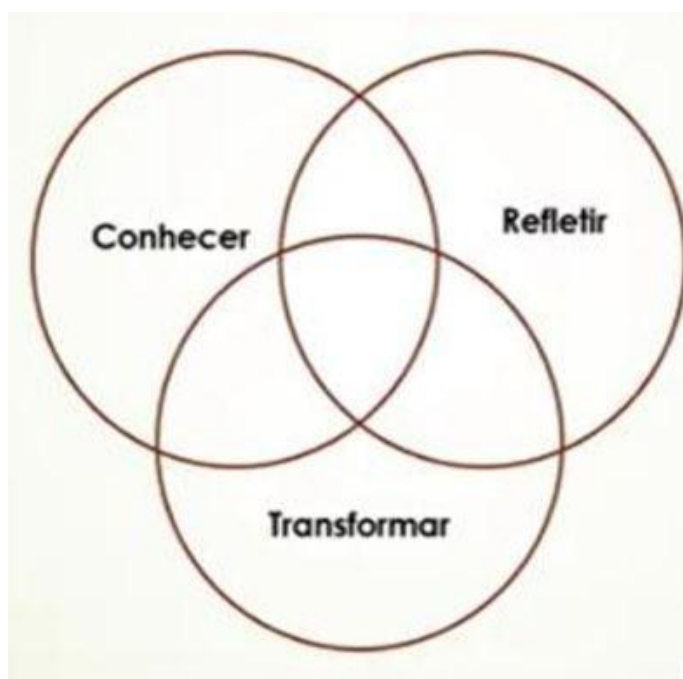
---

<sup>6</sup>Live: Juventudes e participação política disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=3224498300997708> acesso 18 de agosto de 2020.

primeiramente era preciso conhecer para se criar vínculos com o patrimônio. (SCIFONI, 2019)

O sociólogo Átila Tolentino defende que para uma Educação Patrimonial se faz necessário ir além do “Conhecer”. É preciso refletir sobre os conflitos envolvidos na patrimonialização de forma crítica, e indagações como: O que? Como? e Por quê? devem fazer parte desse processo para que os diferentes sujeitos sociais participem de forma democrática e igualitária, reflexiva e crítica. Ele aborda o conceito de Educação Patrimonial na perspectiva decolonial<sup>7</sup>, que visa “romper com os processos de patrimonialização que reproduzam os processos de dominação do saber-poder sobre as memórias historicamente subalternizadas de grupos sociais não hegemônicos”. As práticas educativas voltadas para o patrimônio nessa perspectiva decolonial devem estar além do processo de contemplação, tornando-se um processo de ação-reflexão. Dessa forma, propõe-se a tríade: Conhecer, Refletir e Transformar.

**Figura 1 - Tríade conhecer, refletir e transformar**



Fonte: Átila Tolentino (2020)

---

<sup>7</sup> Pensamento Decolonial: “A força política e econômica do capitalismo e colonialismo promoveu a supremacia de uma epistemologia ocidental, impondo-se sobre os povos e cultura não-ocidentais e não-cristãos. Causando o epistemicídio de outros saberes e conhecimentos. O pensamento decolonial busca descortinar os subterfúgios e as matrizes fundantes da dominação do saber-poder.” (Átila Tolentino 2018).

Para este autor, “Conhecer, Refletir, Transformar” estão interseccionadas, transversalizadas, interligadas de forma horizontalizada, nenhuma é mais importante que a outra. O conhecer para preservar é uma posição importante, mas que não é o suficiente. (TOLENTINO, 2020)

Simone SCIFONI (2019) ressalta que, diversos movimentos<sup>8</sup> sociais têm se organizado para legitimar patrimônios reconhecidos no cotidiano deles. Esses movimentos, ao reconhecerem os bens portadores de memória coletiva, buscam por meio de manifestações, ocupações, campanhas virtuais e inúmeras ações, reivindicar a proteção e preservação de sua história, que, por um longo período, tem sido silenciada pelo discurso dominante. Um exemplo no local em que estamos lidando é o “Rap no Parque”, organizado por jovens de Ribeirão das Neves. Vários deles são integrantes do “Coletivo Rap no Parque” e, conforme conselheiros do Conselho Municipal da Juventude, quando se fala em cultura na cidade, fala-se em “Rap no Parque”.

Em 2018, houve a suspensão temporária do evento pela prefeitura. Conforme representantes da Secretaria de Esporte e Cultura a suspensão decorreu de denúncias de visitantes sobre possível uso de substâncias ilícitas no local, que estavam sendo avaliadas pela Comissão de Monitoramento da Violência em Eventos Esportivos e Culturais (COMOVEEC). Tal interrupção, no entanto, impulsionou a organização e mobilização dessa juventude para a reivindicação do retorno imediato dos duelos de rap. Mobilizaram-se por meio das redes sociais, da música e mediante denúncia ao Conselho Municipal e Estadual da Juventude. Por outro lado, foram levados a repensar a organização do evento e a conscientização dos participantes em busca de um ambiente seguro. Isso está descrito no rap<sup>9</sup> de um dos criadores e organizadores do evento, Dj Rudolph:

---

<sup>8</sup> SCIFONI (2019) ressalta movimentos como o Movimento Ocupe Estelita, no Recife, que em 2012 lutou pela preservação dos armazéns de açúcar e da área do pátio Ferroviário das Cinco Pontas, e em 2014 ocupou o terreno para evitar demolições.

<sup>9</sup> Vídeo do rap: <https://www.youtube.com/watch?v=akVIIPxAECA> acesso em abril de 2020.



Grove Records Freestyle	E a parte de lá É tipo emancipada E pra nós que mora longe Não sobra praticamente nada	Na biqueira. Se vendem pelo sonho de consumo dando tiro, levando tiro vendendo farinha e fumo nessa história a trajetória que é mais comum é menor portando arma, de quebrada dando um
“(…) De sexta a sexta-feira Semana por semana Tivemo a ideia Já bolamo a bagana Os mano de verdade Tão atrás da melhoria Pra ter dignidade Pra viver no dia a dia	<b>Sem asfalto, lazer E também sem cultura, E lá no “Rap do Parque” Tá rondando a viatura Prefeitura quer poder, Mérito e dinheiro</b>	Mesmo assim eu tenho amor Pela periferia. <b>É Ribeirão das Neves Verdadeira correria Ritmo e poesia, (...) Flow, Dicção e poesia</b> ...
A correria firma E impõe nossa conduta Sem abaixar a cabeça Pra nenhum “filha da puta” Então para, escuta E presta atenção <b>Porque a caminhada É cultura e informação</b>	E o cidadão mineiro Vai vivendo o desespero Maconheiro, funkeiro Me chamam de terrorista Enquanto eu tiver sem emprego Cê vai me ver pela pista, Mas insista, resista procure um bom lugar(...)	<b>Sexta-feira lá no parque Tem duelo de MC</b> Somos os loucos Os mais loucos Que cê já viu por aqui
Ribeirão das Neves Área metropolitana Lado dicá da BR Onde nós num temo grana	(...) <b>DJ Rudolph no parque Toda santa sexta-feira.</b>	

Ao analisar o rap percebemos o desejo e a busca por melhorias e por dignidade, o convite à reflexão sobre a vida ilusória no crime, sobre os motivos que levam a seu aumento. Vemos também a denúncia do desemprego, da falta de investimento e a polarização entre a periferia e as demais regiões da cidade, “lado de cá da BR” onde fica a região do Veneza que aparece em outras pesquisas como “periferia da periferia”. O “Rap no Parque” protagonizou o evento na cidade, hoje acontecem diversas batalhas de outros grupos, nos espaços da cidade. Eventos culturais que são reconhecidos pela juventude, mas não pelos governantes. O rap revela uma juventude crítica, que além de reconhecer seu patrimônio, mobiliza-se por sua preservação.

Outra situação de mobilização recente ocorreu em prol da proteção da “Cachoeira Lajinha”, que aparece no inventário do município como bem natural. Recentemente, houve uma tentativa por parte de empreendedores que propuseram alterar o zoneamento Preservação Ambiental, para Zona de Densidade, por meio da emenda modificativa nº 021-c/2020. A mobilização acarretou o veto da emenda, o que reforça o envolvimento e o reconhecimento da importância desse bem para os cidadãos.

**Figura 2 - Cachoeira Lajinha**

Fonte: Facebook do Coletivo Semifusa

Quando vemos “depredações”, pixos, em patrimônios oficialmente reconhecidos, percebemos um ato de protesto, como nos mostra Scifoni (2019), é difícil sentir apego a uma herança imposta como memória coletiva, de todos, associada a relações de poder, a qual anula a representação de vários grupos sociais, vistos como “minorias<sup>10</sup>”.

Não significa propor a negação da existência daqueles bens que já foram reconhecidos como herança coletiva (...). É necessário, antes de tudo, problematizar esse patrimônio, buscar um olhar capaz de produzir um novo sentido sobre sua existência (SCIFONI, 2019, p. 28).

A Educação patrimonial dialógica pode propiciar a reflexão sobre as rupturas, as permanências e as lutas que formaram a cidade e legitimam seus patrimônios. Além disso, pode auxiliar no pensamento e no exercício crítico da cidadania e das escolhas dos monumentos representativos, com oportuna ressignificação dos espaços e das memórias.

Pereira (2017) reforça que a educação patrimonial não se constitui somente como uma prática pedagógica, mas também social. Para se alterar os matizes e superar a visão dominante, é preciso, como escreveu Benjamin (1987) “escovar a história a contrapelo”, isto é, captar o “eco das vozes que emudecem”, dar voz a aqueles que estão alijados dos processos culturais hegemônicos, àqueles que foram silenciados ao longo da história. Dizemos “dar voz”, metaforicamente, pois esses têm suas próprias vozes e só precisam ser ouvidos, ecoados, ressoados, restrugidos.

---

<sup>10</sup> Minorias: camponeses, operários, afrodescendentes, LGBTQ+, imigrantes, indígenas, mulheres, ribeirinhos, etc.



desigualdades sociais, raciais impostas pelo colonialismo, entendo o que motivava meu avô Joaquim a contar, repetidas vezes, essa história a todos os filhos e netos, assim como, o porquê de o primo ser tão importante. Conforme argumenta o autor Carlos Moore:

(...) O racismo sempre foi uma realidade social e cultural pautada exclusivamente no fenótipo, antes de ser um fenômeno político e econômico pautado na biologia. O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta à negação ou à confusão. É ele, não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social; que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações “raciais” (MOORE, 2020, p.19).

Imagino as dificuldades e os obstáculos que ele enfrentara para conquistar o respeito e o seu patrimônio. Embora, também perceba que sua função eclesiástica, no período pós abolição, carece de mais reflexões e estudos, em um outro momento.

A experiência transmitida por meio das palavras é a fonte de exteriorização das vivências e sentimentos mais profundos dos narradores, tais narrações materializam a experiência, seja esta vivida pelo próprio narrador ou por outrem. E para os que ouvem a narrativa, também se transforma em experiência, e a narração da experiência vivida é sabedoria (BENJAMIN, 1987, p. 200, 201).

Na ocasião, não tinha maturidade para fazer essas reflexões, hoje percebo que a narrativa contada seja individualmente ou em uma roda de conversa entre os netos, transformou-se em conhecimento, pois independente das dificuldades enfrentadas por seus antepassados, ele conseguira traçar um novo caminho para si e deixar seu legado para as gerações futuras.

Essas reflexões me motivaram a reverberar, para minha geração, aquela experiência que pertencia ao avô Joaquim e a seus parentes mais próximos. Tornou-se também a minha história, e minha experiência. Hoje me deparo contando a mesma narrativa aos meus filhos de sete e doze anos. A narrativa se tornou experiência porque me tocou, de forma afetiva, sensível e emotiva pela qual meu avô transmitira, foi transmitida também aos meus filhos e espero que assim novas experiências sejam transmitidas às próximas gerações.

Percebi algo diferente ao narrar a história ao meu filho mais velho. Assim que terminei de contar, ele indagou por qual motivo o apelido de minha bisavó ser “Santuninha”. Notei que desconhecia os fatos que levaram à criação do apelido. Então recorremos a minha avó, hoje com 93 anos. Ao questioná-la, ela com muita satisfação pôs-se a nos contar. Pude ver seus olhos brilharem, assim como os de meu avô

Joaquim, há vinte cinco anos. Tive a oportunidade de reviver a experiência, porém, dessa vez, com um novo olhar. A dona Antônia recebeu o apelido de "Santuninha" por ter sido a parteira da cidade de Divinolândia por muitos anos, além de fazer uso da medicina tradicional para curar diversas pessoas na cidade. Mais uma vez, um novo conhecimento foi transmitido.

A utilização da história oral, entendida como metodologia, tem sido um importante instrumento para viabilizar a história dos excluídos e subalternizados pela história oficial. Michael Pollak (1989), aborda que:

(...) a análise dos fatos sociais (...) aplicada à memória coletiva, irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subalternas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial". (POLLAK, 1989, P.4)

Nesse sentido, para desenvolver a Educação Patrimonial participativa, percebemos na história oral ou fontes orais, eficientes recursos para a valorização do conhecimento popular, assim como no envolvimento das famílias, estudantes, professores e comunidade.

### **1.3 Educação Patrimonial como instrumento de ressignificação**

Certa vez, lecionando em uma turma de terceiro ano dos anos iniciais, me deparei com um aluno que demonstrava muitas dificuldades na leitura. Ele sempre argumentava que não gostava de ler e que ler era ruim, embora se interessasse muito em ouvir histórias. Então, após diversas intervenções, chamamos os pais e os orientamos a levá-lo ao oftalmologista. Alguns dias depois, ao adentrar a sala com seus óculos novos, percebeu que ler não era tão ruim assim só precisava de "novas lentes". O que antes era detestável para ele, ganhou novo significado e se tornou um hobby. As revistinhas em quadrinhos que outrora eram lidas somente pelas imagens passaram a ser melhor compreendidas por meio da leitura das palavras também.

Esse fato é corriqueiro no cotidiano de diversos professores, entretanto trazemos uma releitura como reflexão. Quantas vezes na correria do dia a dia andamos pelas ruas da cidade não percebemos a efervescência e a vida que pulsa nas ruas, becos, vielas e avenidas? As mensagens implícitas nas vitrines das lojas, nos

grafites dos muros que na maioria das vezes passam imperceptíveis? Quantas vezes passamos em uma rua não pavimentada e percebemos só os buracos, a falta de infraestrutura, mas não percebemos os lindos jardins nas portas das casas ou o sorriso daquela “doninha” que está varrendo a calçada? Como um caleidoscópio que a cada giro põe-se a transformar aquilo que é visto. Reflete, espelha, retrata, reproduz, irradia, brilha, estampa, configura, desconfigura, transforma; cores, tamanhos, formas, partículas moventes, visíveis e invisíveis, tangíveis e intangíveis. Entre um interno e um externo; um olhar atravessa a lente e vislumbra o que há em seu interior construindo um novo olhar, um novo horizonte. Assim, são os espaços da cidade (Almansa, 2020, p.43).

Diversos pesquisadores percebem na Educação Patrimonial um importante instrumento de ressignificação do olhar, simbolicamente precisamos usar novas “lentes” para fazermos novas “leituras”. Santos (2017), Dutra e Nascimento (2016) retratam em seus estudos a ligação entre o museu, escola e educação patrimonial como mecanismos para ressignificação do olhar do estudante sobre a cidade. Chamam a atenção para a educação patrimonial como fator para o desenvolvimento da consciência crítica sobre a cidade. Por outro lado, salientam como a experiência cultural é uma forma de vencer as estruturas rígidas e tradicionais escolares, tornando a aprendizagem mais rica de sentidos.

Em cidades periféricas estereótipos e estigmas são predominantes. O estigma é algo que desqualifica, deprecia e invisibiliza socialmente o sujeito que não se enquadra em padrões pré-estabelecidos. Para Erving Goffman (1963), estereótipos são criados e reproduzidos pela própria sociedade a depender do contexto, tempo e espaço. A sociedade hierarquiza e divide determinada categoria como superior ou inferior, coloca um padrão de qualidade e dita o que é o certo, o válido, o incerto, o acreditável e o inacreditável. (GOFFMAN, 1963). Experiências de Educação Patrimonial possibilitam a reflexão sobre a história da cidade e a atualidade, dando visibilidade aos monumentos e artefatos não só pela história, mas também por meio da relação dos cidadãos como sujeitos ativos e críticos. Elas fortalecem o sentimento de pertença com a cidade e possibilitam a recriação de novas narrativas, novos significados para cada “esquina”. Como observa Larrosa Bondía, a experiência é aquilo que nos passa, aquilo que nos toca e nos transforma. (BONDIA, 2002).

Percebemos, em cidades estigmatizadas, a supervalorização dos problemas e dificuldades, tanto pela mídia, quanto pelos próprios cidadãos. Em diversas redações

ou rodas de conversas em salas de aula, problemas como ruas esburacadas, falta de assistência e precariedade são sempre lembrados. Chimamanda Adichie (2009) nos alerta sobre o perigo de “uma única história”, a insistência em reafirmar somente histórias negativas sobre determinada cidade “cria estereótipos”, que em muitos casos não são mentiras, mas são incompletas, e acabam se tornando a história definitiva do lugar. Outras histórias devem ser contadas. Dificilmente se lembram das pessoas que se mobilizam por meio de mutirões, coletivos, grupos de estudos para mudarem a realidade. Não se lembram das comidas típicas que atraem munícipes e visitantes, não se lembram dos talentos e das lideranças reconhecidas nacionalmente e internacionalmente, não se lembram das celebrações que juntam multidões, não se lembram das expressões artísticas que estão “pipocando” nas ruas da cidade, não se lembram dos inúmeros poetas e poetisas, cantores, cantoras e uma infinidade de outros exemplos que poderiam ser citados. Para Adichie:

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (...) Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso (ADICHIE, 2009, pg. 16).

Não pretendemos com esse posicionamento retirar as responsabilidades do poder público, mas sim reconhecer e valorizar outras histórias e ações de pessoas que se propõem a fazer algo pela melhoria da cidade, por amor ao local em que vivem. Acreditamos na Educação Patrimonial para promover a aproximação na relação entre cultura local e bens culturais desconhecidos por grande parte da população. Mesmo que não seja o único recurso possível ou a solução de todos os problemas, a Educação Patrimonial é, ao nosso ver, um potente auxílio e caminho para a ressignificação do olhar sobre as cidades estigmatizadas e para reconstrução da memória coletiva. Podemos atestar um aumento significativo de pesquisas científicas que vêm se debruçando sobre a temática da Educação Patrimonial, conforme pesquisa no “Google acadêmico”, no mês de janeiro de 2021, entre os anos de 1999 e 2009, foram encontrados 284 artigos com as palavras “Educação Patrimonial” no título. Já entre os anos de 2010 e 2020, encontramos 1.150 artigos. Esse crescimento da produção acadêmica expressa também o reconhecimento da importância das reflexões e pesquisas para o desenvolvimento cultural de nosso país. Entretanto, ainda assim

percebemos pouca produção acerca da Educação Patrimonial nas perspectivas decolonial e antirracista.

É perceptível em países colonizados a imposição da cultura ocidental pautada no silenciamento, apagamento da cultura e conhecimentos de povos subalternizados. A legitimação e valorização dos conhecimentos, vivências e saberes de povos não-ocidentais são dificultadas, em diversos espaços, principalmente no processo de patrimonialização que é marcado pela lógica colonizadora e racista. A escassez de materiais, artefatos sobre a história dos colonizados, assim como a seleção do que é encontrado nos arquivos públicos, livros, monumentos, reforçam a necessidade de reflexões sobre os patrimônios. Pensar de maneira decolonial e antirracista exige a ressignificação de saberes, invisibilizados pelo senso comum. Desenvolver a Educação Patrimonial, nessas perspectivas, é uma forma de contribuição para a descolonização dos saberes. Desse modo, para a superação de atrasos e apagamentos, faz-se necessário novas intervenções, questionamentos, reflexões e ressignificações. Não basta apenas mudar as narrativas, é preciso ir além, transformar a noção que temos do que é viver e do que é ser, em outros tempos e espaços (BHABHA, 2013). É possível trazer evidências da própria exclusão, para uma reflexão crítica, se analisarmos os noticiários, redes sociais dos últimos meses, assim como discussões no meio acadêmico, veremos uma gama de debates sobre a destruição de estátuas e monumentos que reverberam o racismo, a opressão, a colonização e deslegitimam outras culturas. Essas estátuas devem ser destruídas ou transformadas? As discussões sobre o “patrimônio” cultural estão sempre premidas pelos jogos de poder e disputas de representação.

#### **1.4 Educação Patrimonial e a Formação continuada**

A Educação Patrimonial aparece muitas vezes nas matrizes curriculares como tema transversal, o que em muitos casos pode configurar como uma das barreiras pedagógicas para sua realização. Como observa Louzado (2017), uma parcela significativa de docentes opta por postergar o tema, ou até mesmo deixá-lo exclusivamente para a disciplina de história. O que interfere de forma desfavorável no conceito basilar de uma educação voltada para a cultura: a interdisciplinaridade. A importância do reconhecimento de uma comunidade de seus bens culturais reforça a importância da Educação Patrimonial estar nas matrizes curriculares como



componente indispensável para a formação cidadã, assim como nos documentos que regulamentam as políticas educacionais municipais. A normatização da Educação Patrimonial, por si só, não garante a efetividade da práxis pedagógica. Para que ela se consolide e alcance seus objetivos, é primordial que esteja sustentada em um processo de formação continuada dos docentes. (LOUZADO, 2017, P.82)

A capacitação dos servidores como meio de preservação do patrimônio é abordada também por Schwarzbald (2015) e Bello (2013), que reconhecem a importância da capacitação presencial, mas constataam várias dificuldades práticas de efetivação. A fim de superar esses obstáculos, eles propõem a modalidade de educação à distância, pelas vantagens da flexibilidade de horário, redução de custos, ampliação do alcance, e por oportunizar a relação entre educação e vida familiar (BELLO, 2013). A educação à distância, que já estava em ascensão, hoje, em tempos de pandemia, tornou-se a "solução" para alguns ou "vilã" para outros. A adequação iminente da educação para atender às demandas do contexto pandêmico acarretou diferentes pensamentos, relações, opiniões, descobertas e até mesmo desconforto com essa "nova" funcionalidade.

Juliana Siqueira (2009) ressalta o espaço escolar como um lugar privilegiado para promover ações de formações devido à legitimidade cultural a qual possui. Destaca a formação continuada, em serviço, como um dos caminhos para a transformação da práxis. A famosa questão "Quem educará os educadores?", ela responde que serão os próprios, seus pares, interlocutores que compõem coletivamente os sentidos da profissão docente, a realizar tal formação alicerçada na cooperação, no diálogo, na troca de alteridades, de experiências e de práticas docentes.



degradações e os vandalismos. Não as fizeram como um meio de reflexão e aproximação contextual para possibilitar a preservação, a conservação e a salvaguarda. E também não houve continuidade nas intervenções desenvolvidas.

Um dos principais desafios do Instituto de Patrimônio Mineiro, segundo sua superintendente, Michelle Arroyo, está em ir além de firmar os patrimônios culturais dos municípios. A tônica reside em buscar outros olhares, assim como a ressignificação desses espaços vinculados ao passado, mas que também se fazem presentes na vida contemporânea.

[...] A possibilidade de novas leituras, novas percepções sobre o patrimônio cultural associada a uma reflexão sobre as referências passadas é o que permite sua vitalidade e seus sentidos ao longo do tempo. Acredito que nosso desafio para os próximos anos seja o exercício de compreender e ver o patrimônio cultural (ARROYO, 2016 p.4).

Assim como em outros estados, a Lei Estadual 18.030/2009 de Minas Gerais estabeleceu uma política de proteção ao patrimônio cultural nos municípios, vinculando a redistribuição da arrecadação do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS) às ações promovidas em prol da preservação do Patrimônio Cultural.

Embora a forma com que ocorre a avaliação das ações efetuadas tem sido criticada por alguns pesquisadores, este critério de distribuição do ICMS representou importantes mudanças no estado de Minas Gerais. Proporcionou, por exemplo, a ampliação de conceitos legais e políticos sobre a preservação e proteção dos bens patrimoniais, além de impulsionar a profissionalização de equipes de gestão na área da cultura.

Não obstante, SANTOS (2017) ressalta a precarização do trabalho de gestão cultural em muitas prefeituras que optam por contratar consultorias temporárias e sem vínculos com a prefeitura para elaboração de relatórios técnicos. A inexistência de uma equipe técnica permanente impossibilita a sequência de um trabalho contínuo e duradouro para a preservação do patrimônio. Mesmo assim, há que se ressaltar a importância das ações tanto do IEPHA/MG quanto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na formulação de diretrizes, normativas e legislações que orientam a gestão do patrimônio cultural nos municípios. Por mais que as pesquisas e debates sobre o patrimônio cultural e a disponibilização de instrumentos de orientações como o Sistema Nacional de Cultura (SNC) e o Sistema

Nacional do Patrimônio Cultural (SNPC) para auxiliar a implementação de políticas de preservação nos municípios tenham se ampliado nos últimos anos, ainda assim, muitos municípios encontram dificuldades na efetivação de planos voltados para a cultura.

Em Ribeirão das Neves, assim como em outras cidades da região metropolitana de Belo Horizonte percebemos uma crescente dificuldade na implementação dessas ações. O gráfico abaixo mostra as ações promovidas pelo município nos últimos dez anos em nível de ICMS Patrimônio Cultural. Representa a pontuação dos exercícios entre 2010 a 2020 no município de Ribeirão das Neves, conforme dados disponíveis no site do IEPHA/MG:

**Gráfico 1 Pontuação de ICMS Patrimônio Cultural de Ribeirão das Neves**



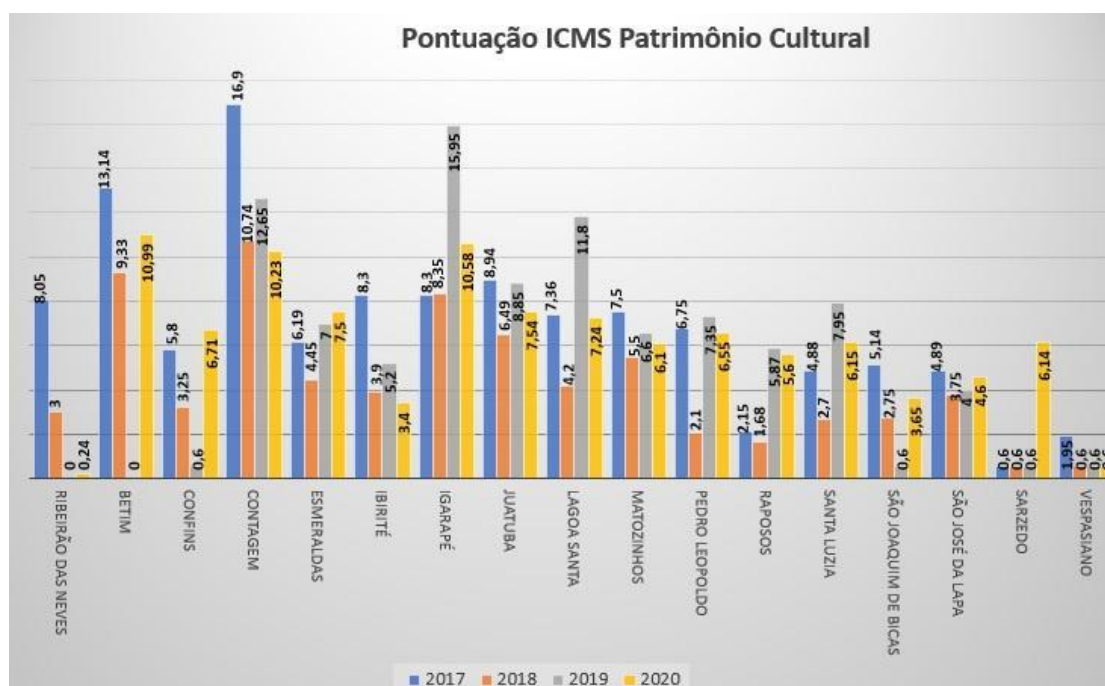
Fonte: IEPHA MG

Como se vê, no exercício anterior ao ano de 2017, houve um maior número de ações no município. De acordo com o gestor cultural e ex-Secretário da Cultura, Rodolfo Ataíde (2020), a ascensão na pontuação se deu pela atuação do trabalho em equipe, muito envolvida com a pasta. Dentre as diversas ações promovidas ressaltou a elaboração do Inventário do Patrimônio Cultural (IPC) e a busca incessante do que realmente era considerado patrimônio pela população através da indagação: O que há na cidade que é motivo de orgulho? No IPC constam mais de noventa bens culturais

entre bens materiais, imateriais e naturais tais como: comidas típicas; nascentes; fazendas; terreiros; celebrações; expressões artísticas etc O inventário deu visibilidade e legitimou o registro dos bens imateriais do município. Os principais desafios estavam calcados na disputa interna entre as próprias secretarias municipais, já que muitas não compreendiam a importância da cultura, o que acarretava menos investimento para a pasta. Fato é que as atividades promovidas não tiveram continuidade. O que levou as pontuações despencarem nos últimos três anos, chegando a zero em 2019 e a 0,24 para o exercício de 2020.

Conforme representantes da atual gestão da Secretaria de Esporte e Cultura a oscilação e dificuldades na pontuação, principalmente nos exercícios de 2018 e 2019, ocorreram em decorrência a mudança de gestão e a falta de recursos humanos. Situação que se agravou ainda mais com os fenômenos naturais, como as enchentes que causaram estragos e deslizamentos e pioraram a situação de calamidade financeira no município. Mas este não é um caso isolado. Como podemos constatar no gráfico a seguir, houve uma diminuição de ações voltadas para o patrimônio cultural registradas na maioria dos municípios da região metropolitana de Belo Horizonte.

**Gráfico 2 - Pontuação ICMS Patrimônio Cultural de cidades da RMBH**



Fonte: IEPHA MG

A análise da Pontuação ICMS Patrimônio Cultural de dezessete municípios no entorno de Belo Horizonte revela que 64% diminuíram sua pontuação nos três últimos anos. Inferimos com esses dados a necessidade da produção de mais estudos sobre desafios e dificuldades nas ações patrimoniais. Além da promoção de intervenções que visem aproximar a população da história local.

## 2 RIBEIRÃO DAS NEVES: HISTÓRIA LOCAL NA PERSPECTIVA CULTURAL

As primeiras referências que se têm da cidade de Ribeirão das Neves datam do início do século XVIII, por meio da carta de Sesmaria doada a em 1745 a Jacinto Vieira da Costa, mestre de campo. Nessa carta constava a posse na mata de Bento Gonçalves Pires e de João Siqueira da Costa parte da comarca de Sabará. Em 1747, Jacinto Vieira da Costa construiu em suas terras uma capela dedicada a Nossa Senhora das Neves. Para alguns, foi o que deu origem ao nome do município.

Conforme informações institucionais no site da Câmara Municipal de Ribeirão das Neves<sup>11</sup>, no arquivo público e em alguns trabalhos acadêmicos, em 1796, após as mortes de Jacinto Vieira Costa e de seu filho Antonio Vieira da Costa, sem herdeiros, as terras foram adquiridas pelo capitão José Luis de Andrade, em um leilão de bens.

No livro “Desenraizando os caminhos”, o historiador Régio Pereira ressalta a dificuldade em levantar documentos sobre a formação do município. Segundo ele, a carta de doação de sesmaria<sup>12</sup> pertenceu ao mestre de campo Antônio Vieira Costa, todavia, por não atender às exigências determinadas pelo governador Gomes Freyre de Andrade, perdeu-a para o capitão José Luiz de Andrade em 1794. O sesmeiro também não cumpriu tais exigências e cedeu as terras para o filho padre José Maria de Andrade. Quando então inicia o povoamento e desenvolvimento do município. (PEREIRA, 1988, P.12 - 14) O padre José Maria, membro da igreja secular, instalou-se e fixou residência onde é o atual centro da cidade. Trouxe consigo um número desconhecido de escravos, a vida desses não era fácil, trabalhavam na lavoura de milho, café e hortaliças diversas.

Segundo narrações, o castigo ministrado pelo padre era às vezes doloroso e extremamente desumano, parte dos castigos consistia em amarrar o negro na cela do seu burro, no qual montava para ir à Sabará e puxá-lo, descalço, da fazenda até a dita Capitania e quando lá chegavam o Padre amarrava o burro e o escravo em um tronco, até quando ele ali estivesse. Ao final do culto religioso o Padre montava em seu burro e ia de novo puxando o escravo que retornava sem sequer beber água. (PEREIRA, 1988, p. 15)

---

<sup>11</sup> <http://cmrn.mg.gov.br/ver/?sessao=cat&ver=cidade>

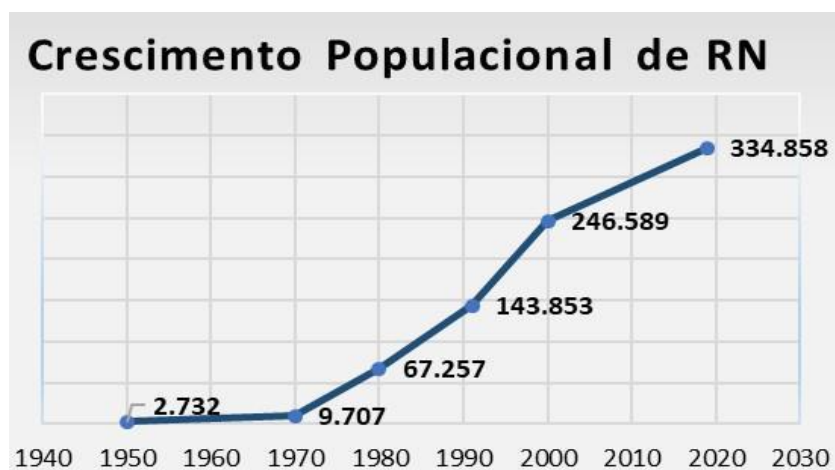
<sup>12</sup> CARTA DE SESMARIA, SC 265, p. 121, 121 V, 122 - Reg. de Sesmaria Arquivo Público Mineiro.

## 2.1 Origem do nome

Muitos atribuem o nome Ribeirão das Neves à grande quantidade de ribeirões no seu território. Para alguns, o nome advém do ribeirão que atravessava o centro da cidade, e que chegava a nevar com as baixas temperaturas. Para outros, o nome da cidade ao nome da primeira capela em homenagem à nossa Senhora das Neves. Associam a história ocorrida na Itália, onde um milagre aconteceu no monte Esquilino que nevou em pleno verão, o que deu origem ao nome Nossa Senhora das Neves, devido ao fenômeno climático. Segundo narrativas, a santa apareceu para alguns fiéis no alto do morro central onde, hoje, localiza-se o cemitério Senhor da Paz, com os pés cobertos de neve, pedindo que intercedessem pela cidade (PEREIRA, 1988, P.11). O distrito das Neves pertenceu a diversos municípios mineiros, como Sabará, Contagem, Betim e Pedro Leopoldo e tornou-se município independente por meio da lei 1038 de 12 de dezembro de 1953.

Salgado (2019), Campos (2010), Andrade e Anjos (2015) dividem o crescimento populacional da cidade em três fases: a primeira de sua formação até a década de 1960; a segunda a partir da década de 1970, quando a cidade atingiu um dos maiores crescimentos urbano da América Latina; terceira a partir dos 2000 marcada pela crescente verticalização dos imóveis. Com a expansão populacional desordenada, como pode se observar no gráfico abaixo, e a falta de investimentos em infraestrutura, saúde, educação, habitação e saneamento básico, Ribeirão das Neves se tornou uma extensão periférica e segregada da capital mineira.

Gráfico 3 - Crescimento Populacional de RN



Fonte: Dados extraídos do IBGE e Livro<sup>13</sup>

<sup>13</sup> ANDRADE, ANJOS “Desconstruindo estereótipos em Ribeirão das Neves, Minas Gerais: Perspectivas e possibilidades pedagógicas”, 2015.



Para Campos (2010) Ribeirão das Neves foi uma cidade planejada intencionalmente para abrigar presídios. A construção da primeira Penitenciária Agrícola (PAN) no centro da cidade foi decisão do governo do Estado, assim como a implementação de outras seis casas de detenção. Entretanto, essas construções não foram acompanhadas com os investimentos necessários para sustentação desse agrupamento. O que sugere que RN é vista pelo Estado apenas como “espaço carcerário” e “cidade das trevas” conforme já abordamos no início da dissertação.

Com o aumento desenfreado da população; os loteamentos clandestinos e a desvalorização imobiliária pelo estigma de “cidade-presídio” acarretaram o processo desconexo da ocupação territorial da área de 154.155 km<sup>2</sup> marcados pela precariedade e permissividade, tornou-se a solução de subsistência para a população “excluída” da capital belo-horizontina. Campos (2010) considera que a cidade de RN não se construiu como espaço político e sociocultural, mas como espaço fragmentado, desarticulado e com identidades frágeis, “Ribeirão das Neves foi se construindo com a autoconstrução”. Já Salgado (2019) associa o município como polo de representação das contradições urbanas do capitalismo contemporâneo. Percebemos na população o desagrado com o estigma da cidade e a mobilização constante em busca de melhorias, proteção de reservas naturais, manifestações de repúdio à expansão de presídios e à implementação do aterro sanitário da RMBH. Os moradores se reúnem em associações de bairros, ações sociais e diversos coletivos. Conforme mapeamento municipal realizado em novembro de 2020, existem mais de 80 coletivos na cidade que se reúnem em busca da redução das desigualdades étnico-sociais, do fomento à cultura, da valorização da cultura popular e da superação dos estereótipos que a cidade carrega.

## **2.2 Patrimônio cultural do município**

O sistema municipal de cultura (SMC) de Ribeirão das Neves foi instituído em 2012 por meio da lei Nº 3527, de 06 de setembro de 2012, em seu artigo 4º prevê:



A cultura como importante vetor de desenvolvimento humano, social e econômico, devendo ser tratada como uma área estratégica para o desenvolvimento sustentável e para a promoção da paz no Município de Ribeirão das Neves. (RIBEIRÃO DAS NEVES, 2012)

Ressaltamos a responsabilidade do poder público municipal para assegurar e promover a valorização do patrimônio cultural material e imaterial do município. O SMC institui a concepção tridimensional da cultura: Simbólica, cidadã e econômica. Nos próximos tópicos abordaremos as dimensões “simbólica” que compreende os bens culturais materiais e imateriais e a “cidadã” conforme a lei “a cidadania plena somente poderá ser atingida quando a cidadania cultural puder ser usufruída por todos os cidadãos do Município de Ribeirão das Neves”.

No ano de 2020, o SMC de Ribeirão das Neves dispõe de dois conselhos municipais ativos: o Conselho Municipal de Políticas Culturais e o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural que foi instituído através da Lei Nº 3000/2007 na qual estabelece normas de proteção do patrimônio cultural do município. Em seu primeiro artigo constitui patrimônio cultural como os bens de natureza material e imaterial que contenham referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores do município (RIBEIRÃO DAS NEVES, 2007).






O SMC busca promover diálogos interculturais, considerando as diferentes concepções presentes na cultura nevensense. Conforme esboçamos nos próximos tópicos percebemos certa dificuldade na efetivação, reconhecimento e legitimação dos patrimônios culturais por meio de tombamentos e registros.

**Quadro 1 - Bens culturais protegidos do Município de Ribeirão das Neves**

NOME DO BEM CULTURAL	IMAGEM	LOCALIZAÇÃO
Festa em louvor a N. Sra. do Rosário (Celebrações) - Decreto Municipal 129/2014	 <p>Fonte: Lucas Magalhães<sup>14</sup></p>	Justinópolis
Corporação Musical Heitor Villa Lobos (Formas de Expressão);	 <p>Fonte: Acervo do maestro</p>	Justinópolis

<sup>14</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/523079124474769/photos/a.671007406348606/671008493015164/?type=3&theater>

	Reinaldo	
Folia dos Santos Reis (Celebrações) 01/2016 - Reconhecido Pelo IEPHA	 <p>Fonte: César Augusto</p>	Justinópolis
Campanário e Cruzeiro da Matriz de N. Sra. da Piedade - Decreto M. 027/2005	 <p>Acervo da autora</p>	Justinópolis
Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Igreja da Colina  Decreto Municipal 026/2005	 <p>Fonte: Charleston Ramalho</p>	Veneza
Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Vila Fátima;	 <p>Fonte: Hudson Castro</p>	Justinópolis
Conjunto Arquitetônico da Penitenciária José Maria Alkimim - Penitenciária Agrícola de Ribeirão das Neves - Decreto Mun. 016/2009		Centro
Arquivo Público Municipal “Nonô Carlos”. Lei Municipal 2.279/2004	 <p>Acervo da autora</p>	Justinópolis
Violas de Minas - Reconhecido pelo IEPHA		
Roda de Capoeira e/ou Ofício de Mestre da Capoeira - Reconhecido pelo IPHAN		

### 2.3 Complexo arquitetônico da penitenciária José Maria Alkimin (PAN)

Em 2009 o complexo arquitetônico da Penitenciária José Maria de Alkimin (PAN) foi tombado pelo decreto 16/2009 por seu valor urbanístico, arquitetônico e histórico. Essa patrimonialização é cercada de ambiguidades e nos leva a pensar em uma outra problemática pertinente para outros estudos: Como a PAN pode ser vista como o principal símbolo de estigmatização, e ao mesmo tempo patrimônio cultural da cidade?

Quando inaugurada elevou a cidade desconhecida a se tornar expressão de modernização, de justiça, de recuperação, de reeducação e de reinserção social dos detentos pelo trabalho (ANDRADE, ANJOS, 2015). A maior e mais moderna penitenciária autossustentável da América do Sul inaugurada em 1935 pelo então presidente Getúlio Vargas foi modelo carcerário por muitas décadas, motivo de orgulho não só para os cidadãos locais como também em escala nacional. Como podemos confirmar nos pronunciamentos na inauguração da PAN, noticiadas no jornal<sup>15</sup> “Minas Gerais” no domingo dia 17 de julho de 1938, conforme transcrições a seguir:

Discurso de José Maria de Alkimin, secretário do Interior, iniciando a sessão:

"Senhor Presidente da República, a presença de V. Excia, neste estabelecimento (...) conferindo-lhe o aspecto, a projeção de um acontecimento nacional. Este ato não perde, porém, no seu caráter mineiro que agora se exprime pelas manifestações do entusiasmo, apoio e solidariedade de Minas a obra que vem sendo realizada pelo chefe da nação, no sentido dos altos interesses do país. É oportuno mencionar, mesmo de início, a solução de tantos problemas graves e urgentes relativos ao serviço social, à assistência ao trabalho e à difusão da Cultura, e consubstanciada em copiosa legislação (...) Conquistou definitivamente, também nestes domínios, o aplauso dos filhos de Minas, aos quais nada podia ser mais grato, nessa hora de admiráveis realizações e de vibrante sentimento patriótico, como ver inaugurado por V. Excia. um estabelecimento destinado a tão relevante função social (...)"

(Jornal Minas Gerais, 1938)

Fala do detento Cassimiro Osório Filho que representou outros 400 detentos:

" (...) Hoje inaugura, não é uma penitenciária e sim uma tenda de trabalho, uma verdadeira escola de regeneração, onde se estuda com modernas inovações e modos práticos, o meio elevado e o modo de regenerar o detento veio somar de vez. (...) O modo errôneo e anti-humano que geralmente se via nas cadeias públicas do interior, que em vez de reabilitar o detento, torna-o um revoltado."

(Jornal Minas Gerais, 1938)

<sup>15</sup> Páginas do jornal estão disponíveis no livro *Desenraizando os Caminhos*, PEREIRA, Régio (1988)

### Discurso do presidente Getúlio Vargas:

"Senhores: se não existe mais no direito de punir a ideia do castigo, é perfeitamente justificável que na penitenciária que hoje se inaugura, predomine uma grande parcela de bondade humana. Essa bondade humana, foi expressa pelo próprio detento. (...)"

(Jornal Minas Gerais, 1938)

### Reportagem no jornal "Minas Gerais" no domingo dia 17 de julho de 1938:

"(...) Esse monumento de técnica moderna e de ciência penal (...) procura resolver os problemas mais complexos da assistência dos desgarrados da sociedade, (...) A maneira pela qual agora vai ser encarado o assunto da regeneração dos criminosos da região os quais se encontram na penitenciária de Neves não só elementos de readaptação ao trabalho da terra, como assistência espiritual e cultural capaz de transformá-los em parcelas úteis da coletividade, é, sem dúvida, um sinal de fronteira entre duas épocas do sistema de reforma penal em Minas Gerais".

(Jornal Minas Gerais, 1938)

Ao analisar os discursos relacionados à penitenciária inferimos a sensação de pertencimento ao estado de Minas Gerais e o orgulho em inaugurar um sistema carcerário modelo com a função "civilizatória" e educadora, entretanto percebemos também um viés excludente da população carcerária vistos como "elementos inúteis" para a sociedade.

Nos terrenos da Penitenciária foram construídas 200 casas destinadas aos funcionários da penitenciária e suas famílias, lá nasceram o cartunista Henfil e o jogador de futebol Wilson Piazza. Da década de 1930 até a década de 50 a penitenciária foi modelo carcerário reconhecido internacionalmente e contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento da cidade. Seu Jardim era o principal ponto turístico do município e espaço de lazer para crianças, para alguns autores o "turismo carcerário" ou "turismo sociofamiliar prisional" mesmo que de forma sutil movimentaram e movimentam a economia local, quando esses fazem uso dos meios de transporte, alimentação e outros serviços. Com o passar dos anos a penitenciária foi perdendo seu prestígio e se desvincilhando de seu caráter social. Com a superlotação e a precarização do atendimento, em 1948 ocorreu a primeira rebelião.

Em conversa com um ex-detento da Penitenciária fica evidente que o viés não punitivo pautado na reeducação e na reintegração social se perdeu nos últimos anos. Nas palavras do ex-detento (2020):

"As punições na penitenciária são recorrentes e intensas, os agentes não respeita os presos como devem respeitar, age com covardia, eles gostam de forjar na caneta, tudo deles é na canetada, lá dentro é só tomando tapa na oreia, chute em todas as partes, na maior covardia, principalmente no regime fechado, já no regime semiaberto a pessoa tem um pouco mais de oportunidade, é um pouco mais "suave", no fechado ela não vale nada. A

higienização das celas eram precárias e o mau cheiro de ratos mortos após dedetização são frequentes.” (Entrevista pessoal com Ex-detento, 2020)

A implantação da penitenciária agrícola foi a premissa para Ribeirão das Neves ser considerada “cidade-presídio”, conforme o ex-secretário de Esporte e Cultura Rodolfo Ataíde a Penitenciária José Maria de Alkimim (PAN) “é o maior símbolo do estigma de Ribeirão das Neves como cidade presídio”, a partir da instalação do grande complexo carcerário a cidade se tornou um atalho para a fixação de outras casas de detenção fora da capital mineira. O ex-secretário destacou a mobilização em busca da desocupação da penitenciária para instalação de um espaço educativo nas instalações do Complexo Carcerário, em suas palavras “houve, na ocasião, uma articulação para a desocupação gradativa em um período de até cinco anos. Todavia, nos últimos anos as ações foram interrompidas. Pelos indícios, aparentemente, a cidade foi projetada como “espaço carcerário”, conforme indicado por Campos (2010).

#### **2.4 Bens protegidos e inventariados**

No ano de 2007, foi promulgada a Lei Municipal 3000/2007 que atribui, no artigo 2º, o inventário, o registro e o tombamento como meios de proteção dos patrimônios culturais de Ribeirão das Neves, em decorrência a instabilidade da proteção dos bens culturais do município. Podemos exemplificar com a Igreja Matriz que está localizada na parte central da cidade. Embora tenha sido tombada como patrimônio cultural do município, na década de 1990, nos anos de 2005 e 2006 houve um processo de “destombamento”. Dentre os diversos motivos que levaram à solicitação e mobilização do pároco e fiéis para esse destombamento, destacam-se a falta de investimento do poder público para reforma e manutenção, a morosidade para autorização de melhorias e obras no templo. Tais obras envolviam a ampliação da igreja, devido ao aumento desenfreado da população, o que acarretaria a perda dos traços tradicionais.

Em 2020, foi noticiado<sup>16</sup> pelo Ministério Público de Minas Gerais em Ação Civil Pública (ACP), que em razão da demolição, em 2011, do imóvel, conhecido como *Casa de Dona Mariinha*, conjunto arquitetônico inventariado em 2000, os responsáveis deveriam reparar os danos causados ao município. O imóvel possuía inestimável valor histórico e cultural e era uma das poucas edificações remanescentes que ainda existiam em Ribeirão das Neves. Após a solicitação de revogação do ato administrativo de inventário do bem, pelo proprietário do imóvel, ao Conselho Municipal de Políticas Públicas, o pedido foi atendido na mesma reunião, sem deliberação mínima e amparo em parecer técnico. Para a pesquisadora e socióloga nevensense Nayara Amorim Salgado (2019) “[...] a busca pela reconstrução da memória da cidade, a preservação de seu patrimônio cultural deve ser incentivado, de forma a fortalecer a construção social da identidade da cidade”. Amorim evidencia a riqueza cultural da cidade e reforça a necessidade de identificação e valorização desses bens, principalmente nos aspectos imateriais. O que se apresenta como um grande desafio para a cidade de Ribeirão das Neves.

#### **2.4.1 Festa “Ribeirando”**

Na década de 1990, foi criada a festa cívica “Ribeirando”, onde envolvia toda a cidade. A celebração visa a confraternização de cidadãos, com o intuito de promover a valorização do município e fortalecer o sentimento de pertença. Durante a festa era disponibilizado um grande livro para que os visitantes pudessem registrar seus sentimentos, opiniões, comentários, críticas e elogios. Embora fosse de grande importância para muitos municípios, com as trocas de gestões, por alguns anos a celebração deixou de acontecer. Entre os anos de 2018 e 2019 houve uma mobilização de alguns municípios e conselheiros do Conselho Municipal de Patrimônio para o retorno da festividade. Desde 2020 a festa cívica “Ribeirando” está em processo de registro como patrimônio imaterial.

No final da década de 1990, foi criado o primeiro mascote da cidade, retratado na imagem a seguir, o mascote exemplifica a fragilidade no diálogo com a população para a materialização do que os representam, ou mesmo do que é importante para os

---

<sup>16</sup> Ministério Público de Minas Gerais ((MPMG) - Patrimônio Histórico e cultural dia 28/05/2020 <https://www.mpmg.mp.br/areas-de-atuacao/defesa-do-cidadao/patrimonio-historico-e-cultural/noticias/acao-pede-que-responsaveis-por-demolicao-de-imovel-historico-reparem-danos-causados-a-ribeirao-das-neves.htm> acesso dia 10 de agosto de 2020.

citadinos, o monumento foi construído sem que houvesse a participação dos munícipes em sua escolha. Com a troca de gestão o mesmo foi removido da praça Central, pois não houve boa aceitação por parte dos nevenses, que não se sentiam representados pelo mascote. Publicações nas redes sociais criticando o mascote até os dias de hoje são recorrentes, conforme imagem a seguir.

**Figura 3 - - Primeiro Mascote de Ribeirão das Neves**



Fonte: Página Ribeirãodasneves.net<sup>17</sup>

#### 2.4.2 Festa tradicional “Boi da Manta”

Outra festa tradicional e inventariada no município é o “Boi da Manta<sup>18</sup>”, celebrada no período que antecede o Carnaval. É uma festa em defesa da paz, da cultura e da convivência humana, tradição herdada da cidade de Pedro Leopoldo. O Boi da Manta é acompanhado por criaturas com máscaras, fantasias, marchinhas tradicionais e diversos cidadãos espalhando a alegria pela cidade. No último dia o boi é jogado pela ponte e a morte do boi anuncia a chegada do Carnaval.

<sup>17</sup> <https://m.facebook.com/groups/ribeiraodasnevesnet/permalink/2625483661035791/> e <https://m.facebook.com/groups/ribeiraodasnevesnet/permalink/2785920801658742/>

<sup>18</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=T2qL-CW9awM>



**Figura 4 - Festa “Boi da Manta”**

Fonte: <http://nevesonline.com/cobertura-boidamanta2019/>

A cidade RN conta com apenas onze bens culturais oficializados e sob a proteção municipal, conforme já exposto no Quadro 1, desta dissertação, e um em processo de registro. É perceptível a ausência de legitimação do patrimônio cultural da cidade. Conforme o Inventário do Patrimônio Cultural (IPAC) municipal de 2015 a cidade apresentava cerca de 91 bens de interesse cultural. Nesse levantamento há um grande quantitativo de terreiros o que retrata as raízes africanas, já que a cidade conta com 71% da população autodeclarada negra.

### **2.4.3 A cultura Hip-Hop como patrimônio cultural da juventude nevensense**

Conforme live<sup>19</sup> gravada em julho de 2020, na série “O que você sabe sobre Neves?”, por meio de um diálogo entre o produtor cultural Rodolfo Ataíde e os rappers nevensenses: MC Tamara Franklin, MC Def e Dj Rudolph falam sobre a experiência com o rap, ambos tiveram seu primeiro contato com o gênero musical ainda na infância, entre 8 a 14 anos de idade. A rapper Tamara Franklin criou seu primeiro grupo de rap aos 12 anos, suas músicas denunciam o racismo e o machismo na sociedade brasileira, pesquisa sobre o congado e há algum tempo começou a unir o som dos tambores aos sons do hip-hop, criando um estilo próprio e inédito no Brasil. Vê essa expressão musical como sua própria identidade, como um caminho para a evolução, em suas palavras “o hip-hop tem o papel de politizar, de educar, de abrir portas e possibilidades”, associa o gênero musical à uma religião, conforme seu depoimento:

O Hip-hop chegou em minha vida mostrando caminhos e possibilidades, em todas as minhas conquistas o hip-hop esteve presente, todos os lugares que eu pisei até hoje foi o hip-hop que me levou, o percurso é um

<sup>19</sup> Live “o Rap e o movimento Hip-Hop de Ribeirão Das Neves”  
<https://www.facebook.com/InstitutoCulturalColetivoSemifusa/videos/584731268876433/>

“sintoma”. O hip-hop trouxe a minha própria aceitação, aceitação da minha aparência que para muitos o cabelo afro é feio, me afastou da criminalidade. Eu vejo o hip-hop como uma forma de ligação com o divino, religião é a ligação com o divino e o hip-hop é a minha forma de conexão, acredita que o “espírito” do hip-hop que habita as ruas para poder trazer resgate de consciência e para salvar jovens. (Fala da MC Tamara Franklin, ATAÍDE, Rodolfo, 2020)

Para o Dj. Rudolph o rap foi uma válvula de escape da criminalidade e um entretenimento saudável. Já o MC Def associa o rap como um despertar de consciência, um novo observar, um novo conhecer, um caminho para a ressignificação do olhar. Para ele o rap nacional é bem diferente do rap internacional do “rap na gringa” porque esses não enfrentam o descaso que enfrentamos no Brasil, em suas palavras:

“Aqui, nossa preocupação é política, falta identidade e afirmação de uma cultura própria, o rap alimenta sua inteligência, seu conhecimento. É um novo despertar de consciência pela expressão de liberdade que o jovem tem, o rap é uma educação consciente, uma educação mental. Hoje eu vejo o rap além das letras que escrevo, eu vejo no cotidiano, na forma de tratar as pessoas. Não consigo ver a desigualdade e não associar a um motivo ou justificativa. Você não consegue passar por um morador de rua, sem parar um momento para refletir que aquela situação tem um problema. O rap permite liberdade de expressão na arte, a autonomia de se sentir livre e usar a expressão artística como uma arma, a paz, como uma arma e o grito e a vontade de querer abraçar uma pessoa mesmo estando longe. No rap, a gente se divide em vários corpos pra tornar um só.” (Fala do MC Def, ATAÍDE, 2020)

Já o produtor cultural Rodolfo Ataíde ressalta seu primeiro contato com a cultura hip-hop<sup>20</sup> através do *break* (dança de rua) e deixa seu depoimento:

“Quando eu conheci essa expressão cultural, eu só pensava naquilo, só pensava na dança, na arte na evolução é uma expansão do conhecimento e uma expansão espiritual, com a dança de rua fui “obrigado” a conhecer o balé, outras expressões musicais, a pesquisar por si só. Talvez se fosse pedido por um professor na sala de aula, a gente não faria isso. Para dançar precisava entender todo aquele universo. A música é arte que transforma vidas.” (ATAÍDE, 2020)

Em entrevista, o professor de dança de rua, Breno Igino, reforça a importância do hip-hop para redução do índice de criminalidade nas periferias. Breno Igino é o idealizador do projeto “Rua”, que há seis anos atende jovens e adolescentes das três regionais da cidade. Seu interesse pela dança começou aos 11 anos de idade. No primeiro momento, seu pai apresentou certa resistência, mas com o tempo ele

---

<sup>20</sup> Cultura Hip-hop parece ter se originado em comunidades Jamaicanas, afros e latinas em Nova Iorque, na década de 1960. O Hip-hop é formado por quatro elementos - a música (DJ e MC), o break (dança de rua), poesia (rima) e o grafite (expressão de arte popular em muros). OLIVEIRA, SATHLER e LOPES (2020)

conseguiu provar a importância da dança para seu desenvolvimento pessoal, social e profissional, conforme seu depoimento:

“Eu era uma criança tímida, só vivia me escondendo por não saber me expressar e comunicar com as pessoas. Eu vi na dança de rua uma forma de escape, de fugir da timidez e do mundo fechado que eu vivia, e com isso eu conheci muitas pessoas, transformei meu modo de ser, de viver e de comunicar. Fui abençoado com o dom de saber ensinar às outras pessoas aquilo que a gente gostava de fazer que é dançar. Me orgulho de falar que desenvolvemos um trabalho que tem representatividade não só em Ribeirão das Neves, mas em toda região metropolitana. Esse trabalho é muito gratificante porque é uma forma de levar cultura e conhecimento aos jovens. Aqueles jovens que não aprenderam como se comportar e viver em família, ali a gente cria esse elo. Quando a gente cria um grupo, uma companhia, a gente faz com que aquele jovem sintam-se abraçado e importante a sua maneira, onde possa se expressar de forma livre. Eu enxergo o hip-hop hoje como uma forma de viver, de ser, de se expressar e de vencer na vida”. (Entrevista pessoal, Breno Igino, 2021)

O professor, hoje formado em Educação física, considera que o hip-hop é uma cultura acessível e requer pouco investimento, entretanto por ser uma cultura periférica é desvalorizada. “A essência do hip-hop está na força de expressão, porque nós mostramos, quem nós somos, através dos movimentos que a gente cria, executa e somos apaixonados em fazer” (Entrevista pessoal, Breno Igino, 2021).

Os MCs Tamara Franklin, Def e Dj Rudolph ao serem indagados sobre o rap/hip-hop e o posicionamento político, todos reforçaram que a “face” do Estado se apresenta através da polícia que criminaliza essa expressão musical. Esse não é um caso isolado de Ribeirão das Neves. A criminalização dos gêneros musicais que vêm da periferia, tanto o hip-hop quanto o funk, é frequente no senso “comum” da população brasileira. Os rappers evidenciam que o Estado reprime, dificulta e desvaloriza essa expressão popular, surgem diversas situações como alvarás, mobilidade, falta de políticas públicas, legislações fora do contexto que induzem a desistência e impedem essa cultura periférica. Percebem o desconhecimento e desvalorização dessa cultura, reforçam que o poder público se limita a reconhecer apenas o artesanato como cultura e ignora os diversos talentos que há na cidade. O diálogo entre o Estado e a cultura popular é sempre muito distante e burocrático, “Muitas vezes somos vencidos pelo cansaço, como no caso do Rap do Coreto”. Para o MC Def a agressão e repressão é um ato ignorante do Estado, que tem por função servir e proteger os cidadãos:

Quando não tinha nada na cidade, nenhum movimento revolucionário e cultural que incentivasse as consciências, ninguém se disponibilizou a dar início a algum projeto institucional com a organização que eles (o poder público) cobram. Quando nós nos proclamamos, vamos pra rua, fazemos o

movimento e assumimos o protagonismo, a face que o Estado nos apresenta é a polícia. Não adianta tentarmos manter a organização, porque nunca estará dentro do esperado. O Estado não apresenta para solucionar o problema, ele se apresenta para atrapalhar a solução. Hoje o Rap no Parque é o único entretenimento para a juventude da cidade e lá vai gente de todo jeito, muitas vezes tiramos do próprio bolso, carregamos as caixas de som nas costas para promover o entretenimento, e ainda assim, o Estado se apresenta pela polícia e não cumpre a função de servir e proteger. (Fala do Mc. Def, ATAÍDE, 2020)

Nos comentários, os ouvintes do debate se posicionam ressaltando a importância de levar o hip-hop para dentro das escolas, como um ato de libertação, conhecimento e desconstrução, evidenciam o estilo musical da rapper Tamara Franklin que tem levado a cultura negra nos mais altos padrões com letras e atitudes próprias. Mc Def (2020) ressalta a experiência que teve ao desenvolver projetos em escolas:

Foi muito importante para quebrar estereótipos de que o rap é uma “cultura de marginais” foi possível levar para a instituição escolar a realidade do rap, quando a criança tem acesso a essa informação ela vai olhar para uma roda de rap e vai saber que lá não tem só drogados e viciados. Levar a informação e a cultura do hip-hop é mais importante do que só fazermos as batalhas de rimas. (Fala do Mc Def, ATAÍDE 2020)

Franklin (2020) reforça que a cultura hip-hop não é machista, contrariando o que muitos tendem a pensar. A expressão musical é pela igualdade, fala de respeito, independente do gênero, cor, religião.

O hip-hop me ensinou e me ensina sobre respeito, embora tenha passado por diferentes situações de machismo na cultura, eu passo pelas mesmas situações em qualquer lugar da sociedade. O machismo é uma responsabilidade da sociedade, a superação do machismo acontecerá através do diálogo. (Fala da Mc Tamara Franklin, ATAÍDE, 2020)

Para a pesquisadora Silva (2018) a inserção de mulheres nessa cultura popular coloca em destaque pautas que geralmente não são abordadas em batalhas mistas e possibilita driblar as barreiras sexistas construídas pela sociedade. A autora aborda o Hip-hop como instrumento de luta política e emancipação para as classes subalternizadas. (SILVA, 2018). Nesse sentido, os rappers percebem essa expressão musical como um movimento político apartidário, embora muitas pessoas relacionem o gênero a uma ideologia de esquerda. Para eles o rap/hip-hop é uma expressão artística de liberdade, que vem com a função de dialogar, politizar, refletir para chegar a uma conclusão.

“A questão é não ser mentiroso, o cara cantar o que ele vive. O princípio do rap é mais uma causa atrás de justiça e combate às desigualdades

sociais, do que repressão. Gêneros são infinitos, e pessoas fazem rap para defenderem suas causas. (Fala do Mc. Def, ATAÍDE,2020)

Para eles a cultura Hip-hop tem se expandido nos últimos cinco anos, o território artístico é muito efervescente e tem características e identidade própria. Falta reconhecimento, recursos e valorização dessa cultura, independente da disponibilidade de recursos os artistas têm se mobilizado, criando possibilidades fazendo seus próprios eventos, criando home stúdios, videomakers. Para o Mc Def “muitas pessoas entenderam a causa, se viram na causa e abraçaram a causa para ‘cuspir’ verdade”, para ele raramente um artista é reconhecido na sua “casa”. Por meio das palavras destes jovens podemos perceber a importância do rap/hip-hop para as juventudes. Com muita segurança e propriedade associaram a expressão musical aos aspectos sociais, políticos, educacionais, identitários e religiosos. Em um município em que a população jovem predomina conforme censo do IBGE em 2010, 47,6% da população têm entre dez e 34 anos, percebemos uma juventude ativa e criativa, o rap/hip-hop é muito mais que um gênero musical, é pertencimento, faz parte da identidade deles.

Para os pesquisadores Oliveira, Sathler e Lopes (2020) o Rap é um relevante instrumento de arte-educação que produz formas de mobilização, intervenção político-social e conscientização. Como expressão estratégica para resistência contra as manifestações racistas e violentas do Estado e (re)existência, pois podem cantar sua existência e expressar seu valor. A cultura hip-hop tem sido estudada por diversos autores no campo da psicologia e das ciências sociais, devido às reflexões de problemáticas sociais e históricas apresentadas em suas letras. Por meio da musicalidade denunciam a exploração e exclusão e simultaneamente transformam, mobilizam e criam possibilidades, “trata-se de um novo jeito de produzir comunidade e de fazer educa(ção)” (OLIVEIRA, SATHLER E LOPES, 2020).

Em, 2015, com o primeiro Edital municipal de incentivo à cultura 001/2015, foi feito o documentário “Somos o que somos<sup>21</sup>”, idealizado pelo cinegrafista nevenense, Rodrigo Beetz e pela administradora pública e produtora cultural Marcela Menezes. Os 52 minutos de vídeo retratam a importância do hip-hop para a juventude nevenense. Na descrição do documentário o cineasta ressalta a necessidade de novos olhares para valorização do hip-hop local:

---

<sup>21</sup> Documentário “Somos o que somos” <https://www.youtube.com/watch?v=OykscBBjQ0Q>

“Nosso intuito nunca foi, simplesmente, o de contar uma história para aqueles que não conhecem o hip hop de Ribeirão das Neves. Foi, principalmente, envolver os/as sujeitos/as do hip hop na cidade, mostrar a importância e a relevância do trabalho que desenvolvem, e dar visibilidade e reconhecimento a essas pessoas e a esse trabalho. Acreditamos que Ribeirão das Neves precisa de novos olhares para contar sua história sobre novos pontos de vista. Foi a partir dessa reflexão que desenvolvemos o documentário e, ao que tudo indica, todos/as aqueles/as que participaram direta ou indiretamente da produção deste trabalho compartilham dessa opinião.” (SOMOS O QUE SOMOS, BEETZ, Rodrigo, 2016)

Em depoimentos no documentário, a juventude eleva o hip-hop como a solução para reduzir a manipulação midiática que reforça a criminalidade, a pobreza e a violência em Ribeirão das Neves, porque o “rap é evolução, através dele é possível expressar sua realidade, e promover mudanças” (Henrique Douglas), “o rap acrescenta muito conhecimento, eu ouvia uma palavra diferente no rap e tinha a curiosidade de procurar o significado, assim eu aprendi muita coisa” (Daniel Peixoto). Pelos depoimentos é possível inferir a função educadora e reflexiva presentes no hip-hop.

O segundo Edital de incentivo à cultura 001/2018, possibilitou a ampliação do grafite nos espaços da cidade. A arte do grafite cresce com leve receio, a maioria dos projetos submetidos envolve muralismo dentro das escolas, mas aos poucos vai conquistando outros espaços. Um dos projetos contemplados foi o projeto de oficina de estudos e de grafite sobre a história e o patrimônio do município, idealizado pela socióloga nevenense, Nayara<sup>22</sup> Amorim. No mês de dezembro, do mesmo ano, foi feito um painel por grafiteiros, na Rodovia LMG-806, no Bairro Neviana, com incentivo da secretária de Educação, Dolores Kícila, que atualmente ocupa o cargo de secretária interina da Secretaria de Esporte e Cultura. O painel referencia esportes da cidade.

**Figura 5 - Painel de grafite, bairro Neviana**



<sup>22</sup> Mestre e Doutoranda em Sociologia da Segurança Pública pela UFMG

Fonte: Página Neves das antigas<sup>23</sup>

Em comentários os jovens grafiteiros expõem agradecimentos e reconhecem a valorização dessa arte urbana:

*“Foi uma Honra participar. Desse projeto! Eu Game junto com meus manos Sapim e Marcos Vaz, trabalhamos pesado e em breve outros painéis. que possam financiar, os custos, que nos dê mais espaços e apoio como esse, assim incentivando a juventude a sair das drogas e da criminalidade. Fica aqui um agradecimento por fazer parte da História da cidade e poder fazer a diferença na vida das pessoas com a arte”.*

(comentário no Facebook, Jonathan Adn, 2020)

*“Agradeço a Dolores por acreditar no nosso trabalho e disponibilizar todos os materiais para que esse trabalho pudesse ser pensado, desenvolvido e concluído. São pessoas como você, que fazem de Ribeirão das Neves um lugar cada vez melhor de se viver. “O segredo é o incentivo!” Markus Vaz (2020)*

A ausência dessa representação nos muros da cidade é pauta de discussão entre os jovens e nos comentários das redes sociais, *“Sempre senti falta do grafite em Neves. Espero que venham muito mais projetos”, “podia ter mais grafites na cidade”*. Em live<sup>24</sup>, a jovem nevensense Lívia Mendes reforça:

*“A sensação de pertencimento, ela nasce quando você é ensinado que pertence aquele lugar (...) muros brancos na cidade que são pintados por crianças e jovens, isso gera pertencimento. Aprende-se muito em casa e reforça na escola. Quando você se reconhece no espaço, você preserva e valoriza. (...) Toda forma de cultura é uma contra-cultura. A mudança é uma dor constante, ela dói. Muitas vezes o conservadorismo simplesmente impõe, e o jovem tem birra disso. Políticas concretas e permanentes são necessárias.” (Fala de Lívia Mendes, ATAÍDE, 2020)*

Percebemos, que aos poucos essa juventude crítica e resistente, vem ganhando espaço e liderando as ações para a valorização da arte urbana e da cultura popular. Conforme citamos anteriormente, para o conselheiro municipal da juventude, Andrew Freitas (2020) *“Cultura é uma porta que leva à reflexão e incentiva a mudança”*. Essa mudança, já é visível nas ruas da cidade e só tende a crescer. Por meio da análise das falas, apresentadas nesta pesquisa, percebemos a necessidade de mais políticas públicas que incentivem e apoiem a cultura periférica. Conforme o ex-secretário Rodolfo Ataíde (2020), *“O jovem não deve ser pensado como um caso de polícia”* e para a jovem Lívia Mendes (2020), *“Tudo começa com a fala, a partir da linguagem você pode tanto transformar mudanças, como manter como está.”* Esse tópico reflete

<sup>23</sup><https://www.facebook.com/nevedasantigas/photos/a.891937537850350/1315060072204759>

<sup>24</sup> Live Juventude e Política: <https://www.facebook.com/901591116543250/videos/3224498300997708>

diretamente na produção dos recursos educativos desta pesquisa, que será exposto mais à frente.

#### **2.4.4 Quilombo Irmandade Nossa Senhora do Rosário**

O quilombo Irmandade Nossa Senhora do Rosário, localizado na região de Justinópolis é um quilombo urbano formado após a abolição da escravatura. Foi certificado como comunidade quilombola pela Fundação Palmares em 07/03/2016, através da Portaria 28/2016, entretanto ainda não foi oficializado como bem Imaterial do município.

Conforme o Plano Diretor (2016), consta no inventário diversas outras manifestações religiosas, o bolinho de carne do “Bar Central”, as quadrilhas diversas, a reserva ecológica e cachoeira Lajinha, nascentes nos arredores de Justinópolis, o artesanato, artes cênicas, a capoeira, o esporte slackline, danças, o rap, igrejas, fazendas, a produção de cerâmicas, que inclusive houve proposta de criação de um museu da cerâmica, mas que não se efetivou.

A inexistência de uma secretaria própria, a vulnerabilidade do território e a rotatividade na gestão cultural inviabiliza a continuidade das ações culturais no município e a oficialização desses bens. Nos últimos anos percebemos uma mobilização por parte da administração pública para tornar a cidade mais bonita e mais acolhedora. É visível a busca por melhorias e uma articulação com foco no fortalecimento do sentimento de pertença. Nos dois últimos aniversários da cidade, nos anos de 2019 e 2020, o município ganhou pórticos arquitetônicos, com mensagens “Seja bem-vindo” e “Volte sempre” nas entradas da cidade, portais com frescos “eu amo Neves” nas três regionais da cidade. Nas redes sociais institucionais da prefeitura, semanalmente, tem sido publicado patrimônios municipais e espaços da cidade. Além da inclusão do Patrimônio de Ribeirão das Neves como conteúdo na Matriz Curricular Municipal. É perceptível o avanço nas ações culturais do município, mas ainda assim se faz necessário a reflexão crítica acerca dos processos de patrimonialização.



Figura 6 - Pórticos e Portais de Ribeirão das Neves



Fonte: Ribeiraodasneves.net

As histórias dos patrimônios tradicionais, igrejas, monumentos, campanário, etc., podem ser contados de outras formas, com olhares diferentes, a história não é única, é diversa.

### 3 REDESCOBRIR E VALORIZAR O LUGAR ONDE EU VIVO

As propostas apresentadas neste capítulo partem do projeto interdisciplinar **“Redescobrir e valorizar o local onde eu vivo”** desenvolvido na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro, localizada na Região do Veneza em Ribeirão das Neves. As ações, que envolveram estudantes dos 1º e 2º ano do ensino fundamental, com idades entre 6 e 7 anos, ocorreram entre os meses de março e dezembro de 2019. Os primeiros meses foram dedicados à fundamentação teórica, à formação continuada no Canadá e ao desenvolvimento de habilidades necessárias para alfabetização e letramento. A partir de setembro, o processo foi intensificado. Neste capítulo faremos uma síntese das ações, as quais buscaram associar ensino, pesquisa e extensão e serviram de base para a produção dos recursos educativos que serão apresentados mais adiante.

Proporcionar uma educação global e de qualidade é de suma relevância para um posicionamento social e político em busca da redução das desigualdades e da valorização das diferenças. Inferimos que educação também é cultura e “acontece por meio da apropriação de um patrimônio humano de saberes, práticas, formas subjetivas, obras” (LIBÂNEO, 2010, p.19). Diversos pesquisadores ressaltam que as mudanças no processo de globalização têm abalado os sentidos e significados da sociedade, afetando diretamente a realidade docente. Nesse sentido, é importante um posicionamento pedagógico em que o estudante se sinta parte integrante da escola e não um mero espectador.

As teorias pedagógicas pós-modernas reforçam a educação como construtora social do conhecimento e a valorização dos sujeitos como protagonistas. Na perspectiva que adotamos, a função docente é ser um “Agente Transformador” que auxilia e estimula os estudantes a construírem estimativas e valores pautados na diversidade, tolerância e criatividade. Esse processo deve ser amparado na própria cultura, ao mesmo tempo em que promove a consciência de que todas as culturas têm valores equivalentes (LIBÂNEO, 2010, p.19). Assim, ao desenvolver as ações em sala de aula, buscamos extrapolar os muros da escola e valorizar as experiências culturais dos alunos, mães, responsáveis, professores e comunidade. Para se tornarem mais efetivas e condizentes com a realidade dos envolvidos, procuramos não abrir mão do protagonismo do estudante. Usaremos algumas nomenclaturas utilizadas na contemporaneidade, como “metodologias ativas”, “*Design Thinking*”, para esboçar

aos leitores que elas se asselham à pedagogia de projetos e a muitas práticas realizadas em sala de aula.

Com as metodologias ativas, buscamos privilegiar o diálogo, o engajamento, a autonomia, a colaboração e a reflexão, visando provocar a curiosidade do estudante. Na formação continuada no sistema educacional canadense foi possível vivenciar na prática a aprendizagem ativa<sup>25</sup> com foco na colaboração, cooperação e participação, assim como o *Design Thinking* que esteve presente no desenvolvimento do projeto.

**Figura 7 - Síntese do *Design Thinking***



FONTE: Programa de Desenvolvimento Profissional de Professores da Educação Básica no Canadá

O *Design Thinking* é uma abordagem focada na resolução de problemas de forma prática e criativa. A primeira etapa, empatia, envolve diálogo para compreender os problemas e desafios para os quais se pretende buscar soluções. A segunda etapa, definição, requer a organização das informações e a definição do problema em forma de pergunta: como podemos? A terceira etapa, idealização, é o momento de levantar o máximo de ideias possíveis. Nesse estágio, a criatividade se torna mais evidente. A quarta etapa, protótipo, é o momento de analisar as possíveis soluções, considerando as limitações de cada uma delas, selecionando as melhores soluções e criando um protótipo de solução. A etapa final do processo consiste no teste da solução. Com base nos resultados, nesse estágio é possível a readequação e aprimoramento da solução. Os termos utilizados na formação canadense, embora apresentem nomenclaturas diferentes, na prática, são muito parecidos com a pedagogia de projetos defendida por Paulo Freire. Nesse sentido, relataremos nos próximos tópicos como foi pensado, desenvolvido e adaptado o projeto.

<sup>25</sup> Aprendizagem ativa é quando os estudantes estão envolvidos em mais atividades que vão além de apenas escutar, eles se envolvem em diálogos, debates e soluções de problemas, além de usarem o raciocínio em nível superior. Aprendizagem ativa é aprender fazendo, aprendizagem cooperativa, aprendizagem com base em problemas, aprendizagem com base em investigações. (Bonwell, C., and Eison, J., 1991).

## 2.5 Idealização do projeto

Como mencionado na introdução desta pesquisa, a pedagogia de projetos se faz muito presente em minha prática docente, sendo que os projetos variam de acordo com as necessidades da turma e do contexto. Diferente de outros projetos, este foi concebido com uma perspectiva mais ampla. Comecei a pensá-lo em 2018, quando ainda escrevia o projeto que seria submetido ao processo seletivo de 2019 para o Mestrado Profissional. O projeto de intervenção começou a ser escrito a partir de questionamentos e falas de estudantes que provocaram inquietações, tais como: “Museus servem para que?” “Prefiro ir ao cinema a museus”, “Nunca fui ao museu”. No município de Ribeirão das Neves não há museus e o público atendido pela escola não frequenta esses espaços. Quando comecei a esboçar o projeto, pensei muito na democratização do acesso a esses espaços. E por que não criarmos nosso próprio “museu”? Após demonstrar empatia e fornecer uma definição, foi possível envolver outras pessoas na idealização. No primeiro momento pensamos em criar um “Museu itinerante” da história do bairro, no qual o acervo seria formado com objetos, fotografias e relíquias doados pelos pais e comunidade escolar. Entretanto, percebemos ao longo do projeto uma necessidade diferente. Mais importante do que construirmos nosso “museu” naquele momento, precisávamos, primeiro, reconhecer nosso espaço e nos apropriarmos da história e das culturas locais.

A hipótese e o objetivo geral eram semelhantes aos desta pesquisa. Pensamos que ao buscar a ressignificação da memória sobre a história de Ribeirão das Neves, evidenciando os casos de sucessos e pontos positivos da cidade de forma colaborativa, a aprendizagem cultural se tornaria mais significativa. Além disso, almejávamos contribuir para a motivação, o conhecimento cultural e o fortalecimento do sentimento de pertença, possibilitando ao estudante expressar-se como protagonista da transformação da realidade, e romper com estereótipos de Ribeirão das Neves.

Na primeira fase da escrita, sempre que possível, dialogávamos com a equipe escolar e outras profissionais da educação sobre o assunto, para conhecer opiniões e percepções das docentes. No início do mês de fevereiro de 2019, recebi um edital da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) direcionado a professores da Educação Básica. Consistia em uma bolsa de estudos para o

Programa de Desenvolvimento Profissional de Professores da Educação Básica no Canadá. A decisão em submeter o mesmo projeto ao programa proposto pela CAPES ocorreu por meio do diálogo com a direção, a coordenação escolar e seis docentes, uma vez que a possível aprovação acarretaria em algumas mudanças na organização escolar e adaptações no próprio projeto.

A primeira mudança no projeto foi o título, que em um primeiro momento seria “A importância da memória para motivação do aluno e (re)construção da identidade cultural”. Após reunir com outras duas professoras, adaptamos para **“Redescobrir e valorizar o local onde eu vivo”**. O objetivo geral do projeto, como assinalado acima, era o mesmo de nossa pesquisa de mestrado: desenvolver ações educativas que contribuíssem para (re)construção da identidade cultural e fortalecimento do sentimento de pertença de Ribeirão das Neves. Já os objetivos específicos eram:

- Realizar um estudo sobre a cidade e a formação do bairro Vereda, região Veneza, a partir de relatos dos responsáveis pelos estudantes e a comunidade.
- Trabalhar gráficos, tabelas, mapas, além de gêneros textuais diversos.
- Propor práticas que viabilizem a experiência e a participação ativa dos/das estudantes, por meio da exposição de um “museu itinerante” na escola.
- Analisar a percepção dos/das estudantes, mães, pais e responsáveis após a experiência da exposição museal.

O projeto envolveu diretamente 96 estudantes de 1º e 2º anos do ensino fundamental, 13 funcionários da equipe escolar, aproximadamente 25 pessoas da comunidade, entre mães, pais, responsáveis e lideranças comunitárias dos bairros Vereda, Liberdade, Vila Irmã Dulce. Indiretamente, alcançou todos os estudantes da escola, professores do turno vespertino, comunidade escolar e representantes das Secretarias Municipais de Educação e de Esporte e Cultura.

### **2.5.1 Metodologia adotada**

No início do ano, para estreitar os laços com as famílias e com a comunidade, desenvolvemos sessões informativas para as mães/pais e responsáveis por meio de reuniões na escola, conversas ao final da aula, visitas à comunidade e contato pelo WhatsApp. A proposta era incentivar a parceria voluntária da família para ouvi-los e incentivá-los a serem parte integrante das ações promovidas pela escola. Desde as

primeiras reuniões reforçamos a importância da participação deles para o desenvolvimento do projeto. Na primeira reunião de mães/pais, no início de março, o projeto foi mencionado pela pedagoga, que explicou como seria o desenvolvimento da proposta. Ressaltamos que a história e cultura local eram tão novas para os estudantes quanto para nós professores, já que 80% da equipe escolar não são moradores de Ribeirão das Neves.

Nesse primeiro momento iniciamos nossa investigação, através da pesquisa bibliográfica de casos de sucessos de cidadãos neveses, a história da formação da cidade e os patrimônios tombados e registrados pelo município. A parte da fundamentação teórica ficou sob minha responsabilidade, já que o projeto também fazia parte da pesquisa de mestrado. As demais professoras auxiliaram na execução do projeto. Ressaltamos que o projeto foi desenvolvido em turmas de unidocência, uma única professora que leciona todos os componentes curriculares, o que possibilitou a interdisciplinaridade entre todos os componentes curriculares (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Matemática, Ensino religioso, Geografia, História e Ciências). Em turmas com vários professores(as), talvez o ideal seria relacionar componentes curriculares da mesma área.

No início do mês de abril traçamos o perfil da comunidade escolar e mapeamos percepções sobre a cidade por meio de uma pesquisa de opinião com as mães, os pais e os responsáveis dos estudantes, através de formulários impressos. Dos 96 formulários enviados, foram respondidos 54, o equivalente a 56%. Os dados levantados direcionaram as práticas educativas a serem adotadas ao longo do projeto. A pesquisa revelou uma comunidade carente, em que a maioria das mães/pais e/ou responsáveis têm profissões informais ou se encontram desempregados. Embora 73% das famílias entrevistadas tivessem respondido que moravam em Ribeirão das Neves há mais de 5 anos, 53% dessas famílias afirmaram não gostar do lugar onde moram. Dentre os diversos motivos, evidenciaram a falta de infraestrutura e a falta de continuidade em políticas públicas sociais. A afirmativa: “nada na cidade vai para a frente” se repetiu em muitos formulários. Constatamos também que 49% dos responsáveis consideraram relevantes a Escola e o posto de saúde, essas respostas foram escritas pelos entrevistados em uma pergunta aberta nos formulários. Cerca de 30% responderam que não há nada importante ou deixaram de responder, os demais ressaltaram aspectos religiosos, as qualidades da sociedade e a possibilidade de conquistar uma moradia própria.

Gráfico 4 - O que considera importante no município?



Fonte: Referência à pesquisa que levantou esses dados

Entre os meses de março a agosto, realizamos a primeira etapa do projeto, que consistia na pesquisa bibliográfica, entrevistas, pesquisa de campo e a capacitação de professores da Educação Básica no Canadá nos últimos dois meses (julho e agosto). Relatamos a experiência do intercâmbio no Canadá porque a troca de experiências com outros 49 professores brasileiros possibilitou novos olhares e novas abordagens centradas no aluno. Assim como a valorização da nossa escola em todo o município e elevação da autoestima da equipe e comunidade escolar. A conquista da bolsa de estudos não foi apenas nossa, mas sim de todos os envolvidos, que se alegraram, comemoram e vivenciaram. A capacitação no Sistema Educacional Canadense foi diferente de qualquer outra capacitação que já tínhamos feito, visto que ouvimos e lemos muito poucas teorias. A prática era o que sobressaía em todas as aulas. Podemos dizer que vivenciamos as metodologias ativas e *Design Thinking* com abordagens centradas no aluno em todas as aulas. As trocas de experiências entre os outros 51 professores eram constantes, ouvimos, discutimos, enumeramos preocupações e buscamos soluções para diversos problemas que enfrentamos em nosso cotidiano docente. Em algumas aulas fomos professores, em outras alunos, jurados, brasileiros, investigadores, turistas e diversas outros papéis que nos possibilitaram uma rica experiência.

## Quadro 2 - Memorial Fotográfico - Capacitação no Canadá

### Contagem Regressiva para nossa escola chegar ao Canadá



### Despedida com a equipe escolar, alunos e pais



### Encontro com professores de todo o Brasil



### Apresentação do projeto no Canadá



### Formatura e agradecimentos



### Recepção na escola 03/09/2020





Durante a capacitação profissional no Canadá mantivemos contato através das redes sociais e WhatsApp. Regularmente nos comunicávamos com estudantes e professores por videoconferência ou por envio de vídeos. O retorno à escola foi na primeira semana de setembro do mesmo ano. Naquele momento, a escola estava desenvolvendo um projeto sugerido pela Secretaria Municipal de Educação sobre alimentação saudável, o que impossibilitou a retomada imediata do projeto “Redescobrir e valorizar o lugar onde eu vivo”. No início do mês de outubro, retomamos a execução do projeto. Reunimos todos os estudantes no pátio da escola para conversarmos sobre a formação dos bairros Vereda e Liberdade, na visão deles. Geralmente eu conduzia as discussões, ora com todas as turmas da escola, ora por ano de ensino (1º e 2º ano). A conversa se iniciou com a seguinte pergunta: Como vocês imaginam que o bairro começou? Mais que depressa várias crianças levantaram as mãos para responder, surgiram respostas algumas respostas como:

“Começou com terras e as casas eram de madeiras”;  
 “Um ajudava o outro e as portas eram iguais porteiros de fazendas”;  
 “As casas eram de palha e os índios que faziam”;  
 “Começou com muita lama e barro, aí quando chovia muito a água levava as casas que era tudo de barro” outra criança interferiu e disse: “Não eram só de barro, porque eles usavam pedras grandes também”;  
 “Naquela época não tinha lixeira e por causa disso que as ruas alagavam, não tinha nem bueiro!”  
 “Não tinha carro, nem asfalto, todo mundo andava a pé ou de carroça”...  
 (Respostas dos estudantes, 2019)

Depois de ouvir todos os estudantes, sem interferir nas respostas, trouxe a seguinte problemática: Como podemos confirmar se o que disseram está certo? Nesse momento surgiram diversas respostas como:

“É só procurar no Youtube”, “tem que procurar no Google”, “na televisão”, “ver no tablet ou celular”, “procurar nos livros”, “estudando”, “perguntando a mãe, pais e avós”, “perguntando pro pastor ou pra professora”, “no whatsapp que tem o grupo do bairro”, “ver jornal”, “perguntar para os vizinhos”... (Respostas dos estudantes, 2019)

Então, o desafio foi buscar confirmação e pesquisar sobre a formação do bairro. Desenvolvemos um pequeno formulário para direcionar as entrevistas e estipulamos que os estudantes teriam 20 dias para executarem a tarefa. O objetivo era envolver os estudantes, seus responsáveis, vizinhos e parentes para pesquisarem sobre a história da formação do bairro, assim como levantar materiais para o “museu Itinerante”. Esperávamos receber fotos, relíquias, objetos, documentos. Para melhorar o entendimento, realizamos nova reunião com as mães, pais e responsáveis para

explicar e sanar possíveis dúvidas. Como muitos alunos estavam em fase de alfabetização, a orientação foi que gravassem as entrevistas para apresentar em sala. Para os empoderar e elevar a autoestima, atribuímos a eles a responsabilidade e o protagonismo para que eles trouxessem as respostas e compartilhassem com toda a turma. Os discentes ficaram bem empolgados com a pesquisa. Dessa maneira, esse foi o gancho inicial para envolver e propiciar a aprendizagem colaborativa, para a consolidação da intervenção.

Enquanto os estudantes pesquisavam, falamos sobre a História Oral, cultura, patrimônio cultural material, imaterial e natural, preservação, conservação, tombamento. Introduzimos o gênero paródia com a música “Baby Shark<sup>26</sup>” (música muito cantada entre eles) para apresentarmos esses conceitos da Educação Patrimonial de forma divertida. Trabalhamos detalhadamente duas estrofes por semana. Posteriormente, criamos um vídeo com fotos de patrimônios materiais e imateriais do município. Nesse momento também começamos a criação de um livro sobre a cidade. O próximo capítulo detalha o processo de criação do livro.

### 2.5.2 Visita à Igrejinha da Colina

Depois de trabalharmos alguns conceitos da Educação Patrimonial, levamos os estudantes para visitar um patrimônio tombado pelo município e localizado em um dos bairros atendidos pela escola. Optamos por permitir que os estudantes explorassem o local livremente, de forma a favorecer o diálogo entre os estudantes de suas descobertas, expectativas e interesses. A experiência proporcionou uma descoberta não só para alunos, mas também para as professoras, que não conheciam a igrejinha. Ao fundo da igreja há uma casa que foi depredada. As crianças ficaram espantadas e curiosas conforme se pode ver na terceira fotografia da Figura 8.

Figura 8 - Visita à Igrejinha da Colina



Fonte: Acervo da Autora

<sup>26</sup> Paródia Cultural Baby <https://www.youtube.com/watch?v=-hzzWriyWNk>

**Figura 3 - Releitura da Igrejinha e registro fotográfico**



Fonte: Acervo da autora

### 2.5.3 Visita à horta

Trabalhamos a importância da agricultura no bairro, as profissões informais dos responsáveis, já que grande parte vive do artesanato, da culinária e da agricultura familiar. A grande horta particular que abastece os sacolões locais, foi escolhida pela proximidade da escola, localizada em um bairro vizinho, onde alguns estudantes da escola são residentes.

**Figura 4 - Visita à horta**



Fonte: Acervo da autora

### 2.5.4 Construindo a Maquete da Igrejinha

A construção da maquete, partiu de uma iniciativa nossa para atrelar objetivos da BNCC ao projeto como medidas, arte visuais e habilidades de geografia. Em todas as atividades propostas, buscamos promover a participação e a colaboração de todos alunos, embora na minha turma referência fosse possível aprofundar termos conceituais e em ações mais ativas. A Igrejinha da Colina, um templo de cunho católico e ponto de referência para as celebrações do congado, onde ocorrem festividades em honra a Nossa Senhora do Rosário, possibilitou ampliarmos discussões sobre o respeito e tolerância a diversidade religiosa e o multiculturalismo brasileiro. Infelizmente, alguns responsáveis não autorizaram a visita por se tratar de uma igreja católica.

**Figura 5 - Construção da maquete**



Fonte: Acervo da autora

### **2.5.5 Igualdade Étnico-Racial e diversidade**

As relações étnico-raciais são um tema frequente em nossas aulas. A escola atende um público formado na maioria por afrodescendentes. Todavia, os estudantes não se reconhecem como negros, muito se sentem até ofendidos quando são chamados de negros. Por esse motivo a escola vem trabalhando nos últimos dois anos com maior intensidade o tema com o intuito de superar o racismo. A temática foi inserida no projeto em sua totalidade. Trabalhamos o patrimônio imaterial registrado no município “Quilombo Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis”, assim como suas expressões musicais e culturais. Embora a Igreja Nossa Senhora do Rosário esteja localizada na região de Justinópolis, é na Igrejinha da Colina que acontecem muitas manifestações culturais do Congado. Buscamos a valorização da beleza negra e indígena, além do empoderamento e o amor-próprio dos estudantes, desenvolvemos brincadeiras como “amarelinha africana”, “arranca mandioca”, “brincadeiras de rodas” etc. Propusemos aos estudantes a reprodução de um(a) boneco(a) de pano, feito por eles com a ajuda da família, visando a valorização da negra, o estímulo à autonomia e à criatividade. Nós, professoras, cortamos os moldes e uma das professoras que também é costureira levou sua máquina e costurou todos eles. Depois cada estudante ficou responsável de encher e personalizar o seu em casa.

**Figura 6 - Atividades de valorização da diversidade étnico-racial**



Fonte: Acervo da autora

A necessidade em promover um ambiente seguro, inclusivo e acolhedor tornou-se prioridade nas aulas e nas ações promovidas. Em todas as etapas do projeto essas ações buscaram despertar o pensamento criativo dos estudantes e atribuir a eles a responsabilidade de buscar soluções para transformar nossa realidade.

Para viabilizar a participação do aluno com necessidades especiais (espectro de autismo) confeccionamos uma escultura com fita adesiva do Homem Aranha, personagem preferido do estudante. Partindo dessa perspectiva, introduzimos na disciplina de arte o conceito de “Arte contemporânea” e procuramos associar a intervenção do homem para as transformações culturais. Primeiramente, criamos uma escultura com uma aluna voluntária, os dias em que fazíamos a aula prática era um momento de curiosidade, experiência, interesse e participação dos estudantes. Muitos paravam as brincadeiras, diversões para ficarem olhando o processo de envolver partes do corpo da voluntária com fita adesiva e posteriormente dar forma a escultura.

Após mostrar ao estudante com necessidades especiais a escultura, perguntamos sobre seu interesse em ser o molde do super-herói Homem Aranha, ele ficou extremamente eufórico e queria começar de imediato. Para promover a experiência prática ao estudante foram observadas e respeitadas todas as suas especificidades, sabíamos da intolerância ao barulho e ao contato físico, então, todas as ações realizadas foram acordadas e aceitas pelo estudante. Nesse sentido, fazíamos pequenas sessões de atividades práticas, onde o próprio estudante ajudava a escolher qual aluno iria ajudar a envolvê-lo com a fita adesiva. Em respeito às necessidades do estudante era feita pequenas partes do seu corpo em dias alternados. Quando demonstrava certo desconforto, encerrávamos a atividade prática e só prosseguíamos quando o mesmo pedia para fazê-lo.

**Figura 7 - Escultura com Fita adesiva**



Fonte: Acervo da autora

Para promover seu protagonismo nas atividades foi necessário a empatia e colaboração de todos os estudantes, as ações melhoraram as interações sociais e proporcionaram segurança e disponibilidade aos alunos para lidarem com as diferenças.

### 2.5.6 Visita à Comunidade

Próximo a escola há uma “ocupação”, a Comunidade Irmã Dulce, onde muitos dos estudantes têm vergonha de morar lá. Com o objetivo de os encorajar a compartilhar história e experiências, assim como a valorização o lugar onde vivem, convidamos a todos os moradores da comunidade, que nos mostrassem o lugar onde moram, para posteriormente, apresentá-lo aos demais alunos da escola, por meio de fotos, diálogos e visita das lideranças locais. Somente uma aluna demonstrou interesse em mostrar a comunidade. Assim, fomos após o horário de aula conhecer sua realidade, pois era o horário que a mãe dela poderia nos acompanhar.

**Figura 8 - Visita a comunidade Irmã Dulce**



Fonte: Acervo da autora

### 2.5.7 Participação da comunidade (Patrimônios Vivos)

Na semana anterior à abertura da exposição que estávamos preparando foi realizada a semana de talentos, quando a cada dia recebemos a visita de um "Patrimônio vivo" para contar a história dos bairros que a escola atende. Convidamos lideranças, mães, responsáveis, e destaques de Ribeirão das Neves. Cinco lideranças foram com muita alegria e entusiasmo. No primeiro dia esteve presente a mãe de um estudante do turno da tarde e outra mãe do turno da manhã. Elas foram representar a Comunidade Irmã Dulce e falaram sobre a resistência e dificuldade para conquista da casa própria, reforçaram que elas próprias ajudaram a levantar as paredes e a construir suas casas. No segundo dia, esteve presente a D. Graça, liderança do bairro

Liberdade. Nesse dia ela levou muitas fotos e falou sobre a formação do bairro, os mutirões para construção da igreja católica do bairro Vereda e de ruas no bairro concretadas pelos próprios moradores, as reuniões públicas na Câmara Municipal, das manifestações realizadas pelos estudantes na Br-040 reivindicando a construção da passarela. No terceiro dia, foi lida a carta da mãe representando o bairro Vereda. A mãe de uma aluna ficou muito feliz com o convite, mas preferiu enviar sua fala por escrito em uma carta, pois se sentia desconfortável ao falar em público. Na carta, afirmou ter participado da luta em busca de melhorias para o bairro e falou sobre as dificuldades encontradas no início com falta de ônibus, água, esgoto, posto de saúde, escola e pavimentação. Reforçou que todas essas melhorias aconteceram devido a mobilização das mulheres do bairro. No quarto dia, esteve presente Roseli, uma das lideranças da economia solidária da cidade, formada em psicologia, ela falou sobre a formação da cidade de Ribeirão das Neves.

Para valorizar e homenagear essas mulheres, estendemos um tapete vermelho e incentivamos os estudantes a receberem com aplausos, música “Eu sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz” e muita alegria. Essa semana foi de grande aprendizado tanto para os estudantes quanto para os professores e funcionários da escola.

**Figura 9 - Visita dos “Patrimônios vivos”**



Fonte: Acervo da autora

Mudar a organização da sala, desenvolver os trabalhos em equipe foi um grande desafio, visto que a escola não possui um prédio próprio e está instalada em uma casa adaptada, logo, as salas são apertadas e não dispomos de sala multimídia, biblioteca, auditório etc. Os filmes e vídeos eram projetados em sala ou no refeitório antes ou após os recreios.

**Figura 10 - Espaços da escola**



Fonte: Acervo da autora

Na semana de talentos um dos objetivos era levar o campeão nevensense de slackline (corda bamba), Alisson Ferreira, à escola, mas não foi possível devido a inexistência de um espaço adequado para montar os equipamentos necessários. Depois de uma busca incessante, decidimos montar no campo de futebol do bairro, mas como estávamos em um período chuvoso não foi possível.

### 2.5.8 Exposição dos trabalhos

A exposição e atividades realizadas pelos estudantes foram organizadas no pátio, onde aconteceram o desfile afro, a brincadeira de amarelinha africana com a participação das mães e responsáveis. A exposição iconográfica foi organizada em cinco painéis dentro de uma sala:

**Figura 16 - Painel com a localização geográfica dos "Patrimônio material e imaterial"**

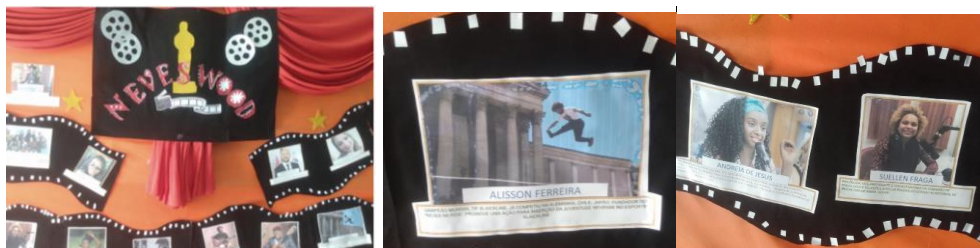


Fonte: Acervo da autora

Painel “Neveswood”, onde expusemos diversos talentos da cidade, alunos, comunidade. Nomeada como a parede da fama, com casos de sucessos e lideranças do município. Em frente a parede da fama deixamos um bilhete com um espelho embaixo, escrito "Levante e veja nosso maior talento".

**Figura 11 - Painel “Neveswood”**





Fonte: Acervo da autora

Painéis com fotos da formação do bairro e da cidade enviadas pelas mães e responsáveis foi o painel que mais chamou a atenção dos visitantes, aglomeravam-se para tentar localizar suas próprias casas, associavam as primeiras construções do bairro na primeira foto que hoje é quase imperceptível. Com orgulho comentavam que eles próprios construíram o bairro.

**Figura 12 - Bairro Vereda em 2009 e 2019**



Fonte: Acervo da autora

**Figura 13 - Painel com registro dos passeios**



Fonte: Acervo da autora

**Figura 14 - Mesa central com a maquete, bonecas e bonecos de pano**



Fonte: Acervo da autora

## 2.6 Análise dos resultados

Para organização e avaliação das ações e aprendizados, fizemos registros individuais no caderno da turma, fotografias, filmagens, frases, ilustrações dos alunos, cartas de mães, etc.

No dia posterior ao passeio à Igrejinha da Colina e à horta, fizemos uma roda de conversa para ouvir a avaliação e percepção dos estudantes e depois pedimos que eles registrassem o que eles mais gostaram. Foram analisados 47 desenhos e 28 frases. A Igrejinha apareceu em 91% dos desenhos, enquanto a horta foi lembrada por 21% dos estudantes. Os registros das meninas foram os mais detalhados. O símbolo cristão “Khi-Rho” foi o que mais chamou atenção dos estudantes no interior da igreja, apareceu em 9% dos desenhos. Em 79% das frases apareceram as palavras “Gostei, descobri, adorei, Legal, bonito, maravilhoso”.

Percebemos que as ações que aguçaram sentidos simultâneos por parte dos estudantes foram mais lembradas. O sino foi mais lembrado pelos meninos, eles foram os que mais o tocaram, até sem autorização, o Cristo também foi mais lembrado pelos meninos, lugar onde eles brincaram de esconder e tentaram se juntar para o abraçar. As meninas dentro ônibus se organizaram em grupos, no piquenique dividiram seus lanches com o cachorrinho que entrou na igreja, descobriram a casa depredada e em seus registros evidenciaram as descobertas, os sujeitos e o tempo ensolarado. Um dos estudantes registrou os regadores molhando as plantas como a parte mais legal do passeio.

















**Figura 15 - Ilustração da visita à horta**



Fonte: Acervo da Autora

A seguir apresentaremos um infográfico com as representações gráficas nos registros dos estudantes após os passeios. Para a elaboração do infográfico foram analisados os elementos representados pelas crianças por meio dos desenhos.

**Infográfico 1 - Representações nos desenhos**

			NÃO IDENTIFICOU	 TOTAL
	<b>21</b>	<b>20</b>	<b>6</b>	<b>47</b>
	<b>43%</b>	<b>10%</b>	<b>0%</b>	<b>23%</b>
	<b>95%</b>	<b>85%</b>	<b>100%</b>	<b>91%</b>
 ✱	<b>14%</b>	<b>5%</b>	<b>0%</b>	<b>9%</b>
	<b>29%</b>	<b>10%</b>	<b>50%</b>	<b>23%</b>
	<b>48%</b>	<b>55%</b>	<b>50%</b>	<b>55%</b>
	<b>48%</b>	<b>50%</b>	<b>67%</b>	<b>51%</b>
	<b>14%</b>	<b>0%</b>	<b>17%</b>	<b>9%</b>
	<b>19%</b>	<b>30%</b>	<b>0%</b>	<b>21%</b>
	<b>29%</b>	<b>20%</b>	<b>17%</b>	<b>23%</b>
	<b>52%</b>	<b>20%</b>	<b>33%</b>	<b>36%</b>
	<b>19%</b>	<b>0%</b>	<b>0%</b>	<b>9%</b>
	<b>67%</b>	<b>55%</b>	<b>33%</b>	<b>57%</b>
	<b>0%</b>	<b>5%</b>	<b>17%</b>	<b>4%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os diversos registros feitos pelos estudantes, o reconhecimento do bairro como um bom lugar para viver ficou muito evidente. Em uma conversa no início do ano, um dos alunos disse: “*Eu não gosto de morar em “Ribeirão das Trevas”, porque não tem lugar para brincar direito.*” Esse mesmo estudante ao final do projeto mudou sua narrativa e fez seu depoimento: “*Eu gosto do meu bairro porque tenho muitos amigos*”, conforme registros a seguir

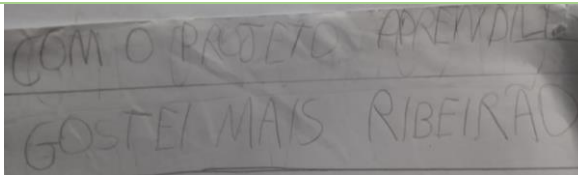
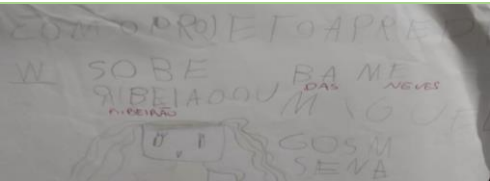

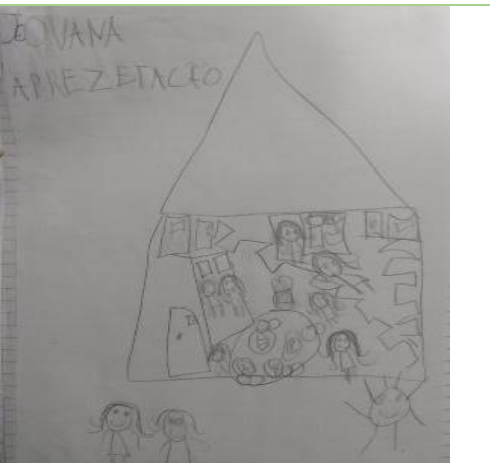
**Quadro 3 - Registros sobre os “Patrimônios vivos”**

<p>“Eu gosto do meu bairro porque tenho muitos amigos”</p>	<p>“Eu gosto de ouvir as pessoas contar do patrimônio vivo”</p>
<p>“Gosto de Patrimônio vivo”</p>	<p>“A Roseli falou sobre escravo”</p>
<p>“Caía neve no rio”</p>	<p>“Patrimônio. Era uma vez os brancos cercava os negros, mas os negros tinha a igreja em Ribeirão”</p>

Fonte: Acervo da autora

**Quadro 4 - Registro de avaliação do projeto pelos estudantes**

<p>“Eu gosto da minha escola, porque na nossa escola vem patrimônio vivo eu aprendi que o bairro Vereda não existia o bairro Vereda”</p>	<p>“Eu sou a Iris, tenho 6 anos tenho uma escola muito bonita, moro em ‘Liberdade’ o bairro é lindo”</p>
	
<p>“Com o projeto aprendi a fazer boneca de pano. Gostei mais do desfile”</p>	<p>“Redescobri e valorizar o lugar onde eu vivo com o projeto aprendi Ribeirão um rio. Gostei mais apresentação de pessoa”</p>
	
<p>“Eu descobri o lugar que eu mais gostei foi igreja, foi muito legal, eu gostei muito dai.”</p>	<p>“Com o projeto aprendi, gostei mais da igreja.”</p>
	

“Com o projeto aprendi a gostar mais de Ribeirão”	“Com o projeto aprendi sobre Ribeirão das Neves”
	
“Com o projeto aprendi, gostei mais da apresentação”	“Apresentação” (Exposição)
	

Ao analisar os registros dos estudantes é notável que a experiência na igreja e a participação dos “Patrimônios vivos” no projeto foram as ações que mais chamaram a atenção dos estudantes. No decorrer do projeto percebemos o protagonismo das mulheres para a formação e desenvolvimento do bairro, mesmo em ações que, aparentemente, a força masculina seria essencial, sem a liderança delas, talvez não seria realizado. No início do projeto, quando pensamos em criar um “Museu itinerante”, tínhamos a expectativa de receber muitos objetos, relíquias, fotos, o que não ocorreu. Na verdade, recebemos das mães e responsáveis apenas três fotografias e uma liderança comunitária nos forneceu um acervo maior com aproximadamente 40 fotografias. Ao refletir sobre a situação, percebemos que para os estudantes as histórias orais trazidas pelos patrimônios vivos e o passeio à igreja foram muito mais relevantes do que a materialidade que esperávamos no início do projeto, como relíquias, fotos, etc. A exposição apareceu em apenas dois registros de estudantes.

Agora, deslocando para a avaliação das mães e/ou responsáveis, havíamos planejado avaliar todo o processo, presencialmente, entretanto, com a suspensão das aulas devido à pandemia da Covid-19, disponibilizamos o formulário via Google

Forms<sup>27</sup> pelo whatsApp. Foram respondidos 14 formulários, de aproximadamente 80 formulários enviados, acreditamos que a quantidade de formulários não respondidos diz respeito a falta de acesso à internet. A escola atende a um público com baixo recursos financeiros e de grande vulnerabilidade. Dos formulários respondidos a maioria avaliaram o evento como “Excelente. Conforme o gráfico a seguir, o que mais chamou atenção dos visitantes foram as atividades que tiveram a participação ativa deles e dos estudantes, como as bonecas de pano, as esculturas de fitas adesivas, a apresentação dos alunos, o desfile das crianças e das mães.

**Gráfico 5 - Avaliação do evento**



Fonte: Questionário aplicado via internet (Googleforms)

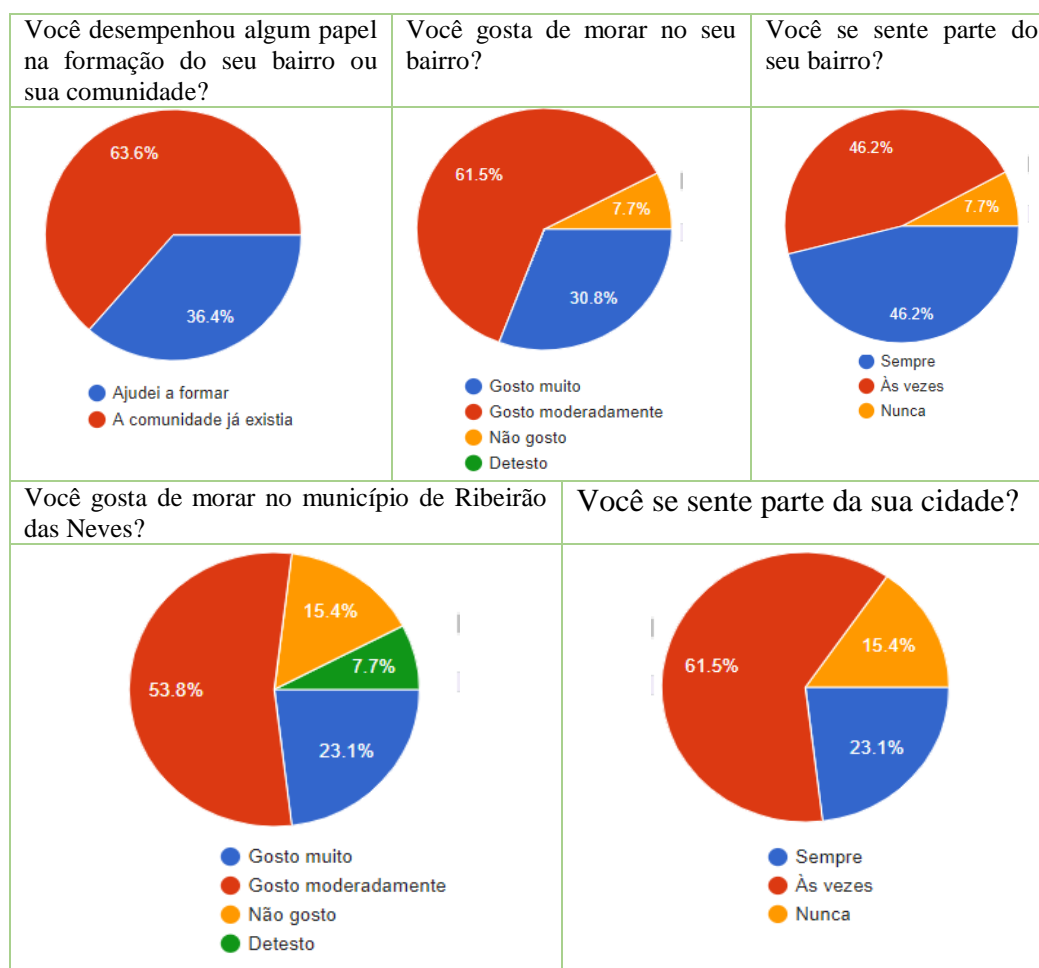
Dos formulários respondidos, 92% das pessoas não tinham conhecimento que em Ribeirão das Neves há muitos talentos reconhecidos internacionalmente. Somente 7% das pessoas declaram conhecer algum patrimônio cultural tombado em Ribeirão das Neves, 85% declaram que nunca visitaram um patrimônio e 15% visitaram a Igreja da Colina que está localizada no bairro vizinho. Ao avaliar a exposição com notas entre 0 a 10, 54% avaliou com dez pontos, 27% entre nove e oito pontos e 18% avaliou em cinco pontos. Para encerrar a parte da exposição a última pergunta foi uma pergunta aberta, “Você aprendeu algo novo através da exposição?” e seis pessoas responderam:

<sup>27</sup> <https://forms.gle/X5jy5cabg9P4FF7a6> formulário compartilhado pelas professoras no dia 01 de junho de 2020.

*“Que em neves tem muitas coisas maravilhosa”, “Sobre vários patrimônio que não conhecia”, “Muitas coisas, principalmente que Neves tem coisas para se orgulhar”, “Sim. novas culturas”, “Sim. Neves não é tão esquecida, quanto pensei”, “Sim adquirir conhecimento sobre vários espaços culturais de Ribeirão das Neves”*

Para analisar o pertencimento foram propostas cinco perguntas:

**Gráficos 6 a 10 - Pertencimento**



Fonte: Questionário aplicado via internet (Googleforms)

Ao analisar os dados constatamos que a comunidade demonstra maior pertencimento ao bairro do que à cidade. 92% demonstraram gostar do bairro em que moram. Percebemos que esse pertencimento está relacionado com a contribuição e o protagonismo na formação do bairro: mais de 60% responderam que ajudaram a formar o bairro. A mesma relação de pertencimento com a escola se dá pelo fato dela ser uma conquista da própria comunidade, conforme exposição das lideranças comunitárias. Quanto ao pertencimento à cidade, percebemos uma mudança



significativa nas respostas. Na primeira pesquisa realizada em abril de 2019, dos 54 formulários respondidos, 53% declararam não gostar da cidade onde moram, nessa nova pesquisa, em 2020, 14 formulários respondidos, esse número caiu para 23%. Ressaltamos que os dados do ano de 2020, aqui apresentados, devido ao baixo índice de respostas carecem de outras pesquisas para maior precisão dos resultados.

Durante o desenvolvimento do projeto percebemos a insuficiência de recursos didáticos sobre a história e, principalmente, sobre os bens culturais do município, o que dificulta o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Em conversas informais com professores e pedagogos do município sempre ouvia que a falta de materiais era um dos maiores desafios para trabalhar o tema. Ainda durante o projeto iniciamos a produção do recurso didático que detalharemos no próximo capítulo, assim como análise dos resultados das ações.

### **3 RECURSOS DIDÁTICOS**

Quando esboçamos o projeto, pensamos em desenvolver como recurso educativo uma formação docente. Todavia, ao executá-lo percebemos que antes de disponibilizar uma formação docente seria necessário desenvolver recursos materiais para facilitar a prática em sala.

#### **3.1 O livro “Ribeirão das Neves em Rimas”**

Buscamos produzir um material impresso para o público infantil que envolvesse os estudantes em sua produção, que fosse atrativo e que incluísse a inserção da tecnologia, mesmo que de forma sutil.

O primeiro componente do livro foi a narrativa. Sabia da necessidade do uso de uma linguagem simples e atrativa para os estudantes em fase de alfabetização. Inicialmente, não fazíamos ideia de como seria a escrita do livro, qual formato, gênero, se faria gibi, mangá ou conto. Durante a capacitação profissional no Canadá tive a oportunidade de ouvir a leitura de um cordel por uma professora que nos envolveu desde as primeiras palavras. Seu sotaque cearense; o amor com que falava de sua terra; as rimas eram como música aos nossos ouvidos, a simplicidade e emoção com que aquelas palavras soavam nos chamou a atenção de forma com que sentíamos a sensação de acalento, de emoção e de afeto.

A experiência vivenciada nos auxiliou na escolha do gênero e nos levou a dedicar a leitura de outros cordéis e nos “embrenhar” nesse desafio. A proximidade do “repente” da literatura de cordel com os duelos e batalhas de rap só reforçaram o interesse pelo gênero, com o intuito de ressoar as vozes e evidenciar o protagonismo de jovens em cidades e regiões periféricas. Além da literatura de cordel ser um poderoso recurso para a alfabetização dos estudantes, é instrumento fundamental para desenvolver a consciência fonológica deles por meio da métrica e rimas.

Enquadrar a métrica, rima e oração, foi um grande desafio, essa fase exigiu pesquisa bibliográfica, entrevistas, pesquisas de campo e muita disposição para escrever, apresentar aos alunos, reescrever, ajustar, corrigir, revisar. Escolhemos a “sextilha”, que consiste em uma estrofe com seis versos, sendo que a rima só acontece nos versos pares. Como não tínhamos prática com a separação das sílabas poéticas,

fizemos uso de sites para separá-las e usamos o dicionário de rimas. A ideia era primeiro criar as estrofes naturalmente e depois adaptá-las com auxílio dos sites<sup>28</sup>. As sílabas poéticas auxiliam no ritmo dos versos. Na primeira narrativa buscamos ressaltar os patrimônios materiais e imateriais protegidos por lei municipal. Ao ouvirmos opiniões de alguns professores percebemos a necessidade de contextualizar a narrativa por meio da criação de personagens. Além de convidar o leitor a participar da história, dando a cor e a textura que desejasse ao monumento. Desse modo, seria possível a participação direta do leitor no decorrer da narração.

Além de adicionar os personagens, buscamos evidenciar alguns casos de sucesso e talentos da cidade, percebemos que faltavam sujeitos, atores sociais para entrelaçar e complementar a narrativa. Com o intuito de envolver os estudantes na criação do livro, levamos o esboço para a sala de aula e os incentivamos a escolher os nomes dos personagens. Surgiram algumas sugestões como Sofia, Bela, Priscila, Patrícia, Alice e para o menino Bob, Rafa, Super homem, Félix. Foi preciso fazer uma votação e os nomes escolhidos foram “Bela” e “Bob”. Para adaptar ao verso e enquadrar na métrica de sete sílabas do cordel, adicionamos o sobrenome “Bill” em referência ao rapper “MV Bill”. Então, completamos a segunda versão da narrativa, que foi revisada pela cordelista cearense Francly Freire. Por diversas vezes lemos para os alunos e sempre pedíamos que explicassem o que entenderam. Ouvimos também a opinião de outros leitores adultos e professores diversos. A seguir a primeira versão da narrativa.

---

<sup>28</sup>separador de sílabas <https://www.separarensilabas.com/index-pt.php> e dicioário de rimas <http://www.rhymit.com/pt>

O meu nome é Bela  
Venho aqui desafiar  
A conhecer nossa cidade  
Com o repente, alegrar  
Peço a participação  
Para as páginas pintar...

Chamo rapper Bob Bil  
Quero te encorajar  
Viajar nos monumentos  
Com o rap, vou rimar  
Conhecer vários talentos  
Para após o recontar

Como todo cidadão  
Da história quer saber  
Ribeirão das Neves, sim!  
Ler aqui e conhecer  
Com a rima do cordel  
Todos vão surpreender

A história começou  
Com carta de sesmaria  
Nas matas de Bento Pires  
Que era como mapa guia,  
Já no século dezoito  
Jacinto a carta possuía

Construiu uma capela  
A quem tinha devoção  
Nossa Senhora das Neves  
Com toda dedicação  
Patrimônio cultural  
Pra toda população

Pertenceu a vários povos  
Contagem, Betim, Sabará  
Mas de Pedro Leopoldo  
Que veio a se emancipar  
Na década de cinquenta  
Município foi virar

Com o povo centenário  
O quilombo se formou  
Nossa Senhora do Rosário  
A irmandade nomeou  
Cultura imaterial  
Que por lei se preservou

Igrejinha da Colina  
Um local de devoção

Desde a década de trinta  
Falta Lei de proteção  
Prescrição municipal  
Decreto preservação

A cidade foi crescendo  
Com a PAN se destacou  
Essa penitenciária  
No Brasil se inovou  
De modelo carcerário  
Patrimônio se tornou

Uma torre para o sino,  
Vim falar do Campanário  
Traz memórias importantes  
Para muitos do cenário  
Junto ao cruzeiro histórico  
Como um conjunto binário

A cidade foi crescendo  
Com a PAN se destacou  
Essa penitenciária  
No Brasil se inovou  
De modelo carcerário  
Patrimônio se tornou

Lá nasceram grandes talentos  
Tricampeão da seleção  
Jogador Wilson Piazza  
Tem mestre na ilustração  
Escritor, cartunista Henfil  
New York times fez menção

Ribeirão das neves tem  
Patrimônio musical  
Chama “Heitor Vila Lobos”  
Corporação especial  
Com valor se tornou  
Patrimônio imaterial

Por falar em talento  
Tem também o campeão  
Mundial de slackline  
Alemanha, França, Japão  
Alisson Ferreira é seu nome  
Tem garra, força, dedicação

Maicon Andrade taekwondo  
Teve condecoração  
Conquistou medalha olímpica  
Treinou com dedicação

A primeira do Brasil  
Demonstrou ser campeão

Tem também autodidata  
Estilista revelação,  
Júnio Ramos que sonhou  
Representou bem ribeirão  
Campeão nacional,  
Mostrou determinação

A grande Xica da Silva  
Que empresária se tornou  
Enfrentou a violência  
Que por anos a torturou  
Fez um grupo de mulheres  
Com uma rede inovou

Valdirene e Deniziane  
A essa causa dedicaram  
Às vítimas da violência  
Com resistência ampararam  
Com oficinas de prevenção  
A muitas incentivaram

Com Andreia deputada  
Assembleia impactou  
De doméstica advogada  
Honra ao mérito ganhou  
Foi primeira negra eleita  
Na ONU representou

Preservar, salvaguardar  
A memória cultivar  
No arquivo “Nonô Carlos”  
Luis Cláudio ajudará  
Proteger, conservar  
A história lembrar,

Fundador da academia  
De letras e arte neense  
Ilka Munhoz como patrona  
Mauro Moraes o presidente  
e a ciência aqui presente  
Pertencente a toda gente

Rapper Bob Bill, eu e você  
Viemos aqui entreter  
Colorir, rimar, ler, ser  
Juntos a compreender  
Que a história, sou eu, tu,  
ele, nós, vós, elas, eles, você...

Caetano, Liza Iole da Silva (2019)

### 3.1.1 Escolha do título

Queríamos um título pequeno, simples e de fácil memorização. Após elencar 5 opções, no primeiro momento escolhemos “Ribeirão das Neves em Cordel” para valorizar também a literatura de cordel. Posteriormente foi necessário mudá-lo, pois embora trouxesse o cordel no título, as diversas revisões gramaticais no texto e as imagens escolhidas não se assemelhavam aos livros de literatura de cordel. Então, mudamos o título para “Ribeirão das Neves em Rimas”.

### 3.1.2 Ilustrações

Ao terminarmos a escrita da primeira versão voltamos a atenção para a criação dos personagens e ilustração das páginas. No início, tentamos criar os personagens, mas não ficou como queríamos. Então começamos a pesquisar sobre ilustrações de livros infantis.

**Figura 16 -Esboço Igrejinha da Colina e Campanário**



Fonte: Acervo da autora

### 3.1.3 Escolhas para publicação

Queríamos muito que esse recurso educativo extrapolasse os muros da escola, mas sabíamos que não teríamos condições de arcar com os custos sozinha. Então, fomos em busca de parcerias para sua publicação, recorremos à Secretaria de Educação, a primeira tentativa não foi muito promissora, fomos orientados a procurar a Secretaria de Esportes e Cultura. Continuamos a trabalhar a narrativa com os discentes em sala, após a leitura os convidava a recontar a história com ilustrações. As ilustrações de um aluno chamaram bastante atenção. Então começamos a orientá-lo sobre quais ilustrações precisávamos. Para a criação dos personagens principais orientamos a ilustrar

personagens que representassem o hip-hop. Para a criação dos demais personagens mostramos fotos e vídeos de forma que a ilustração ficasse parecida com os sujeitos.

**Figura 17 - Rascunho dos personagens “Bela” e “Bob Bil”**



Fonte: Acervo da autora

Mesmo orientando a criação de personagens negros, percebemos que a maioria dos desenhos criados pelos estudantes foram pintados com cores claras. Foram necessários alguns ajustes nas ilustrações dos personagens. Em uma segunda tentativa de parceria, dessa vez com alguns esboços prontos, recorri à Secretaria de Esportes e Cultura. Na ocasião o secretário já tinha conhecimento do projeto “Redescobrir e Valorizar o lugar onde eu Vivo”, e demonstrou bastante interesse no livro. Se disponibilizou a ajudar com a reprodução dos livros para estudantes do 1º ao 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. E, desde que o projeto fosse aprovado pelo Conselho de Políticas Culturais. Em nova reunião, com a presença dos secretários de Governo, de Educação, de Esporte e Cultura e com um designer do setor de Comunicação, discutimos as melhores estratégias para a reprodução do material impresso e posterior distribuição nas escolas municipais.

Nesta ocasião, a secretária de Educação Dolores Kícila se mostrou bastante interessada e sugeriu a complementação do material com jogos da memória, quebra-cabeças, banners com as fotos dos patrimônios municipais tombados e um *quiz* com perguntas e ilustrações para colorir. A ideia passou a ser distribuir kits para todas as escolas municipais. Foram sugeridas algumas adaptações no livro, como a exclusão de nomes de pessoas que estavam cumprindo mandato eletivo. Como estávamos no final do ano, não foi possível um suporte efetivo da comunicação para edição e diagramação.

No início do semestre de 2020, recebemos um edital da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, de fomento a produtos extensionistas para Educação Básica, pelo qual conseguimos auxílio para a reprodução de 132 kits, para distribuição nas escolas municipais.

**Figura 18 - Protótipo sem intervenção profissional**



Fonte: Acervo da autora

### 3.1.4 Intervenção Profissional

Com o auxílio de consultoria de design da UFMG foi possível aperfeiçoar a produção do recurso. Foram sugeridas algumas mudanças relacionadas aos personagens, que ganharam um aperfeiçoamento profissional pela designer, conforme esboço a seguir:

**Figura 19 - Releitura profissional dos personagens Bella e Bob Bill**



Fonte: Ilustração de Fernanda Costa

Embora a ilustração proposta pela designer trouxesse um visual mais bonito, arrojado e profissional, optamos por valorizar os traços do estudante. Pois, assim

manteríamos os laços afetivos dos alunos ao manusearem o livro, de forma que o estudante se visse, se reconhecesse e se sentisse representado no livro. Para a escolha da tipografia as designers apresentaram um estudo de fontes para livros infantis para avaliar qual se adequaria melhor para crianças em fase de alfabetização. Escolhemos a tipografia “DK New Beginnings”.

**Figura 20 - Protótipo com intervenção profissional**



Fonte: Acervo da autora

## 4.2. Acessibilidade

Preocupados com a questão da acessibilidade, procuramos também desdobrar o material em outras linguagens.

No Brasil, em 2000, foi sancionada a Lei da Acessibilidade nº 10.098, que visa a eliminação de barreiras nas comunicações e na informação “qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação”. Visando maior acessibilidade desenvolvemos o livro também nas versões em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e audiodescrição.

A professora e pesquisadora Karin Strobel, surda<sup>29</sup>, formada em pedagogia e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em sua tese de doutorado, “Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História” (2008), defende

<sup>29</sup> Segundo Strobel (2008): Para o povo surdo, a terminologia 'Deficiente Auditivo' é rejeitada porque define o surdo segundo sua capacidade ou ausência de ouvir e não a presença de uma cultura linguística diferente. Deficiente Auditivo - D.A., este termo 'deficiente' geralmente é utilizado na área da saúde, em que nos classificam em graus de surdez e da perda sensorial de audição. Já os sujeitos que convivem com a comunidade surda usam o termo 'surdo', pois entendem que esta denominação engloba uma diferença cultural.



a cultura surda e a língua de sinais como elemento primordial para a constituição identitária do povo surdo. Ressalta:

"Pois na língua de um povo, observa Herder, " reside toda a esfera de pensamento, sua tradição, história, religião e base da vida, todo o seu coração e sua alma". Isso vale especialmente para a língua de sinais, porque ela e a voz - não só biológica mas cultural, e impossível de silenciar - dos surdos, Oliver Sacks." (STROBEL, 2008).

Segundo Strobel (2008), os surdos, assim como outros grupos citados nesta dissertação, foram, historicamente, silenciados e estereotipados como seres inferiores, por uma influência do olhar do colonizador e opressão dos ouvintismo<sup>30</sup>, pois lhes faltava o elemento essencial para a sociedade, a linguagem oral e auditiva. Possibilitar o direito à língua e a cultura surda é um ato de respeito à surdez.

"A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal" (STROBEL, 2008a, p.42-43).

A pesquisadora reforça que ao possibilitar o acesso à língua de sinais e à participação da comunidade, crianças surdas, terão assegurados a aquisição e desenvolvimento de linguagem, assim como a elevação da autoestima, segurança e a possibilidade de desenvolver sua identidade surda. Esta pesquisa busca se amparar no respeito às diferenças, nesse sentido, fizemos parcerias com duas professoras, ouvintes, intérpretes de libras e uma estudante de pedagogia, surda e alfabetizada na língua portuguesa, para a tradução do livro "Ribeirão das Neves em Rimas", que está disponível no site que integra o "kit de Educação Patrimonial", assim como a audiodescrição.

A audiodescrição (AD) é um tema recente no Brasil: foi utilizada em público pela primeira vez em 2003 no Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência e o primeiro livro brasileiro sobre esse recurso foi publicado em 2010. A audiodescrição é um importante recurso de tecnologia assistiva<sup>31</sup> que amplia o entendimento não só de pessoas com deficiência visual, mas também de idosos, disléxicos, autistas e pessoas com deficiência intelectual. É uma mediação linguística que transforma as imagens em palavras e possibilita maior acesso e democratização de acesso ao patrimônio cultural, à

<sup>30</sup> Ouvintismo: Segundo Skliar: "(...) é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte" (1998a, p. 15) – (STROBEL p. 16, 2008)

<sup>31</sup> Tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social; (Incluído pela Lei nº 13.146, de 2015) na lei 10.098

cultura e à informação. Muito utilizada em audiovisuais, peças de teatro e aos poucos vem ganhando espaço nos museus. É de suma importância a ampliação desse recurso também no ambiente escolar. Com a audiodescrição, o conhecimento se complementa pela descrição das figuras, imagens, proporcionando a experiência de imaginar o que os olhos não veem. Embora ainda seja um recurso escasso na literatura brasileira.

Para fazer a audiodescrição foi necessária uma pesquisa prévia e o auxílio de um deficiente visual para validação. Primeiramente, fiz um roteiro e aos poucos uma criança de sete anos foi narrando, optamos por uma criança fazer a narração, para representar o público alvo. Dessa maneira pretendemos alcançar maior público de forma que o recurso se torne mais acessível e inclusivo.

Para a edição dos vídeos foram utilizados os softwares: Movie Maker do Windows, para criação e edição de vídeos; Powerpoint e Paint 3D da Microsoft, para criação e edição de apresentações gráficas e edição de imagens; o aplicativo de celular, Gravador de voz mp3; os sites unscreen<sup>32</sup>, para remoção e alteração do fundo dos vídeos gravados pelas tradutoras de libras e conversor de extensão mp4 para mp3.

#### **4.2.1 Versão final do texto**

Ao longo da pesquisa surgiram alguns imprevistos, que nos levaram a repensar alguns versos que referenciavam pessoas que cumpriam ou pleiteavam mandato eletivo, dificuldades em conseguir autorizações ou situações diversas. Outra mudança ocorreu após a qualificação desta pesquisa, quando apareceram novas reflexões. A seguir apresentamos a versão final do cordel.

---

<sup>32</sup> Site Unscreen: <https://www.unscreen.com/> foi utilizada a licença do Unscreen Pro para edição dos vídeos em libras.

Oi! Meu nome é Bela  
Venho aqui desafiar  
A decifrar a cidade,  
No passado retornar,  
Conhecer a nossa história  
Pra refletir e pensar.

Oi! Me chamo rap Bob Bil  
E quero te encorajar  
A atuar nesse momento  
Para neves transformar,  
Juntos vamos conhecer  
Talentos pra se orgulhar.

Cada casa, beco e rua  
Muito tem a ensinar  
Como todo município  
Várias histórias pra contar!  
Vem a ribeirão das neves!  
Reconhecer e habitar.

Essa história começou  
Com carta de sesmaria,  
Nas matas de Bento Pires,  
Que era como mapa guia.  
Já no século XVIII,  
Jacinto a carta possuía.

Construiu uma capela,  
A quem tinha devoção,  
Nossa Senhora das Neves,  
Com toda dedicação.  
Patrimônio cultural,  
Pra muitos de Ribeirão.

Igrejinha da Colina,  
Um local de devoção,  
Desde a década de trinta,  
Faltou lei de proteção!  
Prescrição municipal  
Decreto preservação!

Pertenceu a diversos povos:  
Contagem, Betim, Sabará;  
Mas foi de Pedro Leopoldo  
Que veio a se emancipar.  
Na década de cinquenta,  
Município foi virar.

Uma torre para o sino:  
vim falar do Campanário.  
Traz memórias importantes  
Para muitos do cenário.  
Junto com cruzeiro histórico  
Posto lá pelo vigário.

Em a "Casa Vila Fátima"  
Tem retiros lá, também.  
A entidade jesuíta  
Que a construiu. Foi além!

E, agora, "Mitra" a administra  
Lá faz ações para o bem.

A cidade foi crescendo.  
Com a PAN se destacou,  
essa penitenciária  
Que, no Brasil, inovou.  
De modelo carcerário  
Patrimônio se tornou.

Berço de grandes talentos:  
Tricampeão da seleção,  
Jogador Wilson Piazza!  
Tem mestre da ilustração.  
É o cartunista: Henfil, que  
New York Times fez menção.

Com o povo centenário,  
O quilombo pelejou.  
Nossa Senhora do Rosário,  
A Irmandade se nomeou.  
Cultura imaterial  
Que por lei se preservou.

Folia dos Santos Reis:  
Cultura de Ribeirão.  
Têm cavaquinho, viola,  
Pandeiros e violão.  
Têm reis, bandeiras e vozes,  
Celebrando a tradição.

Ribeirão das Neves tem  
Patrimônio musical:  
Grande "Heitor Vila Lobos",  
Corporação especial,  
Que, com valor, se tornou  
Patrimônio imaterial.

"ANELCA" a Academia  
de letras, arte nevensense  
Temos também a ciência  
Pertencente a toda gente  
Ilka Munhoz, a patrona  
Mauro Morais, presidente.

Vamos falar de talentos?  
Temos aqui o campeão  
Mundial de slackline!  
Na Alemanha, Chile e Japão.  
É o Alisson Ferreira!  
Tem garra e dedicação!

No quilombo, tem coral:  
Oh! "Vozes de Campanhã".  
Mulheres empoderadas  
Que mudarão o amanhã,  
Com a força feminina!  
Jovem, adulta e anciã.

As mulheres da cidade  
Mostraram sua grandeza:  
Lavadeiras; poetisas;  
Líderes; camponesas;  
Artesãs; religiosas (...)  
Que irradiam a beleza!

A trabalhadora "Xica"  
A violência enfrentou.  
Reuniu um grupo de  
mulheres,  
Com uma rede inovou.  
Da economia solidária  
Referência se tornou.

Dona Beralda escreveu  
Uma grande raridade,  
Compôs nosso primeiro hino.  
Já se foi e deixou saudade!  
Seu legado perpetuou  
Na história da cidade.

As juventudes "são demais",  
Não "cruzam os braços", não!  
Lá fazem o "rap no parque",  
O protagonismo em ação.  
Juntam-se, em coletivos,  
Em busca de progressão!

Em o "Arquivo Nonô Carlos"  
A memória vai guardar.  
Com a participação,  
Vamos todos preservar  
Esse rico patrimônio,  
Que é a história do lugar.

Nonô Carlos, foi brilhante,  
Trouxe: o banco Financeal;  
O posto de gasolina;  
O armazém regional  
E o time de futebol,  
Desenvolvendo o local.

Oh! Seria prepotência,  
Em poucos trechos, mostrar  
A riqueza de talentos  
E legados do lugar.  
Outras versões comporei  
Para assim os registrar.

A história não é única.  
Diversidade é poder!  
Há múltiplas narrações  
Não podemos esquecer!  
E o futuro quem constrói  
Somos nós todos, eu e você...

Caetano, Liza Iole S.(2020)

#### 4.2.2 Jogo da memória

Num primeiro momento, pensamos em usar as mesmas figuras do livro nos jogos, entretanto, na qualificação desta pesquisa surgiram reflexões que nos levaram a repensar o formato dos jogos. Optamos por trabalhar com fotografias, selecionando imagens que representam patrimônios não legitimados pelo poder público e que geralmente são silenciados pela história oficial. Foi desenvolvido um jogo da memória com 20 peças (10 pares) em placas de MDF tamanho 5 X 5 cm.

Figura 21 - Jogo da Memória



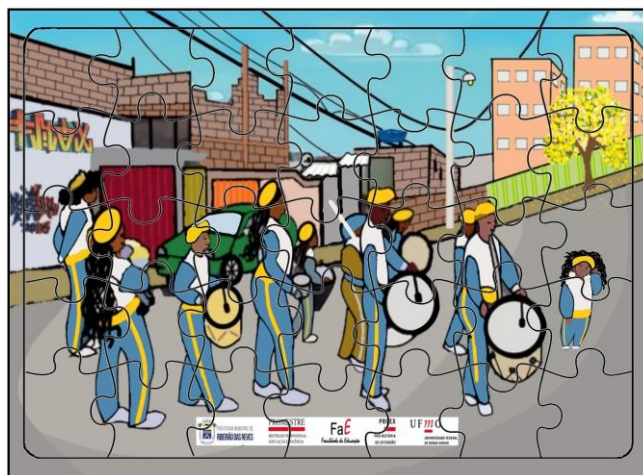
Fonte: Acervo da autora

#### 4.2.3 Jogo Quebra-cabeça

O quebra-cabeça foi um outro desafio. Assim como no jogo da memória, pensamos em usar uma fotografia. Para encontrar uma imagem com boa resolução e que representasse a cultura neense pesquisamos no arquivo público, fizemos um levantamento com a comunicação da Prefeitura, mas a complexidade das imagens nas fotografias encontradas dificultaria a montagem para crianças. Tentamos uma ilustração da cachoeira Lajinha com a designer que ilustrou o livro, mas a imagem não representava

a cidade. Então buscamos uma imagem do congado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis e fizemos uma imagem digital usando os softwares paint e paint 3D do Windows e o photoshop online. O quebra-cabeça foi feito com imagem sublimada<sup>33</sup> em MDF, tamanho 26 X 19 cm com 35 peças.

**Figura 22 - Jogo quebra-cabeça**



Fonte: Acervo da autora

#### 4.2.4 Site com material complementar

As versões digitais do livro em libras e audiodescrição foram disponibilizados na página<sup>34</sup> “RN em rimas”. Como material complementar foram disponibilizadas as ilustrações do livro para colorir, informações sobre os patrimônios materiais, imateriais e inventariados, proposta com a metodologia de Educação Patrimonial desenvolvida nesta pesquisa.

**Figura 23 - Kit de Educação Patrimonial**



Fonte: Acervo da autora

<sup>33</sup> Sublimação: a imagem impressa no papel, ao aplicar calor e pressão é transferida para a placa de madeira.

<sup>34</sup> Site com material complementar <https://sites.google.com/prod/view/rnemrimas>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada aula prática, debates, ilustrações e passeios expressaram-se em uma grande descoberta, o olhar brilhante e a satisfação de muitos alunos por serem os protagonistas das ações; a segurança dos estudantes em argumentar foi extremamente gratificante. Foi um processo construído a muitas mãos, onde todos nós trocamos experiências, aprendemos e ensinamos. Percebemos um avanço no desenvolvimento dos estudantes, vimos por parte das mães, pais e responsáveis maior interesse pelo bairro e pela cidade. Os discentes demonstraram autoconfiança nas apresentações em grupo e valorização dos valores e culturas familiares.

No decorrer da pesquisa, nosso maior desafio foi lidar com a predominância da perspectiva colonizada que está naturalizada em nossos livros didáticos, no ambiente escolar, nos documentos institucionais, nos acervos fotográficos, na publicidade midiática, na patrimonialização cultural, inclusive em nosso vocabulário. Muitas vezes transmitimos estigmas, saberes ocidentais e ocultamos conhecimentos populares de forma não intencional. No decorrer do estudo e ao relermos diversas vezes este texto, notamos que a forma como justificamos a pesquisa e falamos dos estereótipos da cidade poderiam reforçar esses estereótipos, mesmo tendo como objetivo o inverso. O mesmo podemos dizer sobre a construção dos materiais didáticos, que na primeira versão, estavam reforçando essas narrativas, quando evidenciamos as igrejas e os patrimônios oficializados pelo município, sem refletir sobre eles, por exemplo. A reflexão crítica sobre saberes que silenciam e apagam conhecimentos históricos vindos das “minorias”, é primordial para a (re)construção da identidade cultural de cidades estigmatizadas. Conforme evidenciamos no decorrer da pesquisa, esse desafio tem atraído os olhares de diversos pesquisadores, agentes culturais, jovens que não satisfeitos com a invisibilidade da cultura popular, juntam-se em busca da construção de novas narrativas. Esse não é um processo simples, demanda tempo, ações e reflexões sobre essa temática.

No início da pesquisa, essas reflexões não estavam tão evidentes, mas foram se tornando cada vez mais relevantes. Urge a necessidade da escola se transformar em um ambiente de luta e afirmação das identidades e de culturas que são invisibilizadas. Nesse sentido, vimos na Educação Patrimonial com abordagens focadas no/a estudante, uma possibilidade, por meio de ações reflexivas e problematização da realidade. Assim, contribuímos para a formação de protagonistas da transformação social de cidades estigmatizadas.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi, **O perigo de uma única história**, Tradução Juliana Romeu, São Paulo, SP. 2009.

ALMANSA, Sandra E. . **Caleidoscópio Urbano: Olhares moventes sobre a cidade**. Píxo - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 3, p. 42-57, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/17651>, acesso junho de 2020.

ANDRADE, Wagner Luciano de; ANJOS, Viviane Ferreira dos. **Desconstruindo estereótipos em Ribeirão das Neves, MG: Perspectivas e possibilidades Pedagógicas**; Joinville, SC. 2015

ARROYO, Michele. **Novos olhares e perspectivas sobre a trajetória do patrimônio cultural de Minas Gerais**. In: **Suplemento Literário - especial IEPHA, 45 anos**. Belo Horizonte, Novembro/Dezembro 2016, Edição nº 1.369, Secretaria de Estado de Cultura. Disponível em: [http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/23/Supl%20Literario%2045%20anos%20IEPHA%202016%20ed1369.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/23/Supl%20Literario%2045%20anos%20IEPHA%202016%20ed1369.pdf) acesso em 19/09/2019

ATAÍDE, Rodolfo, Live “o Rap e o movimento Hip-Hop de Ribeirão Das Neves”. Convidados Tamara Frnklin, MC Def, DJ Rudolph, Coletivo Semifusa, 2020 Disponível em: <https://www.facebook.com/InstitutoCulturalColetivoSemifusa/videos/584731268876433/>, acesso 16 de julho de 2020.

ATAÍDE, Rodolfo, Live : **Juventude e Política**. Convidados Andrew Freitas, Lívia Mendes e Bruno Balbi, Coletivo Semifusa, 2020, Disponível: <https://www.facebook.com/901591116543250/videos/3224498300997708>, acesso 13 de agosto de 2020.

BARBOZA, Rosângela; CRUZ, Glauber Eduardo Ribeiro; **Educação Patrimonial E Patrimônios Nas Cidades De Santa Luzia E Ribeirão Das Neves Em Minas Gerais: Propostas Em Busca De Identidades**; Brasil. JAMAXI v. 3 n. 2; 2019; Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/3299>

BELLO, Rosilaine Zoch. **Sistema de Arquivos da UFSM: A capacitação profissional em gestão arquivística na modalidade à distância**. 2013, Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural. Disponível: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11033> Acesso: julho de 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e Política, Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas – Volume 1**, 3ª Edição, Editora Brasiliense, 1987, p. 114 -119; 197-221.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. UFMG, 2013.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 Julho de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

BONWELL, Charles C., and JAMES A. Eison. 1991. **Active Learning; Creating Excitement in the Classroom.** ASHE-ERIC Higher Education Report No. 1. Washington, D.C.: The George Washington University, School of Education and Human Development. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED336049>, acesso em agosto de 2019

BRASIL, Emenda Constitucional N° 45/2005 que incluí o Plano Nacional de Cultura.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

CALIL, Daniéle Xavier. **A educação patrimonial no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria: um olhar direcionado aos multiplicadores de ações nas escolas.** 2011. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10993/CALIL%2c%20DANIELI%20XAVIER.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em março de 2020.

CAMPOS, Paola Rogêdo. **O arquipélago de Ribeirão das Neves: a velha na metrópole belo-horizontina;** in: Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira, 2010, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://ideas.repec.org/h/cdp/diam10/070.html>

CURY, Paula, G.; **Patrimônio + educação, políticas de gestão: novas perspectivas, largas possibilidades,** Dissertação de mestrado, UFMG, 2012; Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-97XGM2> acesso: janeiro de 2020.

DIÁRIO. **Diário do Executivo Minas Gerais:** Oficial do Estado de MG. Disponível em: <<http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/handle/123456789/102163>>. Acesso em: 07 maio. 2020.

DUTRA F., Soraia; NASCIMENTO, Sylvania S. do. **A educação no entre lugar museu e escola: um estudo das visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto.** Educação revista quadrimestral, Porto Alegre, v. 39, p. 125-134, dez. 2016.

FERNANDES, Duval M. e COELHO, Anderson B.; **Introdução, Pensando sobre Políticas Públicas de Lazer para Juventudes em contextos de vulnerabilidade social: Contribuições a partir de pesquisa em Ribeirão das Neves/Minas Gerais;** Belo Horizonte, 2009 Disponível em: <http://vitormarinho.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/236/pensandoSobrePoliticass.pdf?sequence=1&isAllowed=y> 14 de maio de 2020.

FERNANDES, Simone Monteiro Silvestre. **Reflexões para ações Educativas em conjuntos urbanos tombados: Ouro Preto.** Revista CPC - USP: Dossiê Educação Patrimonial, São Paulo, ano 2019, v. 14, n. 1, ed. 27, p. 90-110, jan/jul 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/issue/view/11073>. Acesso em: 1 mar. 2020.



FLORÊNCIO, Sônia Rampim. **Política de Educação Patrimonial no IPHAN: Diretrizes conceituais e ações estratégicas**. Revista CPC - USP: Dossiê Educação Patrimonial, São Paulo, ano 2019, v. 14, n. 1, ed. 27, p. 55-89, jan/jul 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/issue/view/11073>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; et al. **Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação**. Brasília: IPHAN, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 3

GARCIA, Regina Leite. **Para quem investigamos - Para que escrevemos: Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador**. In: MOREIRA, Antônio Flavio; SOARES, Magda; FOLLARI, Roberto A. **Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos\_O impasse dos intelectuais**. São Paulo: Cortez, 2003.

GOFFMAN, Erving, **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada** Tradução: Mathias Lambert. Data da Digitalização: 2004. Data Publicação Original: 1963.

GOLDENBERG, Mirian, **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Ed. 12ª, Editora Record, 2011.

HOLANDA, Ana; **Como se encontrar na escrita, o caminho para despertar a escrita afetiva em você**; Rio de Janeiro, Editora Rocco Ltda, 2018.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Iphan; Museu Imperial, 1999. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf) Acesso em dezembro de 2019.

LIBÂNIO, José Carlos; SANTOS, Akiko. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. 3ed. Campinas, São Paulo; Alínea, 2010.

LOUZADO, Eduardo Alexandre. **Patrimônio cultural de Rio Pardo/RS: a educação patrimonial como mediadora dos conflitos entre o tombamento e a salvaguarda patrimonial**. Orientadora: Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da Costa. 2018. 91 p. Dissertação - UFSM, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14212/DIS\\_PPGPC\\_2017\\_LOUZADO\\_EDUARDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14212/DIS_PPGPC_2017_LOUZADO_EDUARDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 1 mar. 2020.

MOORE, Carlos, **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**, 3ª edição, Belo Horizonte: Nandyala, 2020. Disponível em: <https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2018/08/carlos-moore-racismo-e-sociedade.pdf>, acesso outubro de 2020

NOELLI, Francisco Silva. **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, p. 1413-1414, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22628.pdf> acesso em 28.09.2019

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto. **Educação Patrimonial no IPHAN: Análise de uma trajetória**. Revista CPC - USP: Dossiê Educação Patrimonial, São Paulo, ano 2019, v. 14, n. 1, ed. 27, p. 32-54, jan/jul 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/issue/view/11073>. Acesso em: 1 mar. 2020.

OLIVEIRA, Esmael. A. de; SATHLER, Conrado. N.; LOPES, Roberto. C. **RAP como Educação para a Resistência e (Re)existência**. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 388-410, 2020. DOI: 10.14295/remea.v0i0.10986. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/remea/article/view/10986>. Acesso em: 11 jan. 2021.

OSMAR, H. R. S.; STEPHAN, I. I. C. **Segregação na região metropolitana de belo horizonte: o estigma de Ribeirão das Neves/MG**. Revista Políticas Públicas & Cidades, v.3, n.2, p. 128 – 144, mai/ago, 2015.

PEREIRA, Ana Carolina, **Ações de Educação Patrimonial realizadas pelo IEPHA-MG: entre os anos de 2005 a 2010**. Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis. UFV, 2017. Disponível: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/27005> Acesso: 25/09/2019

PEREIRA, Régio de Paulo. **Desenraizando os Caminhos**, Belo Horizonte; Imprensa Oficial 1988.

Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020- Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf), acesso: 13/01/2021

RIBEIRÃO DAS NEVES. Prefeitura Municipal. **Plano diretor do município de Ribeirão das Neves**. Ribeirão das Neves: PMRN, 2016.

\_\_\_\_\_. **Arquivo Público da Prefeitura Municipal**. Inventário. Ribeirão das Neves: PMRN, 2016.

\_\_\_\_\_. Lei 3000/2007 Estabelece normas de proteção do patrimônio cultural do município e institui o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de Ribeirão das Neves <https://leismunicipais.com.br/a/mg/r/ribeirao-das-neves/lei-ordinaria/2007/300/3000/lei-ordinaria-n-3000-2007-estabelece-normas-de-protecao-do-patrimonio-cultural-do-municipio-e-institui-o-conselho-municipal-do-patrimonio-cultural-de-ribeirao-das-neves-e-seu-respectivo-procedimento>

\_\_\_\_\_. Lei Nº 3527/2012 Dispõe sobre o Sistema Municipal de Cultura de Ribeirão das Neves. <https://leismunicipais.com.br/a/mg/r/ribeirao-das-neves/lei-ordinaria/2012/352/3527/lei-ordinaria-n-3527-2012-dispoe-sobre-o-sistema-municipal-de->

cultura-de-ribeirao-das-neves-designado-pela-sigla-smc-rn-seus-principios-objetivos-estrutura-organizacao-gestao-inter-relacoes-entre-os-seus-componentes-recursos-humanos-financiamento-e-da-outras-providencias

SALGADO, Nayara Amorim. **Metropolização e desigualdades: notas sobre a dinâmica de crescimento populacional e a produção do patrimônio cultural da cidade de Ribeirão das Neves** (MG - Brasil), *Revista eletrônica Ensaios*, 2019; Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/37210> acesso em maio de 2020.

SANTOS, Anderson Cunha, **Patrimônio cultural e história local: a educação patrimonial como estratégia de reconhecimento e fortalecimento do sentimento de pertença à cidade de Contagem** - Belo Horizonte, 2017. 116 f., enc, il. Dissertação - (Mestrado) - UFMG.

SCIFONI, S. (2019). **Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo**. *Revista CPC*, 14(27esp), 14-31. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27esp14-31>

SCIFONI, Simone. **Educação e patrimônio cultural: reflexões sobre o tema**. In: TOLENTINO, Atila B. (Org.). *Educação Patrimonial: reflexões e práticas*. Caderno Temático de Educação Patrimonial, João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, n. 2, p. 30-37, 2012.

SCHWARZBOLD, Karin Christine, **A capacitação Ead como forma de preservar o patrimônio documental arquivístico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-FURG**; Orientador: Prof. Dr. Andre Zanki Cordenonzi - Santa Maria, RS - 2015 - Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural.

SILVA, Karolyne Tuyane Santarém da. **Hip-Hop: instrumento social de luta e resistência periférica e feminista**. 2018. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social)–Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SIQUEIRA, Juliana Maria. **Quem educará os educadores?** A educomunicação e a formação de docentes em serviço (dissertação - mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2009.

SIVIERO, Fernando Pascuotte. **Para além das fronteiras: Patrimônio cultural, educação e territórios educativos**. *Revista CPC - USP: Dossiê Educação Patrimonial*, São Paulo, ano 2019, v. 14, n. 1, ed. 27, p. 111-132, jan/jul 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/issue/view/11073>. Acesso em: 1 mar. 2020.

SOMOS O QUE SOMOS, Direção e Roteiro, BEETZ, Rodrigo e MENEZES, Marcela. **Documentário**. Produtora Beetz Filmes, Ribeirão das Neves, 2016, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OykcBBjQ0Q>, acesso: fevereiro de 2021.

STROBEL, **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Dissertação de mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES / UFSC, 2008

TEIXEIRA, Inês. **Uma carta, um Convite**. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. *Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogos*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

TOLENTINO, Átila. **Educação Patrimonial decolonial: Perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal.** Sillogés – v.1, n.1, jan./jul. 2018 - ISSN 2595-4830, p.41 - 60, 2018.

TOLENTINO, Átila. Comunicação pessoal. **Políticas de preservação patrimonial**, Youtube. As Jornadas Virtuais do Patrimônio Cultural, Disponível: <https://youtu.be/9zTNucsxHIw> Acesso em 20 de agosto de 2020.

TOLENTINO, Átila. Live: **Por que é preciso insurgir: Educação patrimonial decolonial como projeto ético-político.** Observatório da Paisagem, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wYB4l9XfmkI>, Acesso em 7 de julho de 2020

TOLENTINO, Átila. **Políticas de preservação patrimonial**, Youtube. As Jornadas Virtuais do Patrimônio Cultural, Disponível: <https://youtu.be/9zTNucsxHIw> Acesso em 20 de agosto de 2020.

## ANEXO

**RIBEIRÃO  
DAS NEVES  
EM RIMAS**

ACESSO AO MATERIAL COMPLEMENTAR

- PATRIMÔNIOS CULTURAIS
- HISTÓRIA DO MUNICÍPIO
- PASSATEMPOS PARA IMPRIMIR
- LIVRO PARA COLORIR
- VERSÕES EM AUDIOVISUAIS

BASTA ACESSAR O SITE:  
[HTTPS://SITES.GOOGLE.COM/VIEW/RNEMRIMAS](https://sites.google.com/view/rnemrimas)  
 OU O QR CODE ABAIXO















LIZA IOLE DA SILVA CAETANO

**FICHA TÉCNICA****Pesquisadora:** Liza Iole da Silva Caetano**Orientador:** Bernardo Jefferson de Oliveira**Designer:** Deborah Coelho de Andrade, Fernanda Gabriela Costa**Orientação de designer:** Rubens Rangel Silva**Ilustração:** Fernanda Gabriela Costa, Rafael Felipe Marinho Costa**Revisão gramatical:** Edison Antônio Oliveira**Revisão do Cordel:** Francy Freire**Revisão pedagógica:** Nanci Ramos de Menezes**Audiodescrição:** Miguel Renan da Silva Caetano**Revisão da audiodescrição:** Antônio Cleber Miranda de Souza (Deficiente visual)**Tradutoras intérpretes de libras:** Ana Amélia Gonçalves Batista e Andréa Pereira Gomes de Oliveira**Tradutora intérprete surda:** Isabella Machado Alberti**Este livro foi impresso com apoio da Pró-reitoria de Extensão da UFMG - Edital de Apoio à Produtos extensionistas****Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Comunidade Brasileira de Catalogação)

Caetano, Liza Iole da Silva.  
Ribeirão das Neves em 1968 / Liza Iole da Silva  
Caetano ; [orientadora Bernardo Jefferson de Oliveira] ;  
ilustração Rafael Felipe Marinho Costa, Fernanda  
Gabriela Costa ; audiodescrição e gravação Miguel Renan  
Antônio da Silva, Deborah Coelho de Andrade. --  
1. ed. -- Belo Horizonte : Ed. da Autora, 2024.  
100m 178-66-00-0000-4

1. Literatura de cordel I. Literatura  
infantjuvenil II. Museologia cultural -- Literatura  
infantjuvenil I. Museologia cultural -- Ribeirão  
das Neves (MG) I. Literatura, Brasileira Jefferson,  
Bernardo II. Costa, Rafael Felipe Marinho III. Costa,  
Fernanda Gabriela IV. Silva, Miguel Renan  
V. Andrade, Deborah Coelho VI. VT. Título.

20-3006 CDD-028.5

**Índice para catálogo sistemático:**

1. LITERATURA DE CORDEL I. LITERATURA INFANTIL 028.5  
2. LITERATURA DE CORDEL I. LITERATURA INFANTIL  
028.5  
MEXIA ALLEN PEREIRA - BICENTENARIO - CDD-07784

**Prezado(a) Leitor (a)**

É com muita satisfação que apresento o livro: **RIBEIRÃO DAS NEVES EM RIMAS**. O desejo em escrevê-lo surgiu quando percebi a insuficiência de recursos educativos para se trabalhar a “Educação Patrimonial” no município.

Ao longo dessa construção tive o privilégio de trocar experiências com diversos atores sociais, entre docentes, pedagogas, diretores(as) escolares, estudantes, lideranças comunitárias, gestores, servidores municipais entre outros sujeitos que lutam para romper com a visão preconceituosa e a forma pejorativa com que a cidade fora apresentada pelas diversas mídias.

Com intuito de promover ações educativas que contribuíssem para o fortalecimento do sentimento de pertença e de valorização da cidade desenvolvemos o projeto “Redescobrir e Valorizar o Lugar onde eu Vivo” na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro, que ocorreu com o envolvimento de toda equipe, a participação dos alunos e da comunidade em geral, quando começou a produção do livro.

Contamos com a participação dos estudantes do turno da manhã, em especial do aluno **Rafael Felipe Marinho Costa** de 6 anos, que criou e ilustrou os personagens, da pedagoga **Nanci Ramos**, da diretora **Michele Eloina** e da jovem **Milena Ágapis Calixto Freitas** conselheira do Conselho Municipal da Juventude. Além das parcerias institucionais com **Faculdade de Educação da UFMG, Universidade, Pró-reitoria de Extensão da UFMG, Centro Universitário UNA** e com **Prefeitura e Secretarias Municipais de Educação; Cultura, Esporte e Lazer de Ribeirão das Neves**, que apoiaram o projeto e contribuíram para sua realização.

Este livro integra a pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Educação e Docência da UFMG, na linha de pesquisa **Educação em museus e divulgação científica**.

Esperamos contribuir para um despertar na admiração e ressignificação do olhar sobre nossa cidade, que se faz por pessoas talentosas, acolhedoras, trabalhadoras e persistentes.



CADA CASA, BECO E RUA  
MUITO TEM A ENSINAR  
COMO TODO MUNICÍPIO  
VÁRIAS HISTÓRIAS PRA CONTAR!  
VEM A RIBEIRÃO DAS NEVES!  
RECONHECER E HABITAR.

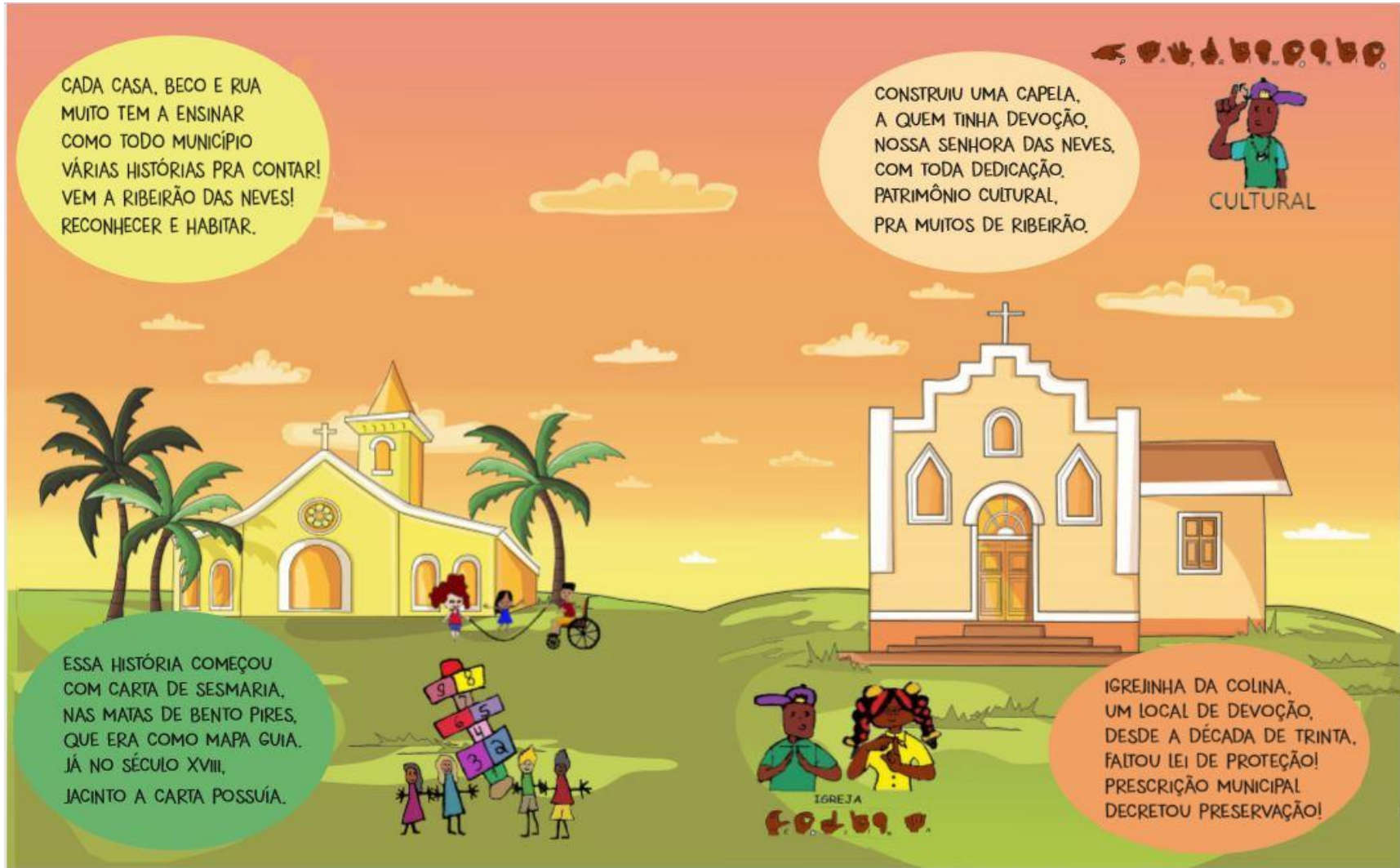
CONSTRUIU UMA CAPELA,  
A QUEM TINHA DEVOÇÃO,  
NOSSA SENHORA DAS NEVES,  
COM TODA DEDICAÇÃO.  
PATRIMÔNIO CULTURAL,  
PRA MUITOS DE RIBEIRÃO.



CULTURAL

ESSA HISTÓRIA COMEÇOU  
COM CARTA DE SESMÁRIA,  
NAS MATAS DE BENTO PIRES,  
QUE ERA COMO MAPA GUIA.  
JÁ NO SÉCULO XVIII,  
JACINTO A CARTA POSSUÍA.

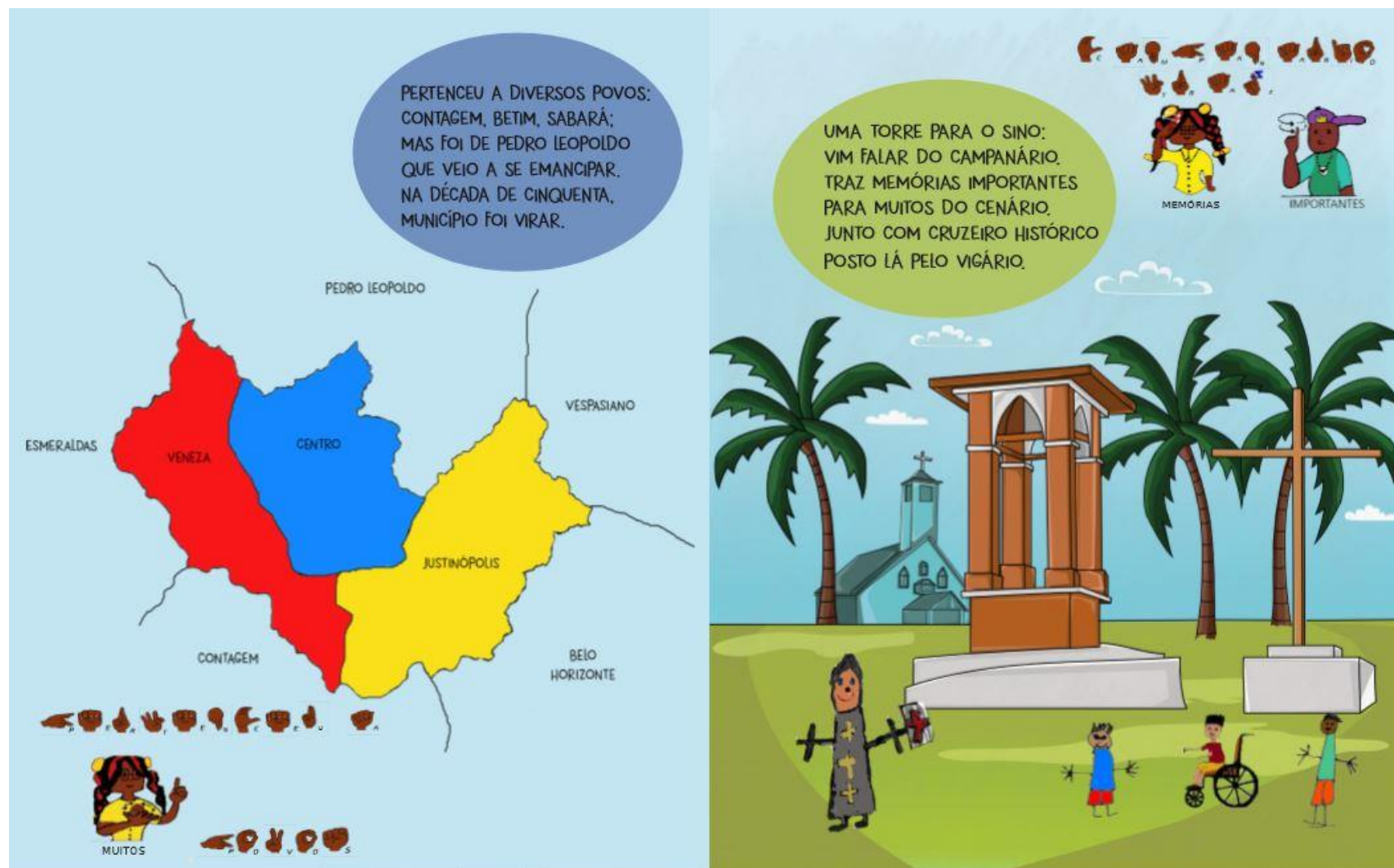
IGREJINHA DA COLINA,  
UM LOCAL DE DEVOÇÃO,  
DESDE A DÉCADA DE TRINTA,  
FALTOU LEI DE PROTEÇÃO!  
PRESCRIÇÃO MUNICIPAL  
DECRETOU PRESERVAÇÃO!



IGREJA

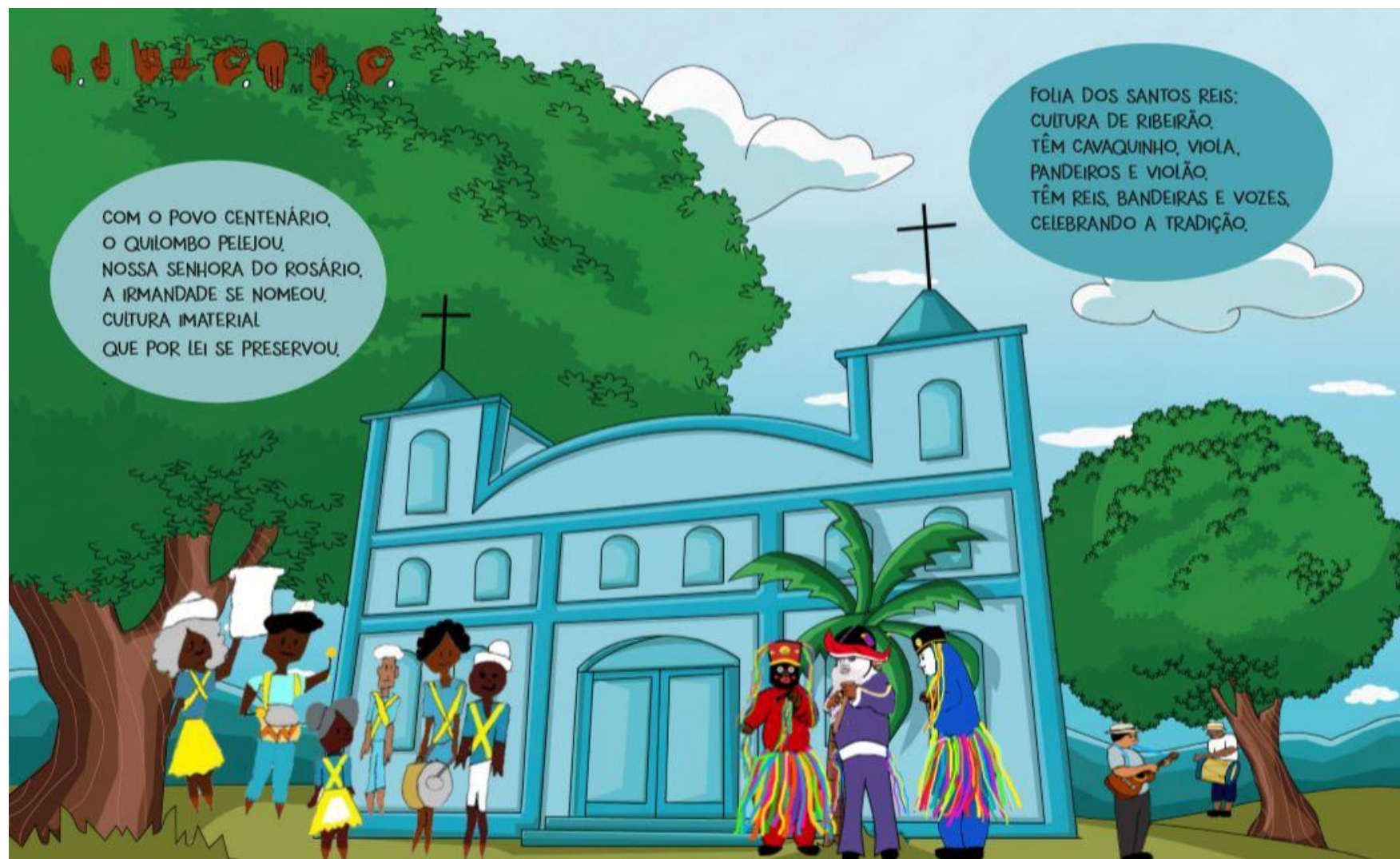


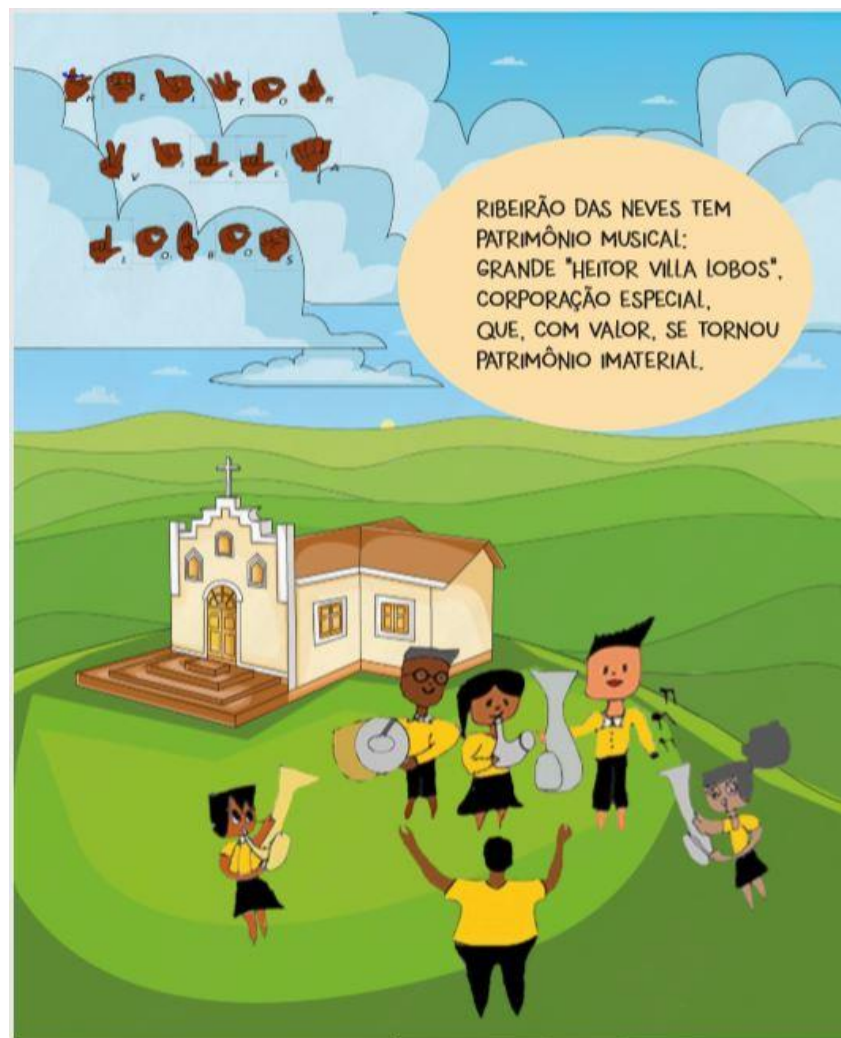










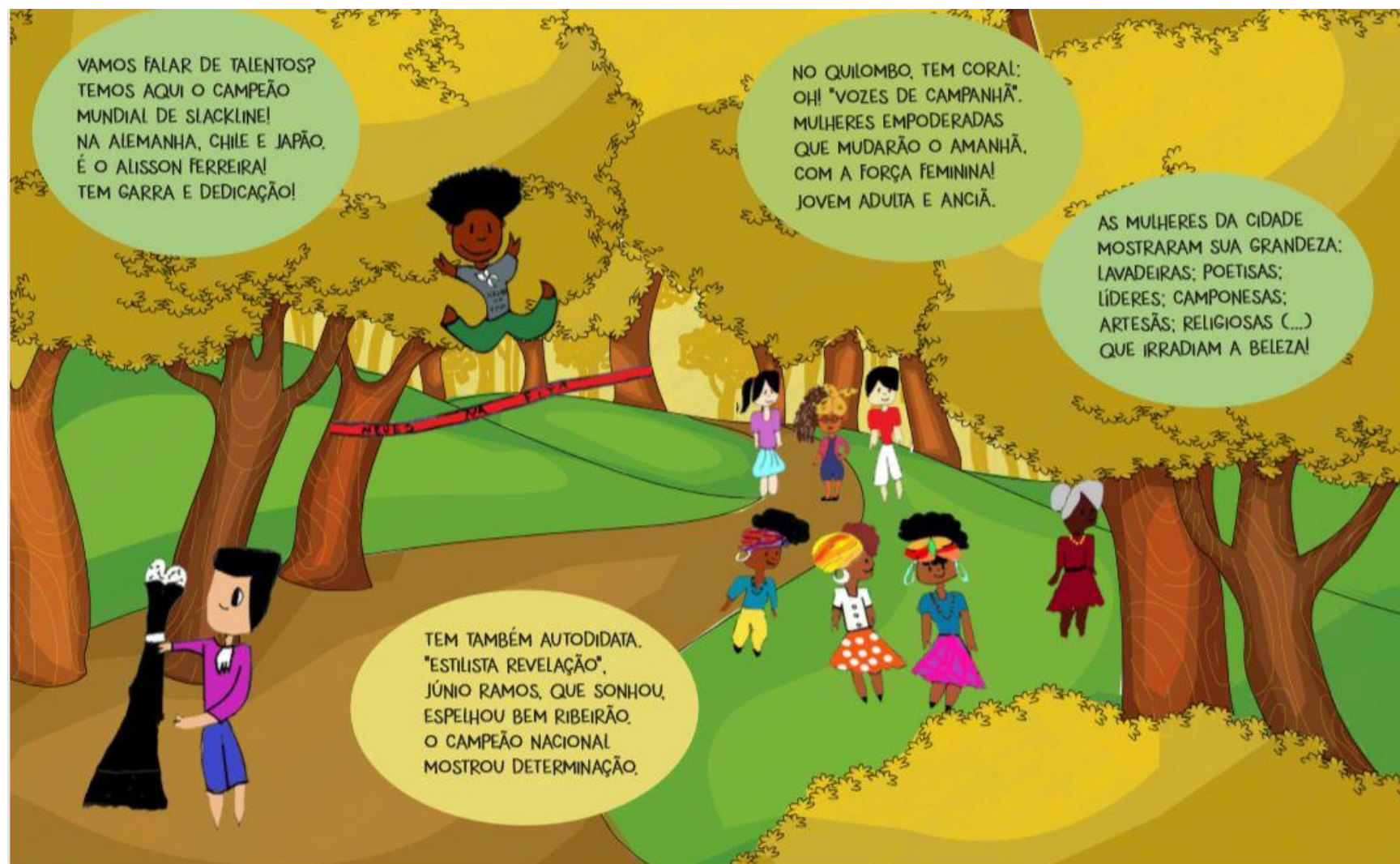


RIBEIRÃO DAS NEVES TEM  
PATRIMÔNIO MUSICAL:  
GRANDE "HEITOR VILLA LOBOS",  
CORPORAÇÃO ESPECIAL,  
QUE, COM VALOR, SE TORNOU  
PATRIMÔNIO IMATERIAL.



"ANELCA" A ACADEMIA  
DE LETRAS, ARTE NEVENSE  
TEMOS TAMBÉM A CIÊNCIA  
PERTENCENTE A TODA GENTE  
ILKA MUNHOZ, A PATRONA  
MAURO MORAIS, PRESIDENTE





A TRABALHADORA "XICA" A VIOLÊNCIA ENFRENTOU, REUNIU UM GRUPO DE MULHERES, COM UMA REDE INOVOU. DA ECONOMIA SOLIDÁRIA REFERÊNCIA SE TORNOU.



DONA BERAILDA ESCREVEU UMA GRANDE RARIDADE, COMPÔS NOSSO PRIMEIRO HINO. JÁ SE FOI E DEIXOU SAUDADE! SEU LEGADO PERPETUOU NA HISTÓRIA DA CIDADE.



AS JUVENTUDES "SÃO DEMAIS", NÃO "CRUZAM OS BRAÇOS", NÃO! LÁ FAZEM O "RAP NO PARQUE", O PROTAGONISMO EM AÇÃO. JUNTAM-SE, EM COLETIVOS, EM BUSCA DE PROGRESSÃO!







## GLOSSÁRIO

- **AUTODIDATA:** Pessoa que tem a capacidade de aprender por conta própria. Sem ajuda do professor.
- **CAMPANÁRIO:** Torre de sinos.
- **CARTA DE SESMARIA:** Lotes de terras cedidos para o cultivo no período de colonização.
- **ECONOMIA SOLIDÁRIA:** Relacionada ao cooperativismo, à coletividade de produção, distribuição, gestão e comercialização.
- **EMANCIPAR:** Tornar-se independente.
- **MITRA:** É a jurisdição (administração) do próprio bispo.
- **NEW YORK TIMES:** É um dos jornais mais populares do mundo.
- **PATRIMÔNIO CULTURAL:** Conjunto de bens ou valores, naturais ou criados pelo homem.
- **PRESCRIÇÃO:** Ordem formal, regulamentação, determinação.
- **REPELENTE:** É uma arte nordestina baseada no improviso, música, verso ou poema e na agilidade verbal do cantador, alternado por dois cantores.
- **SLACKLINE:** É um esporte, que tem como objetivo manter o equilíbrio sobre uma fita estreita de nylon.
- **VIGÁRIO:** Representante religioso (padre).

Fonte: <https://www.dicio.com.br/>



## SOBRE A AUTORA

LIZA IOLE DA SILVA CAETANO



Uma sonhadora que acredita na força transformadora da educação. Mãe de dois filhos, Victor e Miguel, apaixonada pelo meu super parceiro e incentivador Charles Caetano Soares. Professora, licenciada em Pedagogia e Letras; Especialização em Ciência da Religião; Participante do Programa de Desenvolvimento Profissional de Professores da Educação básica no Canadá como bolsista/ CAPES; Mestranda pela Faculdade de Educação da UFMG. Sigamos lutando por uma educação pública de qualidade, abraços.

## ILUSTRADORES



RAFAEL FELIPE MARINHO COSTA

"Tenho 6 anos, sou filho da Aline e do Kleber, tenho uma irmã que se chama Emily, gosto muito de desenhar, de super-heróis e de brincar."



FERNANDA GABRIELA COSTA

É vegetariana, estudante de Design Gráfico e, além de ter uma cadela idosa com nome de gente (Cátia Júlia), também tem uma paixão absurda por arte. Deseja ser capaz de mudar o mundo e acredita na democratização do conhecimento e na valorização da educação pública.



## DESIGNER



DEBORAH COELHO DE ANDRADE

Estudante de Design Gráfico, graduada em Biologia, nerd, especialmente apaixonada por livros. Acredita que os livros transformam pessoas e mundo para melhor.



## CAPA VERSÃO EM LIBRAS



**GLOSSÁRIO**

- **AUTODIDATA:** Pessoa que tem a capacidade de aprender por conta própria. Sem ajuda do professor.
- **CAMPANÁRIO:** Torre de sinos.
- **CARTA DE SESMARIA:** Lotes de terras cedidos para o cultivo no período de colonização.
- **ECONOMIA SOLIDÁRIA:** Refacionada ao cooperativismo, à coletividade de produção, distribuição, gestão e comercialização.
- **EMANCIPAR:** Tornar-se independente.
- **MITRA:** É a jurisdição (administração) do próprio bispo.
- **NEW YORK TIMES:** É um dos jornais mais populares do mundo.
- **PATRIMÔNIO CULTURAL:** Conjunto de bens ou valores, naturais ou criados pelo homem.
- **PRESCRIÇÃO:** Ordem formal, regulamentação, determinação.
- **REPENTE:** É uma arte nordestina baseada no improviso, música, verso ou poema e na agilidade verbal do cantador, alternado por dois cantores.
- **SLACKLINE:** É um esporte, que tem como objetivo manter o equilíbrio sobre uma fita estreita de nylon.
- **VIGÁRIO:** Representante religioso (padre).

Fonte: <https://www.dicio.com.br/>

**SOBRE A AUTORA**

**LIZA IOLE DA SILVA CAETANO**



Uma sonhadora que acredita na força transformadora da educação. Mãe de dois filhos, Victor e Miguel, apaixonada pelo meu super parceiro e incentivador Charles Caetano Soares.

Professora, licenciada em Pedagogia e Letras; Especialização em Ciência da Religião; Participante do Programa de Desenvolvimento Profissional de Professores da Educação básica no Canadá como bolsista/ CAPE; Mestranda pela Faculdade de Educação da UFMG.

Sigamos lutando por uma educação pública de qualidade, abraços.

**Intérpretes**

**ANDREA PEREIRA GOMES DE OLIVEIRA**

Intérprete ouvinte

**ISABELLA MACHADO ALBERTI**

Intérprete surda

**ANA AMÉLIA GONÇALVES BATISTA**

Intérprete ouvinte



SITE: <https://sites.google.com/view/rnemrimas/p%C3%A1gina-inicial>

rnemrimas PÁGINA INICIAL · JOGOS · QUIZ · Patrimônios Municipais · História do Município

# RIBEIRÃO DAS NEVES EM RIMAS

## ACESSIBILIDADE

### Livro acessível

É com muita satisfação que apresentamos o livro: **RIBEIRÃO DAS NEVES EM RIMAS**. Com intuito de promover ações educativas que contribuíssem para o fortalecimento do sentimento de pertença e de valorização da cidade desenvolvemos o projeto **"Redescobrir e Valorizar o Lugar onde eu Vivo"** na Escola Municipal Analito Pinto Monteiro, que ocorreu com o envolvimento de toda equipe, a participação dos alunos e da comunidade em geral, quando começou a produção do livro. Contamos com a participação especial do aluno Rafael Felipe Marinho Costa de 6 anos, que criou e ilustrou os personagens. O livro foi desenvolvido em consonância com a Lei de Acessibilidade 10.098/dez de 2000 e visa eliminar barreiras no acesso à informação e à comunicação no ambiente escolar.

(((AUDIODESCRIÇÃO)))

**Audiodescrição** na voz de Miguel Renan da Silva Caetano (6 anos) **Narração** Liza Iole da Silva Caetano  
**Ilustração:** Fernanda Gabriela Costa (Cenário), Rafael Felipe Marinho Costa (Personagens) **Diagramação:** Deborah Coelho de Andrade, Ruberis Rangel Silva



## JOGOS

### KIT "EDUCAÇÃO PATRIMONIAL"

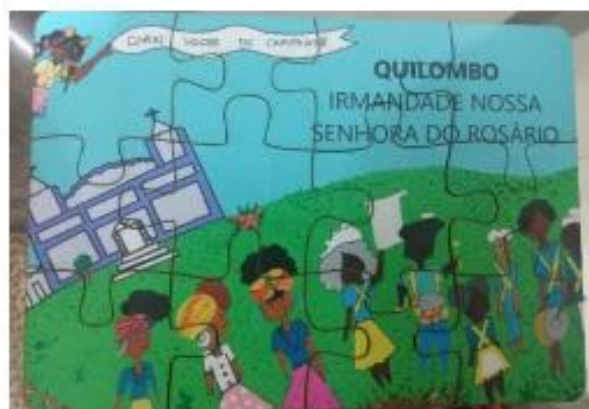


### Quebra-cabeça (Arte Final)



## PROTÓTIPOS

### Quebra-Cabeça



### Jogo da memória (1º Protótipo)



Clique para editar o texto

# QUIZ

## CENÁRIOS DO LIVRO PARA COLORIR



Igreja Nossa Senhora do Rosário



Casa do cartunista Henfil



Igreja Nossa Senhora das Neves

ANELCA - Academia de letras,  
ciência e arte

Campanário e cruzeiro



Casa Vila Fátima



Penitenciária Agrícola



Arquivo Público Nonô Carlos

## Personagens Originais para colorir



Cartunista Henfil e Piazza



Bob Bill e Bela



Bela



Bob Bill



Empreendedora Xica da Silva



Juventudes



Bob Bill



Júnio Ramos



# Síntese da História do Município

## Síntese da história de Ribeirão das Neves

